

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

PATRÍCIA GONZAGA DE OLIVEIRA

POUSADA E TERRITÓRIO:
UM ESTUDO DE CASO DA CIDADE DE TIRADENTES-MG

São Paulo

2006

PATRÍCIA GONZAGA DE OLIVEIRA

**POUSADA E TERRITÓRIO:
UM ESTUDO DE CASO DA CIDADE DE TIRADENTES-MG**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Hospitalidade, linha de pesquisa: Políticas e Gestão de Hospitalidade e Turismo, da Universidade Anhembi Morumbi

Orientador: Davis Gruber Sansolo

São Paulo

2006

PATRÍCIA GONZAGA DE OLIVEIRA

**POUSADA E TERRITÓRIO:
UM ESTUDO DE CASO DA CIDADE DE TIRADENTES-MG**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Hospitalidade, linha de pesquisa: Políticas e Gestão de Hospitalidade e Turismo, da Universidade Anhembi Morumbi

Aprovado em:

Prof. Dr. DAVIS GRUBER SANSOLO
Universidade Anhembi Morumbi

Prof^a. Dr^a SÊNIA BASTOS
Universidade Anhembi Morumbi

Prof^a. Dr^a MARIA TEREZA LUCHIARI
Universidade Estadual de Campinas

AGRADECIMENTOS

A Deus, por mais uma vez conceder-me suas bênçãos no momento certo, peço-vos perdão pelas vezes em me distraí com as questões do mestrado, durante as orações.

Ao professor e orientador Davis Sansolo, pelo estímulo, carinho e atenção. Obrigada, por me proporcionar novos conhecimentos acerca de um território que até então, eu desconhecia.

Às professoras Beth Wada, Celia Dias e Sênia Bastos, pelas contribuições feitas em relação ao tema de pesquisa. Agradeço o apoio, as dicas e as orientações.

Aos colegas de mestrado, que compartilharam seus conhecimentos e participaram dos momentos especiais, vivenciados ao longo dessa experiência inesquecível.

A D. Inês, pelo afeto durante todos os dias em que me hospedei em sua casa e pela ajuda durante o preparo dos lanches que eram servidos nas apresentações dos seminários.

Ao Daniel, que de maneira especial contribuiu para a realização desse trabalho. Obrigada, pelo amor, dedicação e auxílio durante os momentos de medo, dúvida e alegria. E, também, pela companhia na realização dos trabalhos de campo.

Aos meus pais, pelos valores ensinados e experiência transmitida ao longo da vida.

À diretoria do Hospital Socor, em especial, o médico Ulysses França Filho e a gerente Célia Andrade, por acreditarem em mim e aceitarem de forma carinhosa o meu pedido de desligamento da empresa.

RESUMO

Esta pesquisa propõe um estudo sobre a urbanização de um território a partir do desenvolvimento do turismo e da hotelaria. Para verificação e análise da pesquisa teórica, buscou-se compreender a relação entre as pousadas e o processo de turistificação na cidade de Tiradentes-MG. A atividade turística pode ser compreendida por meio das relações estabelecidas entre a sociedade, o espaço e a cultura. O processo de organização e utilização do espaço para o turismo pode se tornar um instrumento de valorização ou degradação dos bens culturais. Optou-se por uma abordagem predominantemente qualitativa. Contudo, parte dos dados foi tratada de forma quantitativa. A principal técnica utilizada durante os trabalhos de campo foi a entrevista: com formulário semi-estruturado aplicada a moradores da cidade; com formulários estruturados a proprietários de pousadas ou a responsáveis por elas. No total, foram entrevistados 15 moradores e 43 proprietários ou responsáveis por pousadas. Verificou-se que o processo de formatação do produto turístico Tiradentes ocorreu sob a influência de diversos atores sociais demonstrados neste trabalho, por meio de um sistema. No caso das pousadas, um dos principais agentes da turistificação na cidade, a ausência de atividades em conjunto e a externalização das responsabilidades ambientais constituem-se em aspectos negativos. Constatou-se, porém, que a maioria dos moradores não percebe nenhum tipo de problema com relação à expansão do número de pousadas. Eles fazem questão de destacar as oportunidades de trabalho e renda que os meios de hospedagem oferecem à população local. O patrimônio cultural é visto pela comunidade e pelos empreendedores como o principal vetor do desenvolvimento turístico da cidade, portanto lhe concedem um expressivo destaque e importância.

Palavras-chave: Pousada. Turistificação. Patrimônio Cultural. Tiradentes (MG).

ABSTRACT

This research considers a study on the urbanization of a territory from the development of the tourism and hospitality. For verification and analysis of the theoretical research, one searched to understand the relation between the inns and the process of tourism transformation in the city of Tiradentes-MG. The tourist activity can be understood by means of the relations established between the society, the space and the culture. The process of organization and use of the space for the tourism can become an instrument of valuation or degradation of the cultural goods. It was opted to a predominantly qualitative boarding. However, part of the data was dealt with quantitative form. The main technique used during the field works was the interview: with half-structuralized form applied the inhabitants of the city; with structuralized forms the proprietors of inns or the responsible ones for them. In the total, 15 responsible inhabitants and 43 proprietors or for inns had been interviewed. He verified himself that the process of formatting of the tourist product in Tiradentes occurred under the influence of diverse demonstrated social actors in this work, by means of a system. In the case of the inns, one of the main agents of the tourism transformation in the city, the absence of activities in set and the extremely of the ambient responsibilities consists in negative aspects. One evidenced, however, that the majority of the inhabitants does not perceive no type of problem with regard to the expansion of the number of inns. They make question to detach the chances of work and income that the ways of lodging offer the local population. The cultural patrimony is seen by the community and the entrepreneurs as the main vector of the tourist development of the city, therefore they grant to a expressive prominence and importance to it.

Keywords: Lodging. Tourism transformation. Cultural patrimony. Tiradentes (MG).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Tipologia hoteleira	69
Figura 1	Mapa de localização da cidade de Tiradentes	15
Figura 2	Imagem de satélite - Região de Tiradentes	18
Figura 3	Determinantes da vantagem competitiva de Tiradentes	89
Figura 4	Sistema turístico da cidade de Tiradentes	118
Foto 1	Maria Fumaça Tiradentes / São João Del Rei	22
Foto 2	Casario da rua Direita a	23
Foto 3	Casario da rua Direita b	23
Foto 4	Pousada da Sirlei	36
Foto 5	Pousada Três Portas	36
Foto 6	Pousada Santo Antônio Padroeiro	37
Foto 7	Pousada São José Del Rei	37
Foto 8	Pousada Berço da Liberdade	98
Foto 9	Pousada Pequena Tiradentes	99
Foto 10	Pousada Casa Vermelha	99
Foto 11	Pousada Vila Alegre	100
Foto 12	Charretes para passeio turístico	117

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Estilo da construção das pousadas	93
Gráfico 2	Tempo de existência das pousadas	94
Gráfico 3	Estado civil do proprietário	96
Gráfico 4	Naturalidade do proprietário	97
Gráfico 5	Número de unidades habitacionais por pousada	101
Gráfico 6	Equipamentos disponíveis nas unidades habitacionais	101
Gráfico 7	Equipamentos nas áreas sociais das pousadas	102
Gráfico 8	Número de funcionários por pousada	103
Gráfico 9	Naturalidade da mão-de-obra das pousadas	103
Gráfico 10	Custo da diária por apartamentos duplos	104
Gráfico 11	Ação em conjunto com outra pousada	106
Gráfico 12	Tipo de ação em conjunto	106
Gráfico 13	Trabalho das pousadas junto à comunidade	107
Gráfico 14	Preocupação com o meio ambiente	109
Gráfico 15	Programa educativo para o hóspede	110
Gráfico 16	Principal atrativo de Tiradentes	112
Gráfico 17	Opinião dos proprietários quanto às políticas públicas de preservação do patrimônio cultural	112
Gráfico 18	Importância das políticas públicas de preservação do patrimônio cultural	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	População de Tiradentes	19
Tabela 2	Trabalhos realizados junto à comunidade	108
Tabela 3	Ações realizadas com relação ao meio ambiente	110
Tabela 4	Destino do lixo produzido na pousada	111

LISTA DE SIGLAS

ABIH	Associação Brasileira de Indústrias e Hotéis
APA	Área de Preservação Ambiental
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BIRD	Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento
CEMIG	Companhia Energética de Minas Gerais
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMBRATUR	Empresa Brasileira de Turismo
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIB	Produto Interno Bruto
PRODETUR - NE	Programa de Ação para Desenvolvimento do Turismo no Nordeste
SETUR-MG	Secretaria de Turismo de Minas Gerais
SISTUR	Sistema de Turismo
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL EM TIRADENTES	14
1.1 Tiradentes - do Ouro de 1702 ao Turismo de 2006	14
1.1.1 Caracterização geral do município	16
1.1.2 O Desenvolvimento do Turismo	20
1.2 Patrimônio Cultural	25
1.3 Turismo e Cultura	29
1.4 A Gestão do Patrimônio Cultural e o Turismo	31
1.5 Os Meios de Hospedagem – objeto de estudo deste trabalho	34
2 URBANIZAÇÃO E TURISMO	39
2.1 Paisagem e Cultura	39
2.2 O Espaço Globalizado e o Turismo	44
2.3 O Processo de Turistificação do Espaço	48
2.4 O Lugar e o Não-Lugar	54
2.5 Urbanização e Hospitalidade Turística	56
3 MEIOS DE HOSPEDAGEM E TERRITÓRIO	62
3.1 Tipologia Hoteleira	62
3.2 Origem e Características das Pousadas	68
3.3 Hotelaria e Território	74
4 METODOLOGIA DA PESQUISA	81
4.1. Métodos e Técnicas	81
4.2 Universo da Pesquisa	83
4.3 Amostra	84
4.4 Coleta de Dados	84

4.5 Tratamento de Dados	85
4.6 Apresentação e Análise dos Resultados	85
5 TURISMO E Pousadas em Tiradentes – MG	87
5.1 Reflexões sobre o Turismo em Tiradentes	87
5.2 Pousadas em Tiradentes – um objeto de estudo	89
5.3 Interpretação dos Dados Obtidos Durante as Entrevistas - Pousadas e Moradores de Tiradentes	93
5.3.1 A Tipologia das Pousadas da Cidade	93
5.3.2 As Interferências Ambientais	105
5.3.3 Patrimônio Cultural em Tiradentes	111
5.3.4 A Percepção dos Moradores Frente ao Desenvolvimento das Pousadas ..	114
5.4 Uma Abordagem Sistêmica do Processo de Turistificação de Tiradentes	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
APÊNDICE	131

INTRODUÇÃO

O turismo tornou-se uma das principais atividades econômicas do mundo. Os números estatísticos impressionam e motivam o (re)ordenamento do território em função de uma atividade que, anteriormente, restringia-se a utilizar a infra-estrutura disponível em função de outros usos do território. Atualmente, as empresas privadas e o poder público incentivam e promovem o consumo dos espaços (rural e urbano) pelo turismo, o qual implica o desenvolvimento dos serviços turísticos, como transporte, hospedagem, alimentação...

As características que constituem o lugar turístico e, conseqüentemente, suas paisagens, retratam a cultura e a temporalidade de uma sociedade. As questões que permeiam a urbanização do espaço e, posteriormente, a utilização desse para a prática do turismo têm sido tema de estudo para alguns pesquisadores como Santos (2004), Luchiari (2001), Yázigi (2001), Knafo (2001), Rodrigues (2002) e Cruz (2002). Mediante uma revisão bibliográfica e algumas observações *in loco*, pretende-se, com este trabalho, analisar a relação existente entre a urbanização e a paisagem dos lugares e o turismo.

Correia e Rosendahl (1998) abordam o tema paisagem como representação espacial, cultural e histórica. Pensar o turismo a partir do espaço e da paisagem é analisar o processo de interação entre o homem e o meio, entendendo o tema da paisagem como representação cultural e histórica ao longo do tempo.

No final do século XX observa-se uma preocupação com as perdas e os prejuízos que podem advir da prática do turismo, quando realizada de forma desestruturada. Os problemas da preservação cultural e dos recursos minerais, incluindo a problemática que aborda o planejamento e a gestão da atividade, estão entre as questões que preocupam os planejadores.

O estudo busca identificar os principais atores sociais responsáveis pelo processo de (re)organização do espaço em função do turismo, na cidade de Tiradentes-MG. O objeto de pesquisa recai sobre a cidade devido ao processo peculiar de turistificação a que se submeteu o município, por sua representação turística no cenário nacional e pela curiosa utilização do conceito de pousada por parte dos empresários locais.

O município foi fundado por volta do ano de 1702 e durante todo o século XVIII viveu da exploração do ouro e foi um dos importantes centros produtores de

Minas Gerais. Em 1938, Tiradentes foi reconhecido como patrimônio cultural nacional, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Desde então, a Vila de São José cresceu e, atualmente, é considerada uma das cidades históricas mais bem-preservedas do país. A valorização e divulgação do acervo arquitetônico da cidade contribuíram para estimular a escolha do turismo como atividade econômica e conseqüentemente, incorporar novos usos ao espaço urbano.

O desenvolvimento turístico, que a cidade conheceu a partir da década de 1980, provocou a instalação de vários equipamentos hoteleiros, em especial as pousadas. Os meios de hospedagem são necessários à estruturação do turismo em qualquer um dos seus segmentos. De acordo com Campos e Gonçalves (1998), as alterações de tipologia e conceitos dos meios de hospedagem, ao longo da história dos deslocamentos humanos, evidenciam a importância de um setor hoteleiro organizado para dar suporte à atividade turística.

Com relação aos pressupostos da pesquisa, acredita-se, a princípio, que as pousadas externalizam (transferem) suas responsabilidades ambientais e de infraestrutura para o poder público local. E, supõe-se que os proprietários de pousadas aceitam bem as políticas públicas direcionadas à preservação do patrimônio histórico, em função do valor que a arquitetura agrega ao turismo local.

Sendo assim, o presente estudo esforça-se para compreender a relação entre as pousadas e o processo de turistificação, na cidade de Tiradentes. Já os objetivos intermediários a serem atingidos por meio da realização deste estudo de caso, são:

- analisar a opinião dos moradores frente ao desenvolvimento das pousadas no município;
- qualificar as interferências ambientais causadas pela expansão do número de unidades habitacionais (UHs) na cidade;
- identificar a tipologia das pousadas, na cidade de Tiradentes;
- verificar a importância do Patrimônio Cultural no desenvolvimento da atividade turística.

Esta dissertação apresenta-se em quatro partes: a primeira, a Introdução; a segunda, o Referencial Teórico composto por três capítulos que tratam o tema em questão à luz de vários autores especialistas no assunto; à terceira parte refere-se à Metodologia utilizada na elaboração do trabalho bem como a apresentação e análise dos resultados e a quarta parte, a Conclusão e as Referências Bibliográficas.

1 TURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL EM TIRADENTES

Um dos desafios do mundo globalizado em que se vive atualmente, diz respeito ao patrimônio cultural, isto é, estabelecer novos conceitos e estruturas de proteção e conservação dos bens culturais materiais e imateriais. A compreensão dos “usos culturais” e da diversidade cultural é essencial ao desenvolvimento humano.

Por outro lado, será necessária uma definição clara e objetiva sobre a escolha dos bens a serem conservados pela sociedade. Na busca por um programa eficaz de manutenção dos bens culturais, os papéis do Estado e da comunidade precisarão ser revistos por todos.

Assim, a cidadania estará presente no dia-a-dia das pessoas. Essa prática é essencial ao processo de preservação e manutenção do patrimônio cultural. A decisão sobre o que deve ser esquecido ou lembrado constitui os valores temporais do patrimônio e a oportunidade de construir uma identidade entre o acervo preservado e a sociedade.

O município de Tiradentes destaca-se no mercado turístico nacional em função dos atrativos abriga, isto é, por sua gastronomia diferenciada com requintados restaurantes; artesanato; um calendário diversificado de eventos e pelo turismo ecológico realizado na Serra de São José. Dessa forma, pretende-se compreender o que o patrimônio cultural representa para a cidade nos dias atuais. Para isso, foram utilizados trabalhos de autores como, Talavera (2003), Rubino (1999) e Meneses Ulpiano (1996).

1.1 Tiradentes - do Ouro de 1702 ao Turismo de 2006

Tiradentes está situada cerca de 200 km da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, na região dos Campos das Vertentes. O município faz divisa com São João Del Rei, Coronel Xavier Chaves e Prados. O acesso, partindo de Belo Horizonte, é pela da BR-040 até Congonhas. Após essa cidade, toma-se a BR-383 até Entre Rios de Minas onde se segue pela BR-265.

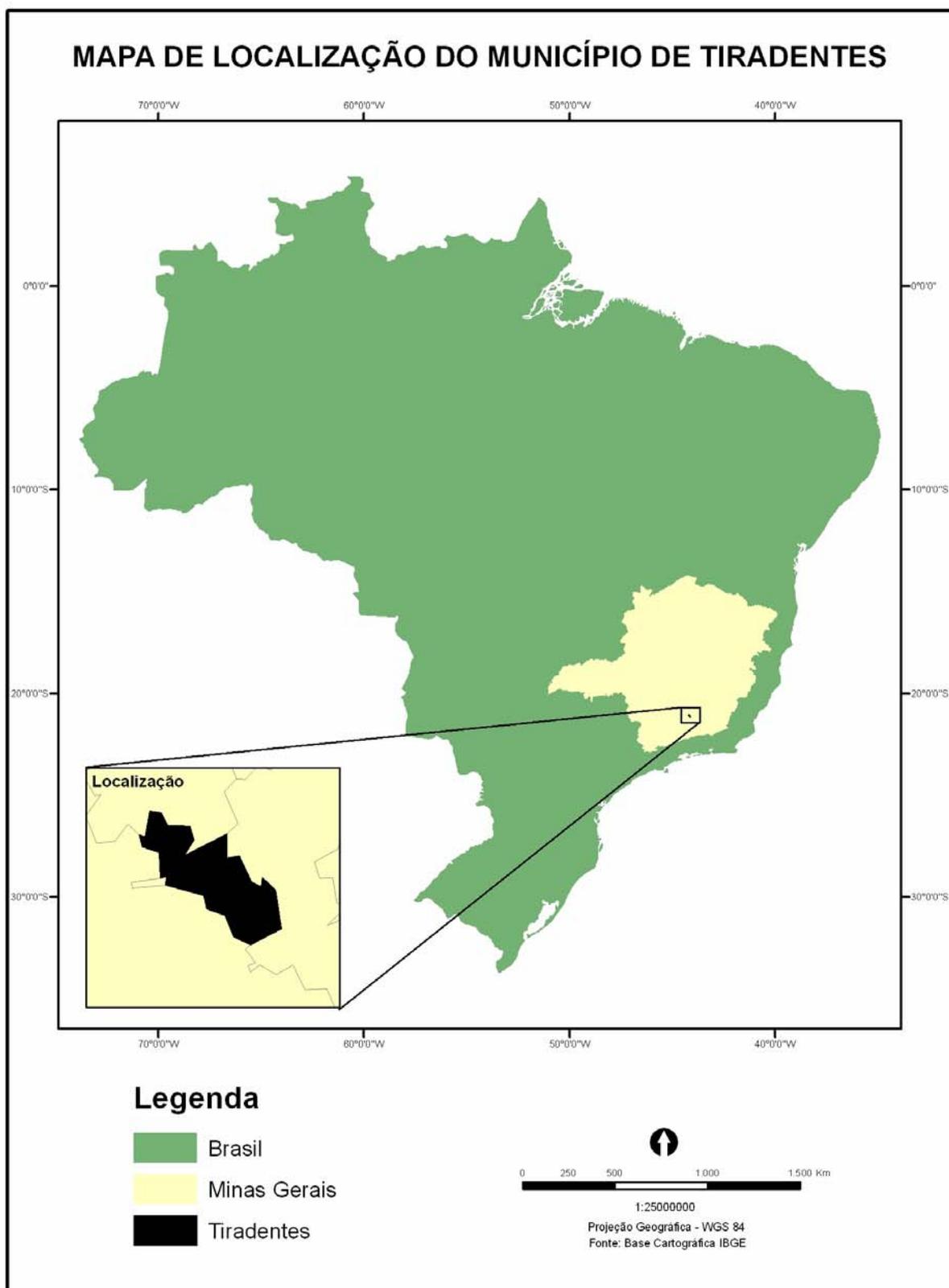


Figura 1 - Mapa de Localização da Cidade de Tiradentes
Fonte: IBGE – Base Cartográfica

1.1.1 Caracterização do município

Uma vez que este estudo contempla as questões que envolvem o território e a elaboração de suas paisagens, será realizada a seguir uma descrição de diversos elementos físicos que influenciam na formação da paisagem composta (associada a elementos humanos) do município. Tiradentes está localizada em uma das regiões turísticas do estado de Minas Gerais, próxima a outras cidades históricas como São João Del Rei, Congonhas, Ouro Preto e Mariana. Essa área do estado divide-se em vários circuitos turísticos, entre eles, o Circuito do Ouro e o Circuito dos Inconfidentes, no qual o município de Tiradentes está incluído.

A cidade encontra-se situada em domínio de clima tropical de altitude com uma média anual de cerca de 1400 mm de chuva. A distribuição de chuvas obedece à sazonalidade normal do clima tropical, apresentando inverno seco e verão chuvoso. O período seco vai de abril a setembro e os meses que apresentam médias pluviométricas acentuadas são dezembro, janeiro e fevereiro (BARBOSA FILHO, 2003).

As temperaturas não apresentam uma grande variação durante o ano. A média anual está em torno de 19°, a média das máximas dificilmente ultrapassam os 22° e ocorrem no verão, já a média das mínimas atingem valores próximos de 15° e ocorrem preferencialmente no inverno (BARBOSA FILHO, 2003). Por se tratar de uma cidade histórica, localizada no interior do estado e em região montanhosa, Tiradentes possui um clima agradável à prática de atividades turísticas comuns ao turismo cultural e ao ecoturismo.

O município é banhado pela bacia hidrográfica do Rio das Mortes (sub-bacia do Rio Grande) e apresenta drenagem perene, porém, como ocorre em praticamente todo o domínio tropical brasileiro, as vazões são bastante reduzidas no inverno, principalmente nos meses de agosto e setembro. Os principais afluentes do Rio das Mortes são os rios Elvas e Carandaí. Essas drenagens têm como interflúvio principal a Serra de São José. Com isso, há disponibilidade de água para o consumo e para o lazer, cachoeira, riachos e lagos, podem ser apreciados pelos turistas durante as trilhas demarcadas na Serra de São José.

Tiradentes pode ser dividido em três grandes conjuntos morfoestruturais: as cristas quartzíticas da Serra de São José (quartzitos do grupo São João Del Rei), os morros alongados com colinas convexas e policonvexas do embasamento cristalino

e as planícies fluviais caracterizadas pelos depósitos quaternários nas calhas dos rios e córregos (fig. 2).

De acordo com Barbosa Filho (2003), as altitudes elevadas situam-se nas cristas quartzíticas da Serra de São José, chegando próximo de 1400 metros de altitude (fig.2). Neste domínio predominam os solos do tipo Neossolos litólicos e, em menor ocorrência, os Neossolos Quartzarênicos. Estes solos possuem baixa aptidão para a agricultura e pecuária, pois são muito rasos ou possuem textura que confere pouca estabilidade aos agregados. Dessa maneira, um dos usos indicados para estas áreas é o turismo sustentável ou outras atividades que visem à exploração racional dos atributos paisagísticos, hídrico e ecológico.

De acordo com Irving (2002), o desenvolvimento sustentável da atividade turística demanda a democratização de oportunidades e benefícios, trata-se de projetos focados em parceiras e co-responsabilidades. Segundo a autora é necessária a utilização racional dos recursos atuais garantindo-os para as gerações futuras, de forma que a população local participe e se beneficie do turismo.

Neste intuito é que foi criada a Área de Preservação Ambiental (APA) Serra São José, que bordeja a sede municipal. Segundo informações da população local e observações em loco, essa atitude não está sendo suficiente para a conservação da área, pois as queimadas, originadas da ocupação indevida da APA, são freqüentes.

O segundo compartimento morfoestrutural (fig.2), caracterizado pelas colinas convexas e policonvexas possui topografia menos acidentada e altitudes menores (média de 950m). Nessas áreas, o manto de alteração é mais profundo devido à decomposição acentuada do embasamento cristalino (rochas quimicamente menos resistentes do que os quartzitos do primeiro compartimento). A decomposição dessas rochas deu origem a solos mais profundos como os Latossolos, Argissolos e Cambissolos. Estes solos, apesar de já apresentarem alto grau de lixiviação, são favoráveis à agropecuária, o que explica a concentração das atividades rurais neste domínio. Embora haja boa aptidão para a agropecuária, a topografia desse compartimento, caracterizada pela convexidade das encostas, não favorece a mecanização da agricultura.

O terceiro compartimento morfoestrutural é caracterizado pelas planícies próximas às calhas dos rios e córregos da região. Essa área possui uma porção restrita em relação aos outros compartimentos supracitados e é fruto da

sedimentação recente do material degradado nesses compartimentos. Em alguns pontos, a referida área é explorada pela atividade de garimpo irregular, o que traz vários malefícios ao meio ambiente.

Durante esta descrição física das características, que compõem a paisagem local, foi possível conhecer alguns elementos como a localização, o clima e a própria morfologia do relevo da cidade de Tiradentes. E, a partir da junção de todos esses atributos físicos e da forma com que a sociedade os utiliza, é que se dá a formatação da paisagem. Por isso, faz-se necessário considerá-los como elementos significativos ao desenvolvimento do território.



Figura 2. Imagem de Satélite – Região de Tiradentes.
Fonte: EMBRAPA, 2006. Escala da imagem: 1:25. 000.

A área da unidade territorial é de 83,21 quilômetros quadrados e conforme apresentado na próxima tabela, atualmente, o município possui 5.759 habitantes, 4.167 residem na zona urbana e 1.592, na área rural (IBGE 2000/2001). Entre a década de 1960 e 1970, observa-se um êxodo rural; pode-se observar que houve uma inversão entre a população urbana e rural. Cabe aqui ressaltar que a cidade de

Tiradentes acompanhou o que estava acontecendo no cenário nacional nesse período. Após a Segunda Guerra Mundial, houve um investimento no desenvolvimento das áreas urbanas por meio da industrialização, ocasionando inclusive, em alguns casos, a ocupação do espaço urbano de maneira não-planejada.

Entre os anos de 1980 e 1991, a população total aumentou consideravelmente; registrou-se uma pequena diminuição na população rural, o que pode indicar uma mudança na atividade econômica do município. Como será tratado detalhadamente no capítulo 6º, foi exatamente nesse período, que se realizaram os principais investimentos públicos e privados no desenvolvimento turístico da cidade. No ano de 1996, o distrito Santa Cruz de Minas emancipou-se, o que justifica a brusca queda da população total de Tiradentes no censo do ano de 2000.

TABELA 1
POPULAÇÃO DE TIRADENTES

POPULAÇÃO	Ano					
	1960	1970	1980	1991	1996	2000
Total	4.663	5.518	7.644	10.236	11.695	5.759
Urbana	1.467	4.047	6.130	8.892	10.168	4.167
Rural	3.196	1.471	1.514	1.344	1.527	1.592

Fonte: IBGE – Censo Demográfico

Conforme os dados estatísticos do IBGE (2001) a maioria das empresas cadastradas é de alojamento e alimentação, são 108 empreendimentos. Não constam empresas de agricultura, pecuária e exploração florestal. Já a indústria de transformação conta com 44 empresas e outras 97 estão relacionadas ao comércio, à reparação de veículos e automotores e a objetos pessoais e domésticos. O rendimento nominal médio dos residentes é de R\$ 467,52 (quatrocentos e sessenta e sete reais e cinquenta e dois centavos) e 386 pessoas não possuem instrução ou têm inferior a um ano de estudo (IBGE 2000/2001).

A partir destes dados, pode-se identificar algumas características da atual atividade econômica desenvolvida na cidade de Tiradentes. A maioria das atividades desenvolvidas na cidade está relacionada direta ou indiretamente com os serviços existentes em função do fluxo turístico, mas nem sempre foi assim, por muitos anos a população tiradentina dedicou-se à exploração do ouro.

Na Serra de São José e às margens do Rio das Mortes existia uma trilha que ligava as regiões de mineração de Minas Gerais aos povoados paulistas. A partir de 1702, quando o ouro foi descoberto na região, os garimpeiros chegaram à localidade e construíram a capela de Santo Antônio, dando origem ao Arraial de Santo Antônio do Rio das Mortes.

Em 1704, passou a ser chamado de Arraial Velho do Rio das Mortes, para diferenciá-lo do Arraial Novo do Rio das Mortes, atualmente São João Del Rei e no ano de 1714, com o objetivo de homenagear o filho de D. João V, o Arraial foi denominado Vila de São José Del Rei. Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, nasceu em uma fazenda nas proximidades e por isso, em 1889, o município recebeu o título de Tiradentes, em homenagem ao inconfidente mineiro. (ROTEIROS DA ESTRADA REAL, ago. 2004).

O atual centro histórico da cidade é composto em sua maioria por casarões e edificações religiosas que foram erguidas nas primeiras décadas do século XVIII. A expressiva quantidade de ouro encontrada na região concedeu tempos de glória e progresso ao lugar, mas no século XIX, com a decadência da mineração aurífera, os moradores tiveram que buscar outras fontes de subsistência. Com isso, a cidade viveu um período de declínio econômico.

De acordo com Pellegrini (2000), um outro ciclo surgiu, anos depois, na década de 1940: a confecção artesanal de jóias à base de prata. Esse processo chegou ao fim rapidamente, pois era incipiente e pouco estruturado. Posteriormente a estes dois períodos de desenvolvimento, a cidade ficou estagnada no tempo e ganhou o nome de “cidade morta”, pois a maioria da população e dos comerciantes se mudou da cidade.

A situação de pobreza que imperava em Tiradentes contribuiu, de certa forma, para a permanência de seu conjunto urbanístico-arquitetônico: por um lado, os que nela residiam não tinham necessidade, e muito menos posses, para demolir / construir, e os de fora não viam interesse em nela investir (PELLEGRINI, 2000, p. 35).

1.1.2 O Desenvolvimento do Turismo

Tiradentes chegou aos anos 1970 numa situação precária, mas mesmo em decadência, seu conjunto arquitetônico despertava curiosidade e inquietude em algumas pessoas que visitavam o lugar e em alguns moradores que se uniram junto ao IPHAN para a preservação cultural. Criou-se a Sociedade Amigos de Tiradentes

– SAT, e, dessa forma, conquistou-se o apoio de algumas entidades, como a Fundação Roberto Marinho. Os recursos obtidos por essa sociedade viabilizaram o restauro de parte do patrimônio material do lugar. O turismo deu nova vida à cidade e aos seus moradores, mas de acordo com alguns dados obtidos por de uma entrevista algumas pessoas temem que haja um novo período de exploração e depois, abandono.

[...] Alguns anos se passaram e Tiradentes começou a desenvolver sua vocação para o turismo ecocultural: se nas décadas de 1960 / 70 havia duas ou três pousadas (a pousada do Laurito e a do Pombal são dessa época), nos anos de 1990 elas se multiplicaram, juntamente com restaurantes e lojas de suvenires (PELLEGRINI, 2000, p. 35).

Tiradentes é conhecida nos dias atuais como a jóia colonial do período Ciclo do Ouro e berço da Inconfidência Mineira, segundo Pellegrini (2000). Reconhecida como patrimônio cultural nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938, a cidade apresenta estruturas e fenômenos culturais, com forte poder de atração, motivando assim o deslocamento de turistas. Em aproximadamente nove anos, o município tornou-se sede de um festival internacional de gastronomia; de um festival nacional de cinema e de um encontro anual de motos *Harley-Davidson*. De acordo com as diretrizes políticas nacional e estadual de regionalização do turismo, a cidade histórica mineira pertence aos seguintes roteiros turísticos: Circuito dos Inconfidentes e Estrada Real.

Segundo a Revista Roteiros da Estrada Real, (ago. 2004, p. 36) “a partir dos anos 1980, vários artistas foram atraídos pela fama de Tiradentes, estabeleceram-se no local e criaram um importante pólo de artes plásticas”. Outras manifestações artísticas, também, escolheram o município como cenário e fazem com que o local tenha um rico calendário de eventos culturais.

O calendário dos eventos que se realiza em Tiradentes é diversificado e busca atrair diversos públicos. Na segunda quinzena do mês de janeiro, a Mostra Nacional de Cinema, a qual já se encontra na sua nona edição, leva à cidade, inúmeros turistas, cineastas, produtores, artistas e críticos de cinema. Neste ano, foram exibidos gratuitamente, 170 trabalhos categorizados em longas, curtas e vídeos (REIS, 2006).

As cidades históricas de Minas Gerais são um dos destinos procurados pelos foliões no mês de fevereiro. Tiradentes oferece nesse período várias opções entre as quais, o tradicional bloco “Os Abandonados” e grupos musicais contemporâneos.

Em março/ abril, as cerimônias tradicionais da Semana Santa também atraem visitantes para a cidade.

No último final de semana do mês de junho, é realizado um encontro para motociclistas, o festival de *Harley-Davidson*; nas férias de julho (última quinzena), a principal atração da cidade é o Festival de Inverno. Em agosto, a cidade celebra o Festival Internacional de Cultura e Gastronomia que, no ano de 2005, realizou sua oitava edição e atraiu cerca de 30.000 pessoas. O evento destaca-se por ser o principal encontro de gastronomia do país (GIRÃO, 2005) e por reunir em um mesmo espaço chefes da boa cozinha internacional e nacional, além dos diversos cursos existentes; alguns são gratuitos.

Um dos principais atrativos do conjunto arquitetônico da cidade é a Matriz de Santo Antônio. Sua construção iniciou-se em 1710 e foi concluída em 1752, ela é rica em detalhes arquitetônicos do estilo barroco, tem talha revestida em ouro e um órgão de origem portuguesa, fabricado por Simão Fernandes Coutinho. Sua fachada é de 1810, com planta de Antônio Lisboa, o Alejadinho.

A Maria Fumaça, inaugurada em 1881 por D. Pedro II, também merece destaque no grupo de atrativos; trata-se de um trenzinho que liga as cidades de Tiradentes e São João Del Rei. São 35 minutos de viagem.



Foto 1: Maria Fumaça – Tiradentes / São João Del Rey
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Jan. 2005)

A Casa da Câmara de 1717, diferentemente de outras casas de câmara, não foi construída juntamente com a cadeia, “é uma construção térrea de considerável volumetria, portão alto, [...] e espaçosa varanda na frente, com arcos arrematados seis pilastras e balaustrada de ferro batido” (PELLEGRINI, 2000, p.49). O Museu Padre Toledo é conhecido por ter sido ponto de encontro dos inconfidentes mineiros; o casarão do século XVIII abrigou o inconfidente Padre Toledo.



Foto 2: Casario da Rua Direita a – Arquitetura Colonial

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Mar. 2006)



Foto 3: Casario da Rua Direita b – Arquitetura Colonial

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Jan. 2005)

Estes são alguns dos patrimônios culturais do município. Os bens culturais imateriais também merecem ser mencionados, como a técnica do artesanato em barro, madeira, latão, prata e tecelagem. A gastronomia típica mineira¹ e as festas tradicionais como, por exemplo, a da Santíssima Trindade, no mês de junho (cinco dias antes do Corpus Christi) também fazem parte do patrimônio cultural local.

Os turistas que se tornam moradores da cidade de Tiradentes são conhecidos pela população local como ETs, ou melhor, extratiradentinos. A relação entre residentes, novos moradores e turistas é potencializada pela história de urbanização do lugar. O processo de turistificação que caracteriza a cidade de Tiradentes traz consigo várias oportunidades de negócio para a população local e para os novos moradores.

Segundo Pires Fabiana (2005, p. 312), “Os recursos histórico-culturais e naturais de Tiradentes são utilizados para a comercialização turística”. Atualmente, o turismo é visto, pelos moradores, como a principal atividade econômica da cidade, uma importante fonte de renda local.

O desenvolvimento do turismo em Tiradentes ocorreu pela recuperação do patrimônio cultural edificado; sensibilização da comunidade para a atividade turística; adequação dos prédios históricos na atividade econômica, visando à arrecadação para a manutenção do patrimônio e divulgação do destino turístico em mídia nacional. O município buscou parcerias com algumas organizações como, por exemplo, a Rede Globo de Televisão e a Fundação Roberto Marinho. A novela “Coração de Estudante” e as minisséries “Hilda Furacão”, “Os Maias” e “JK”, entre outras histórias, já foram filmadas na cidade (MEU NEGÓCIO É TURISMO, 1999 apud PIRES FABIANA, 2005).

Para uma melhor compreensão acerca da relação de Tiradentes com a Rede Globo de Televisão, é preciso mencionar Yves Alves e seu trabalho frente à Sociedade Amigos de Tiradentes – SAT. Nascido em Macaé, estado do Rio de Janeiro, iniciou sua carreira publicitária em 1953. Quinze anos depois, entrou para a Rede Globo como superintendente de comercialização e marketing e em 1982, passou a diretor regional da emissora em Minas Gerais, para onde se mudou. Atuou como conselheiro da Fundação Roberto Marinho, membro do conselho curador do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico e da Fundação Clóvis Salgado.

¹ O frango com ora-pro-nóbis e os doces de frutas são exemplos da gastronomia típica de Tiradentes.

Apreciador da história das Minas Gerais, tornou-se um defensor do patrimônio cultural de Tiradentes, onde foi sepultado em 1996 (JORNAL TIRADENTES, out. 2004).

A Viúva do Sr. Yves Alves, um dos ex-presidentes da Rede Globo de Televisão, reside até os dias atuais na cidade e desenvolve um dinâmico trabalho no Centro Cultural Yves Alves - que é uma iniciativa da Prefeitura de Tiradentes, Sociedade Amigos de Tiradentes, Fundação Roberto Marinho e da Rede Globo Minas, por meio da Lei federal de Incentivo à cultura. Segundo uma entrevista realizada em janeiro de 2005, Yves Alves realizou diversas ações em prol da preservação e manutenção da cultura local, ele intermediou toda a negociação com a Companhia Energética de Minas Gerais – CEMIG para que a condução de energia elétrica no centro histórico passasse a ser em fios subterrâneos, eliminando assim, a fiação externa dos postes.

1.2 Patrimônio Cultural

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN foi criado em 1937, a pedido do Ministro da Educação e Saúde. Segundo Simão (2001), neste período houve um conflito entre os artistas modernistas e os tradicionais na elaboração de uma política cultural para o país. Contudo, Mário de Andrade e Lúcio Costa, dois líderes do movimento modernista, exerceram papéis determinantes na criação e direção do IPHAN.

Assim, o valor artístico concedido aos objetos preservados partia de um pequeno grupo que atuava no processo de tombamento. Portanto, por algum tempo, este país preservou bens culturais que tinham representatividade apenas para uma pequena parcela da população.

O decreto que criou o SPHAN² definia o patrimônio histórico e artístico nacional como o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou histórico. Como essas categorias são vagas e imprecisas, é nesse mapeamento que se encontra, em grande medida, o significado atribuído a elas. Os fatos memoráveis presentes nos primeiros bens tombados remetem a eventos e personagens ilustres (RUBINO, 1999, p. 2).

² O atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, quando criado em 1937, recebeu o nome de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN.

O atual acervo, tombado pela União, é expressão dos valores da época. O domínio da arquitetura e dos sítios urbanos coloniais representa a percepção dos líderes do movimento daquele período. Na visão dos modernistas, cidades como Ouro Preto, Diamantina e Tiradentes, representavam uma arquitetura nacional autêntica, eram fontes de inspiração para um país moderno.

O conjunto eleito revela o desejo por um país passado, com quatro séculos de história, extremamente católicos, guardados por canhões, patriarcal, latifundiário, ordenado por intendências e casas de câmara e cadeia, e habitado por personagens ilustres que caminham entre pontes e chafarizes (RUBINO, 1999, p. 2).

O estado de Minas Gerais foi analisado pessoalmente por Rodrigo de Andrade, com assessoria de Silvio e Salomão de Vasconcelos. Para eles, o estado tinha o acervo mais rico do país e uma proto-história da preservação. Em 1790, a rainha Maria I havia criado uma ordem régia pedindo o registro dos monumentos arquitetônicos que estavam relacionados ao ciclo do ouro e isso, foi levado em consideração pelo SPHAN (RUBINO, 1999).

Na década de 1940, foram tombados alguns edifícios modernos, como a Igreja de São Francisco de Assis, no município de Belo Horizonte. Contudo, os primeiros bens tombados nesse período estavam relacionados a eventos e personalidades ilustres. Os imóveis religiosos católicos, seguidos do urbano, ressaltavam a valorização da arquitetura barroca pelos modernistas (RUBINO, 1999).

Fonseca (1997) afirma que somente a partir dos anos 1970, o significado de patrimônio passou a ter uma conotação ampla, sendo entendido como patrimônio cultural. Nessa década, ocorreram algumas reestruturações institucionais com a proposta de ampliar o objeto, os métodos e as finalidades de uma política de patrimônio conduzida pelo Estado (Governo Militar). Foram inseridos nesse contexto, o ambiente natural e as técnicas ou tradições que tinham importância para um determinado grupo social.

Em 1980, o Plano Piloto de Brasília e alguns marcos naturais como o Pico do Itacolomi (entre as cidades de Mariana e Ouro Preto), também foram reconhecidos como patrimônio cultural nacional. São exemplos de patrimônio cultural registrados no Livro dos Saberes do Patrimônio Imaterial, o Samba de Roda do Recôncavo Baiano; a Viola-de-Cocho de Mato Grosso e o Ofício da Baiana de Acarajé.

Observa-se que a técnica e o saber popular quase nunca são reconhecidos e tombados como patrimônio cultural, pois há dificuldade em definir e compreender os conceitos de valor cultural e bem cultural. Ao estudar cultura do ponto de vista da “indústria cultural”, e daquilo que é produzido em função da mídia, do marketing e da promoção, constata-se uma análise que segrega e fragmenta os usos e funções culturais (MENESES ULPIANO, 1996).

Desde a sua criação, o IPHAN acredita que o tombamento³ é primeira ação de preservação, pois impossibilita a destruição do bem cultural. Segundo o instituto, a Constituição da República Federativa do Brasil estabelece o poder público, juntamente com a comunidade, responsáveis pela proteção e conservação do patrimônio. Este é constituído de bens materiais e imateriais que se referem à identidade e ao valor simbólico atribuído às atitudes e aos comportamentos de determinados grupos sociais.

O homem produz diversos bens culturais, alguns deles poderão se tornar patrimônio cultural⁴. O processo de verificação e tombamento é conduzido pelos valores culturais estabelecidos pelos grupos sociais. Os significados e símbolos compartilhados definirão uma linguagem específica. Segundo Meneses Ulpiano (1996), a sociedade formula conceitos restritivos e deformantes ao definir cultura. Por se tratar de algo complexo, abrangente e presente em todos os indivíduos, o tempo todo, cada um percebe valores distintos ao conceituar cultura.

De acordo com Barreto (2001), patrimônio cultural é o conjunto de bens culturais (tangíveis e intangíveis) e naturais. Esses por sua vez, estão dentro dos limites de uma determinada escala territorial. O primeiro item está diretamente vinculado ao conceito de cultura, ou seja, aos hábitos e costumes dos seres humanos. E os bens naturais estão vinculados à natureza. [...] “patrimônio cultural é o conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade” (BARRETO, 2001, p. 11).

³ Segundo Pires Maria (1994), o termo *tombado* vem da área do direito português, foi usado no Código de Processo Civil de 1876, como sinônimo de demarcação. Em 1940, atribuiu-se ao termo, o significado de cadastro, registro e catalogação. Por isso, o atual arquivo nacional português chama-se Torre do Tombo.

⁴ De acordo com o artigo 216 da Constituição da República (apud PIRES, 1994, p. 83), “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tombados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” [...].

Para Bussons, Hamabata & Gonçalves (2005), “o patrimônio cultural pode ser entendido como o conjunto de bens que proporcione ao ser humano o conhecimento e a consciência de si e do ambiente que o cerca”. Segundo os autores, a valorização de um bem cultural está relacionada à sua capacidade de incitar a memória. Os conceitos de patrimônio cultural ora restritivos, ora generalistas, estão sempre vinculados à habilidade do homem de criar e transformar.

Há quem diga que determinadas pessoas não têm cultura. Provavelmente, referem-se aos níveis de escolaridade ou a algum conhecimento específico em determinada área, como etiqueta a mesa ou arte contemporânea, pois dizer que alguém não possui cultura é negar todos os princípios e práticas culturais exercidas pelo (s) grupo (s) as quais pertencem (MENESES ULPIANO, 1996).

A cultura é uma condição de produção e reprodução social, influenciada pelas mudanças tecnológicas e sociais, que ocasionam novas opções de escolha ao homem. O sentido que é agregado a hábitos simples, o conhecimento e a experiência pessoal interferem na percepção e no significado de cultura, ou melhor, o constituem (MENESES ULPIANO, 1996).

Por estar também contextualizada, nas questões políticas e econômicas de uma comunidade, analisar a cultura isoladamente não faz sentido; o sujeito relaciona-se com o meio no qual está inserido. Porém, não se deve utilizar a cultura para especificar, definir ou classificar socialmente as pessoas.

No final do século XX, observa-se uma preocupação com as perdas e os prejuízos que podem advir da prática do turismo. Entre as questões que preocupam os planejadores do turismo estão os problemas da preservação cultural e dos recursos naturais, incluindo a problemática que aborda o planejamento e a gestão da atividade. Meneses José (2004) descreve sobre a importância de se refletir sobre as formas de interpretação do patrimônio e o papel desta para a atual sociedade. O autor sugere que a criação massiva de atrativos turísticos seja revista, assim como, as políticas de preservação e informação em torno do patrimônio histórico-cultural.

De acordo com Meneses José (2004), a atividade turística tem dois caminhos a seguir: mostrar-se por meio de uma estratégia de inclusão social e, assim contribuir para a condição de vida das sociedades envolvidas direta e indiretamente com o turismo, ou optar por um estilo econômico que exclui e fragmenta parcelas enormes da população. O autor ainda afirma que: “a experiência turística tem

demonstrado que a participação comunitária sustenta não apenas o atrativo, mas também a própria estrutura receptiva do turista” (MENESES JOSÉ, 2004, p. 13).

Em alguns municípios o turismo histórico-cultural, viabilizado por meio dos bens culturais materiais e imateriais, mantidos pelos moradores locais, produz um turismo que expulsa a população local dos centros urbanos antigos para o entorno da cidade. As moradias são vendidas aos futuros proprietários de restaurantes, pousadas e lojas, oriundos de outros municípios. Meneses José (2004) denomina esse processo de favelização do espaço e da massa de excluídos na utilização de um bem, que até então era da comunidade.

1.3 Turismo e Cultura

A atividade turística pode funcionar como articulador da estrutura sociocultural de uma localidade, influenciando ativamente no cotidiano das pessoas e por isso, propicia impactos à localidade receptora (FIGUEIREDO, 2001). De acordo com as características da comunidade anfitriã, esses impactos poderão ser maiores ou menores, positivos ou negativos. Contudo, observa-se que em comunidades menores onde o turismo possa ser a principal atividade econômica, os impactos são relevantes e as modificações culturais, devido à convivência com os turistas, são facilmente percebidas.

Os conceitos sobre cultura envolvem aspectos relacionados aos valores e hábitos sociais, à maneira de pensar, produzir e interpretar o outro e a si mesmo. Para Clanlini (apud FIGUEIREDO, 2001, p. 213) cultura é:

A produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólicas das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido.

O processo de transformação da cultura local em produto turístico para os visitantes merece uma análise participativa, isto é, o morador também deve opinar sobre o que deve ser mostrado e como será a comercialização. Caso contrário, a mercantilização cultural passará a conduzir o comportamento dos grupos sociais.

As forças de mercado que movem o turismo tendem a transformar alguns sítios históricos em meros cenários e as comunidades que aí vivem em museus performáticos de práticas patrimoniais, convertendo-as num parque pastiche irrelevante de si mesmas, com poucas ou nenhuma ligação com seu presente, num parque de diversões para o deleite de visitantes, que aí deixam o seu dinheiro (MURTA, 2002, p. 140).

Na tentativa de evitar que isto aconteça, algumas ações estratégicas junto à comunidade podem ser adotadas, como por exemplo, a realização de seminários e encontros com líderes comunitários. Deve-se optar, porém, por metodologias que estimulem a participação das pessoas presentes, independentemente do grau de instrução ou posição social ocupadas por elas; uma das técnicas adotadas é a dinâmica em grupo. Na busca de um desenvolvimento sustentável para as comunidades, o programa Agenda 21⁵ tem se destacado pelas diretrizes adotadas em seu processo participativo de planejamento.

Segundo Carvalho (1999, p. 100), uma das maneiras de interação e comunicação entre os indivíduos está na estruturação e construção de seus próprios espaços. “O lugar faz parte da essência da realização humana”. Com isso, cada vez que se conhece um outro lugar, ao retornar, é possível fazer uma leitura diferente do seu ambiente.

Ao refletir sobre a interpretação das culturas e a sustentabilidade do atrativo turístico, Meneses José (2004) comenta que o turismo tem viabilizado um desenvolvimento econômico de forma exclusiva e, portanto, muitas vezes, não tem proporcionado uma melhoria das condições de vida às populações. Ao priorizar planos que sejam inclusivos, do ponto de vista social, econômico, ambiental e cultural, evitar-se-ão problemas, como os ocorridos no centro histórico de Salvador (BA), o Pelourinho (Ibid).

Em se tratando do Pelourinho, o antigo centro histórico transformou-se em um centro comercial; a população que ali estava foi conduzida para outra área da cidade. Não houve participação popular no processo de interpretação patrimonial e as pessoas foram impedidas de retornar ao local que habitavam. Tudo isso pode fragilizar o reconhecimento do espaço e de sua identidade cultural.

Desenvolver um projeto de turismo cultural que preserva e integra ações privadas e públicas exige uma linha diretiva participativa. Dessa maneira, contribui-

⁵ Outras informações sobre a Agenda 21 podem ser encontradas nos sites www.agenda21local.com.br e www.crescentefertil.org.br/agenda21.

se para a fixação da comunidade local e criam-se oportunidades de trabalho e recursos financeiros para a manutenção do patrimônio cultural.

Para Meneses José (2004), três eixos de interpretação patrimonial devem ser levados em consideração: a interpretação deve estar vinculada ao cotidiano e à vivência da comunidade; o equilíbrio das atividades criadas a partir da interpretação com a realidade da comunidade que construiu e guardou o bem cultural, o qual será interpretado e, por último, não separar a interpretação da identidade, das tradições e manifestações locais.

Interpretar, assim, é produzir um significado para as coisas que as pessoas vêem e buscam usufruir prazerosamente nas suas vivências como turistas. É tornar possível um entendimento daquilo que não é o cotidiano de quem vê; daquilo que, na maioria das vezes, é exótico e aguça a curiosidade de saber e de apreender (MENESES JOSÉ, 2004, p.55).

As atividades de investigação, documentação e compreensão dos bens culturais são dinamizadas pela sociedade e pelos seus anseios de comunicação. Informar o outro sobre seus conhecimentos e técnicas implica questionamentos e reflexões, pois só assim, o turista se interessará em participar da manutenção patrimonial do lugar turístico.

Segundo Talavera (2003), a atual concepção de natureza e, em particular, de meio ambiente, concentra-se na idéia de paisagem, história ou memória; a experiência e o exotismo de cada lugar são transformados em produtos consumíveis pelos turistas. Assim, observa-se que o autor associa o conceito de paisagem à idéia de conjunto, peculiaridades que se transformam em um “pacote de viagem”. Nos dias atuais, as estratégias de gestão pela manutenção e conservação do patrimônio cultural caminham por duas vertentes: restringir o uso e consumo do bem cultural, o que pode transformar alguns destinos turísticos em produtos exclusivos e pouco acessíveis, ou popularizar o destino e estimular o uso dos espaços e dos saberes populares.

1.4 A Gestão do Patrimônio Cultural e o Turismo

De acordo com Meneses José (2004), ao viajar uma das possibilidades que o ser humano tem é a busca pelo entendimento da cultura local e, com isso procurar compreender os símbolos e as motivações de vida para grupos sociais, aos quais ele não pertence. No entanto, tais grupos sociais estarão contextualizados no

espaço, na história e na cultura regional. A partir dessa proposta, o autor expõe dois pontos de reflexão: a maneira de apreensão e interpretação acerca do passado de um determinado grupo social e a importância de se promover a dignificação do grupo construtor dessa história a qual desperta curiosidade e inquietação nos visitantes.

É importante dinamizar a relação entre o turista e a cultura, evitando assim, uma superficialidade na interpretação. A artificialidade impede a valorização da existência cotidiana da sociedade visitada e é ela quem fornece ao atrativo uma característica intrínseca. O produto turístico, que se diferencia pela sua história e cultura, deve ser entendido por meio da união dinâmica de tempos históricos distintos. O turista deverá levar consigo aquilo que ele reviveu, problematizou e sentiu prazer em pensar.

Silva (1999) afirma que a temática que envolve a preservação e, portanto as questões do patrimônio cultural têm sua origem nas práticas de intervenção realizadas ao longo do tempo. Essas ações são baseadas em conceitos que se transformam. A concepção social de bem cultural, identidade, memória e cidadania está em constante mudança. A seleção dos valores e dos desejos de uma sociedade muda e constrói o significado de patrimônio, que é temporal.

A decisão sobre o que preservar ou não preservar para o futuro, parte de uma sociedade que percebe ou não, valor no bem cultural em questão. Os conceitos que nortearão esta ação serão atuais e, necessariamente não vão ser os mesmos da próxima geração. Preserva-se para o futuro, para as outras pessoas, mas com as concepções do presente, por isso há divergências entre o velho e o novo, nem sempre as pessoas se identificam com o que foi preservado por outras gerações.

Segundo a autora, a memória tem uma capacidade seletiva: a operação de lembrar e de esquecer. “Para ser alguma coisa é necessário deixar de ser muitas, muitas outras” (SILVA, 1999 p.1) Com base neste princípio, como uma sociedade democrática escolhe o que quer ser? Por que selecionar o que deve ser lembrado? Quais os requisitos para se construir uma memória coletiva?

Responder a todas estas perguntas não é uma tarefa simples; pode-se começar, entretanto, pelo conceito que a comunidade tem de cidadania. Talvez, contrapor o tradicional ao moderno, o artificial ao natural, não seja a melhor saída. Mas é interessante conhecer o significado de cidadania na visão das pessoas que utilizam algum patrimônio cultural, entre eles, parques, igrejas, museus, festas etc.

De acordo com Simão (2001), é preciso buscar interação com o patrimônio preservado, valorizando-o e atribuindo-lhe valor para integração e utilização da população, porém isso não deve ser usado como argumento para o descuido do ambiente urbano. As cidades são compostas por processos dinâmicos e complexos, que agregam valores materiais e simbólicos.

Monnet (1999) acredita que a proteção do patrimônio é freqüentemente usada como instrumento de gestão urbana, na qual a articulação política decide o que é interessante manter ou não. Tornou-se conveniente à construção de um passado ideal, que sensibilize a comunidade diante das escolhas das autoridades. O autor observa que o atual conceito de patrimônio é restrito e usado politicamente, recria-se uma memória monumental e heróica. Concedem pouca importância ao “saber fazer”, logo, as igrejas precisam ser preservadas porque, não se sabe pintar vitrais como no século passado. Contudo, se houver um incêndio, perde-se tudo!

Uma das maiores dificuldades encontradas, ao gerenciar um patrimônio cultural tombado, diz respeito aos recursos financeiros disponíveis, pois a manutenção de um bem como este tem um alto custo em função da disponibilidade de materiais. Outro fator que desafia qualquer administrador refere-se aos usos e funções do espaço: atribuir novas funções ou manter os atributos da época é um paradigma. A distância entre quem planeja e quem coordena o dia-a-dia dos locais tombados, também, é uma questão a ser solucionada, ou ao menos amenizada.

É necessário avaliar a identificação da comunidade local em relação ao patrimônio e convidá-la a participar do processo de preservação.

Tratar a convivência urbana sob outra ótica, em que a própria cidade se responsabiliza por seus processos, exige principalmente mudança de mentalidade. Propiciar a participação dos vários segmentos na gestão urbana, promover a geração de emprego e renda e preservar o patrimônio ambiental e cultural, tudo isso baseado no respeito à identidade sócio-cultural da população implica numa grande mudança de mentalidade e de postura, tão arraigadas em nossa cultura [...] (SIMÃO, 2001, p. 87).

Este processo de mudança, proposto pela autora, envolve atitude e comprometimento por parte de todos (poder público e comunidade). Para isso, é preciso compreender os vários significados de patrimônio. A educação e a interpretação são estratégias importantes neste momento. Nas palavras de Murta (2002, p.13), interpretar o patrimônio é “o processo de acrescentar valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações que realcem a

história e as características culturais e ambientais do lugar”. Com isso, conclui-se que a interpretação é imprescindível à manutenção e gestão do patrimônio cultural.

Para Murta (2002, p. 139), “a relação entre preservação, conservação e turismo é ambígua”. Em alguns casos, o turismo viabiliza economicamente a conservação e preservação de um bem cultural, por outro lado, também, pode prejudicar os locais e as práticas culturais que eles abrigam. Ainda, segundo a autora, na administração de sítios históricos para o turismo, deve-se considerar no mínimo cinco variáveis: a identidade cultural do local; as chances de educação formal e informal; as possíveis atrações histórico-culturais a se desenvolverem; o perfil do consumidor e a viabilidade econômica.

Num período de mudanças e diversidade de valores, quando as informações ganham agilidade e, portanto, interferem na vida urbana, é complexo definir caminhos a serem revistos, ao se planejar a requalificação ou revitalização dos espaços tombados. Entretanto, administrar os conflitos é de fundamental importância para a gestão do lugar.

É difícil refletir sobre as questões de preservação do patrimônio sem mencionar a especulação imobiliária. O planejamento e a gestão de cidades são influenciados pelas diretrizes políticas, leis de uso e ocupação do solo, preservação do meio ambiente e outras diretrizes que definem o que deve ser preservado e o que ser destruído.

O artigo 2º do Estatuto das Cidades (lei nº 10.257) descreve sobre o objetivo da política urbana, a qual deverá ordenar o desenvolvimento das funções sociais dos municípios. Entre outras diretrizes, o artigo sugere a proteção, preservação e recuperação do patrimônio cultural, histórico, e paisagístico.

1.5 Os Meios de Hospedagem – objeto de estudo deste trabalho

Ao refletir sobre os significados da atividade turística e dos processos de (re)ordenamento dos territórios em função do turismo, pode-se identificar alguns articuladores locais. Esses, por sua vez, variam de acordo com a cultura e as diretrizes (locais e globais) que gerenciam o processo.

Os equipamentos hoteleiros, em alguns casos, são considerados articuladores estratégicos na gestão sustentável do lugar, seja pelo número de

unidades habitacionais que possuem ou pela maneira com que eles interagem com espaço turístico.

Em função do número de turistas, houve uma expansão dos meios de hospedagem em Tiradentes, ocasionando uma distorção entre as particularidades e nomenclaturas concedidas a hotéis e pousadas do município. A cidade abrigava, entre o final de 1999 e o início de 2000, aproximadamente 85 pousadas e hotéis (PELLEGRINI, 2000).

Atualmente, segundo entrevistas realizadas e uma relação concedida pela prefeitura, existem cerca de 110 pousadas no município. Observa-se que a expansão desse empreendimento teve início em 1995. De acordo com Pellegrini (2000, p. 118), “[...] entre 1995 e 1999 surgiram na cidade 13 novos estabelecimentos, enquanto no período de 1972 e 1994, ou seja, em quatorze anos, foram construídos no município quinze hotéis e pousadas”.

Caracterizar as pousadas de Tiradentes é um exercício complexo, pois se constata a existência de empreendimentos de pequeno, médio e grande porte e em função disso, é notável a especulação imobiliária em torno dos casarões antigos. “Há dez anos uma casa dessas, mal conservada, saía por R\$25.000 (vinte e cinco mil reais), agora custa no mínimo quatro vezes mais” (VEJA, 27/02/02, p.74).

Encontra-se em Tiradentes basicamente três tipos de meios de hospedagem conhecidos como pousadas: as residências que começaram a hospedar visitantes; os prédios do centro histórico que foram adaptados para receber turistas e novos empreendimentos localizados fora do entorno histórico. Algumas dessas novas construções optaram por um estilo moderno, outras tentam manter o estilo colonial, como pode ser visto nas fotos a seguir.



**Extensão da
Residência**

Foto 4: Pousada da Sirlei
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Set. 2004)



**Prédio
Histórico**

Foto 5: Pousada Três Portas
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Set. 2004)



**Construção
nova – estilo
colonial**

Foto 6: Pousada Santo Antônio Padroeiro
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Set. 2004)



**Construção
nova – estilo
moderno/ da
atualidade**

Foto 7: Pousada São José Del Rey
Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora (Set. 2004)

De maneira geral, as inúmeras pousadas existentes no município são de pequeno e médio porte, com aproximadamente vinte e cinco unidades habitacionais. Empresas de capital fechado, esses estabelecimentos hoteleiros prestam um serviço

personalizado e realizam campanhas promocionais de alcance regional e nacional (internet e revistas de turismo).

A mídia regional concede grande destaque à comercialização de pousadas e restaurantes. “[...] A mais charmosa e elegante pousada do mais charmoso destino turístico de Minas Gerais está sendo criteriosamente observada por grupos de interessados em se estabelecer em Tiradentes [...]” (SAGARANA, jan. 2004, p. 20). A efervescência de Tiradentes como pólo turístico nacional vem promovendo o surgimento de grandes oportunidades de investimentos, principalmente nos meios de hospedagem de alta categoria.

De acordo com Souza (2003a), não só de paisagens e belos casarões vivem os meios de hospedagem em Tiradentes; suas diversas pousadas demonstram a cultura local, os alimentos típicos da região e a hospitalidade mineira. As diárias variam de R\$60,00 (sessenta) a R\$150,00 (cento e cinquenta reais) em média. A cidade se especializou no segmento de hospedagem e o município possui pelo menos doze pousadas que equivalem a luxuosos equipamentos hoteleiros das metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo.

A princípio, os proprietários de pousadas mostram-se satisfeitos com os seus negócios, e as tendências mercadológicas para o turismo em Tiradentes, atraem cada vez mais pessoas para a cidade, pois, segundo a reportagem mencionada anteriormente (VEJA, 27/02/02, p.74), 25% da população urbana de Tiradentes são provenientes de outras localidades e 80% do casario do centro histórico pertencem a pessoas de outros municípios.

Ao restringir o acesso a destinos de turismo cultural, corre-se o risco de incentivar a criação das famosas bolhas, os não-lugares, ou ainda chamados de lugares cenários, sem falar nas conseqüências de se ter um turismo que exclui e segrega a comunidade local. Por outro lado, ao se popularizar e incentivar demasiadamente o consumo de um destino turístico, podem-se obter resultados desastrosos, causados por uma atividade não-planejada e gerenciada. Os desafios propostos pelo turismo, no sentido amplo do exercício da atividade, ou seja, de quem visita (turista) e de quem recebe (anfitrião) são muitos e, às vezes, proporcionam não só inquietação e reflexão, mas também frustrações.

2 URBANIZAÇÃO E TURISMO

Segundo Luchiari (2002), a capacitação dos espaços com infra-estrutura básica e equipamentos para a execução de atividades turísticas produz diversas relações culturais. Estas, por sua vez, geram significados às comunidades pela interação ou segregação - induzida pela atividade turística, isto é, pela relação entre o residente e o turista - obtendo-se novas percepções e valores locais.

Dessa forma, paisagem, espaço, território, globalização e hospitalidade são palavras-chave para esta discussão; qualificar a interferência do processo brasileiro de urbanização, por meio da ocupação dos espaços para a elaboração de produtos turísticos, constitui-se o principal objetivo do capítulo a seguir.

Santos (1997) estabelece, por intermédio de dados estatísticos (indicadores de desenvolvimento), uma correlação entre urbanização e industrialização, pois a urbanização moderna nos países industrializados acompanhou a revolução industrial. Atualmente, a urbanização da sociedade vai além da dinâmica demográfica de concentração de pessoas e o desenvolvimento do meio técnico-científico redefine a relação cidade-urbanidade. A urbanização se constitui também pelo movimento, pelos fluxos que articulam e fragmentam o espaço (SPOSITO, 1998). Assim, percebe-se a evolução histórica do capitalismo e de sua dialética da sociedade do consumo.

2.1 Paisagem e Cultura

A relação entre a sociedade e o espaço resulta em formas peculiares que as paisagens expressam bem. Segundo Santos (2004), o conceito de espaço está relacionado à acumulação desigual de tempos, portanto, observa-se que o espaço está em constante transformação.

Um determinado momento pode ser considerado passado quando analisado por meio de sua dimensão temporal, mas não como espaço. Cotidianamente, comenta-se: “o que aconteceu num determinado momento, é passado, está morto, não mais retorna”. Essa observação faz sentido quando pensada a partir das questões que envolvem o tempo, porém, do ponto de vista espacial, o conteúdo desse tempo que passou pode estar registrado no espaço atual, isto é, nas

paisagens. Por isso, o autor propõe um estudo do espaço partindo da atualidade, para concomitantemente considerar suas duas dimensões: temporal e espacial.

O espaço abriga o território que, por sua vez, possui diversas paisagens, que podem ser sociais ou naturais. Dessa forma, destaca-se a importância da noção de escala, pois o espaço transmite a idéia de totalidade e a paisagem não (SANTOS, 2004). Para este estudo, entende-se como território o município de Tiradentes, localizado no estado de Minas Gerais, com a paisagem constituída dos diversos recortes possíveis de se realizar.

Constituídas de objetos naturais ou objetos fabricados, isto é, objetos sociais, as paisagens têm períodos de duração diferentes e são obtidas pela sobreposição de atividades desenvolvidas por várias gerações. Santos (2004, p. 54) afirma que “considerada em um ponto determinado no tempo, uma paisagem representa diferentes momentos do desenvolvimento de uma sociedade”.

A paisagem, assim como o espaço, está em constante alteração. Em cada localidade, a forma e a intensidade de acúmulo dos elementos naturais e dos que foram transformados pelo trabalho do homem ocorrem de maneira diferenciada, porque é necessário dar lugar a novas formas que se adaptem às novas transformações sociais.

A partir de uma análise sistêmica, é possível estudar o espaço social mediante sua forma, estrutura, função e processo. Santos (2004) sugere que essas categorias sejam analisadas em conjunto, pois são interligadas e constituem a totalidade do movimento social no espaço. A forma dos lugares pode ser entendida por meio da aparência; ela expressa um determinado tempo. Sua função está relacionada ao uso e à maneira como a sociedade a utiliza. A estrutura do espaço pode ser evidenciada a partir das divisões entre o centro e a periferia e, também pela influência econômica. Já os processos estão relacionados a toda dinâmica que permeia os lugares.

Pires Paulo (1999) comenta que a qualidade visual da paisagem para o turismo é diretamente relacionada com a predominância de seus componentes naturais, ou seja, água, relevo e vegetação. Outro item a ser considerado são as atuações humanas que, algumas vezes, tornam a paisagem atrativa pela diversidade que proporciona.

O autor sugere algumas propriedades visuais às paisagens: a forma, que está relacionada ao volume; as cores, que são definidas pelas pigmentações; a linha, ou

seja, o caminho (real ou imaginário) que o observador percebe; a textura, a qual se refere à junção irregular de formas e cores; a escala, que proporciona uma relação entre o tamanho do objeto e seu entorno e, por último, o espaço, o qual é concedido pela disposição tridimensional dos elementos.

É importante ressaltar que as análises feitas pelo autor estão direcionadas ao valor de consumo da paisagem, ou seja, a sua atratividade comercial. Os valores que os homens atribuem aos materiais e às técnicas e os métodos utilizados por eles influenciam diversos usos do espaço. A distribuição territorial do trabalho e a segregação social ocorrem também por meio da apropriação das paisagens.

De acordo com Luchiari (2001, p. 9), “a razão simbólica, constitutiva do processo de construção da paisagem, desnatura seu significado e revela sua dimensão cultural”. Na visão da autora, a discussão sobre a concepção de meio ambiente está dividida entre a idéia de natureza e a idéia de paisagem, o que significa natureza e sociedade juntas.

Alguns valores instituídos pela humanidade podem ser mensurados mediante a estruturação do homem e da natureza em territórios e, assim, são definidos os atributos de desigualdades socioespaciais. Como exemplo, verifica-se a elitização ou popularização de um destino turístico. A ocupação e transformação das paisagens sucedem a partir das crenças e dos objetivos sociais, estejam eles baseados na ideologia de quem organiza o espaço total ou nas partes.

Atualmente, observa-se uma revalorização das paisagens naturais; regiões de praias, montanhas e florestas (Amazônia) tornaram-se locais idealizados pelas pessoas, pois o acesso seletivo a esses locais estabelece relações de *status* e prestígio social (LUCHIARI, 2001), o que, segundo a autora, causa um crescimento na produção de paisagens urbanas em regiões até então abandonadas. Apesar de contraditório, a valorização do meio ambiente estimula o consumo dessas paisagens. Os turistas estão motivados a realizar viagens de aventura e que envolvam questões ambientais. Os destinos que atraem aventuras culturais, do ponto de vista da diversidade, também estão sendo procurados.

De acordo com Melo (2001), os aspectos subjetivos da paisagem começaram a ser considerados e analisados efetivamente pela geografia a partir de 1970. Com base filosófica, fenomenológica e existencialista, a geografia humanista iniciou o estudo do significado da paisagem, reconhecendo, então, seu simbolismo. Em 1980, a nova geografia cultural ganhou contribuições importantes, como a do americano

James Duncan, que propõe a interpretação da paisagem como um texto. O estudo textual da paisagem possibilita a leitura dos processos social e cultural nela introduzidos.

Gomes Edvânia (2001, p. 69) afirma que “a paisagem é um reservatório de utopias, estética, política, raciocínios e didáticas”. Neste contexto, nota-se que a paisagem é dotada de partes e influenciada pelo todo. As relações estabelecidas, por meio do conhecimento e do poder, sugerem novas formas e conteúdos às paisagens.

“A realidade é interpretada e os fenômenos observados como parte de um fenômeno maior, integral, sendo a paisagem percebida pelo indivíduo não como uma soma de objetos próximos um ao outro, mas de forma simultânea” (MELO, 2001, p. 33). O tema de pesquisa aqui proposto vai ao encontro dessa afirmação, isto é, analisa a paisagem como um todo, de maneira sistêmica e por meio de recortes criados a partir do pensamento, dos objetivos sociais inseridos nas localidades, regiões ou territórios, ou seja, pela cultura.

Ao optar por uma linha de pensamento que fundamente esse estudo, é importante mencionar a existência de outros segmentos dentro da geografia, no que diz respeito aos conceitos e métodos de análise das paisagens. Sob um olhar geral e superficial, observa-se que a geografia humanista subdivide-se em dois grupos: a geografia cultural tradicional, conhecida também como quantitativista e a nova geografia cultural, ou geografia marxista.

As duas vertentes pesquisam o tema paisagem sob diferentes aspectos. A vertente tradicional tem uma concepção mais espacial, quantitativa e não considera a influência da paisagem nos processos social e cultural. A outra vertente, a nova geografia, tem uma proposta direcionada ao estudo dos fenômenos (MELO, 2001).

Diante das diversas afirmações, este trabalho considera a nova geografia cultural como parte de seu referencial teórico, pois “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural, o resultado” (SAUER, 2004, p. 9). Os elementos de uma paisagem podem apresentar aspectos que estejam diretamente relacionados à cultura local. Os valores, as crenças, os mitos e até mesmo a hospitalidade de um lugar podem estar impressos na paisagem.

Ao estudar hospitalidade, Sansolo (2004) ressalta que se trata de um valor humano, criado a partir da sociedade. Por isso, no intuito de enriquecer essa

discussão, o autor sugere que a hospitalidade também seja analisada sob a perspectiva espacial e, para tal, estabelece uma relação entre o indivíduo e o lugar. Para o autor, a degradação ambiental pode ser entendida como consequência de uma relação inóspita entre o homem e o meio ambiente.

A paisagem caracteriza-se por meio da natureza e da ação humana e possui elementos históricos e morfológicos. Esse contexto tem permitido aos geógrafos verificar inúmeros significados para a paisagem e colocar o tempo como elemento fundamental de transformação. Portanto, analisar a dinâmica das diversas paisagens existentes (naturais e urbanas), torna-se um exercício fascinante.

Para Yázigí (2001, p. 34), “paisagem é o conjunto de formas num dado momento e por isso mesmo algo que está sendo sempre refeito na mesma matriz”. O autor também menciona que a natureza existe por si só, mas a paisagem se constitui mediante a relação existente entre o homem e a natureza. Assim, a paisagem torna-se um patrimônio cultural coletivo e representa uma porção do espaço.

Santos (apud Yázigí, 2001, p. 35) define paisagem como “o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área [...]. A paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal”. Desta forma, é importante que a paisagem seja compreendida nas partes e na totalidade, tendo como instrumento de interpretação o contexto no qual está inserida.

Cada vez mais, a concepção de paisagem vincula-se à vida cotidiana das pessoas que nela residem ou compartilham. As constantes transformações e adaptações de valores dão forma e conteúdo às paisagens. As diferentes rotinas e valores sociais diferenciam as paisagens e despertam interesse no outro. Segundo Yazigi (1999), um indivíduo não se desloca de seu território para conhecer outro idêntico, afinal pouco ou nada seria acrescentado.

Ao verificar paisagem como fato cultural, Meneses Ulpiano (2002) identifica diversas concepções sobre paisagem, entre elas o turismo de massa e a paisagem-mercadoria. Turismo e ambiente natural podem e devem caminhar juntos e de forma equilibrada, porém as pessoas que acreditam nisso não são necessariamente as mesmas que comandam o mercado da paisagem.

Pela maneira como a paisagem é constituída e pela forma com que seus habitantes se identificam com esse processo, compreende-se a possibilidade das

paisagens se tornarem patrimônio cultural. Elas expressam as relações sociais, econômicas e políticas de uma comunidade e, também, permeiam as funções do espaço. Isso pode ser observado total ou parcialmente por meio da especulação imobiliária, que não só atribui valor à paisagem como a segrega.

O conceito de paisagem é amplo, complexo e necessário à qualificação e integração dos aspectos existenciais e imaginários do homem a um mundo objetivo e concreto. A cultura influencia e viabiliza cada uma dessas transformações, além de dar sentido às formas, estruturas e funções da paisagem.

2.2 O Espaço Globalizado e o Turismo

Segundo Naisbitt (1999), após a intensificação dos processos de industrialização no período pós-guerra, surgiram as grandes metrópoles. A cidade começa a ser concebida como um lugar estressante, e o trabalho é visto como algo exaustivo. Paralelamente a tudo isso, intensificam-se as viagens e inicia-se a valorização do lazer, o que motiva o desenvolvimento do turismo como refúgio, uma vez que ele começou a ser entendido como oportunidade de bem-estar.

Ainda, de acordo com Naisbitt (1999), nos próximos anos haverá um aumento considerável no número de viagens, porém esses deslocamentos serão de curta duração. O autor refere-se às viagens realizadas aos finais de semana e feriados, conhecidas por fenômeno dos três dias. “Casais que trabalham cada vez mais tiram vários fins de semana de férias, relativamente luxuosos, em vez de um único e longo período de férias” (CETRON, 2003 p. 25). As viagens tornaram-se um objeto de desejo, uma alternativa para escapar do estresse produzido pela tecnologia do consumidor. Essa tecnologia promete-nos economia de tempo, o tempo todo.

As questões que envolvem o planejamento e a gestão do turismo vão do global ao local, abordam fatores como economia, comunidade, cultura, patrimônio, ambiente, dentre outros. A prática da atividade turística é diretamente influenciada pelo comportamento do consumidor e pelas macro e micro tendências do mercado.

Os avanços tecnológicos trouxeram expectativas que vão além da promessa de racionalizar o consumo do tempo e o acesso às informações. Atualmente é possível que o consumidor saiba mais sobre o destino que deseja conhecer do que o próprio mediador do processo de compra. A alta tecnologia permite às organizações otimização dos processos de distribuição do produto turístico, redução

de custo, competitividade e, conseqüentemente, a formatação individualizada de viagens a lazer.

Na perspectiva de Cooper et al. (2001), o desenvolvimento da tecnologia tem implicações importantes na distribuição do produto turístico, pois viabiliza a mistura de atrativos independentes e possibilita a elaboração de destinos completos e integrais, que compõem a experiência turística.

Os atrativos turísticos podem se complementar por características semelhantes ou por serem totalmente diferentes. Comercializam-se roteiros que combinam, em uma única viagem, cultura, esportes radicais e compras. Ao percorrerem regiões distintas, os turistas buscam o que cada localidade tem de melhor no tema estipulado. Swarbrooke e Horner (2002) concluíram que o modernismo surgiu por meio dos avanços tecnológicos e científicos, desenvolvendo-se, então, o mercado de massa, que partia do princípio que as atitudes e comportamentos eram comuns à maioria das pessoas. Já o consumidor pós-moderno busca produtos personalizados, que possam atender às suas motivações de viagem.

Rodrigues (2001a, p. 125), acrescenta:

A cultura se mundializa enquanto a técnica, a informação e economia se globalizam. O processo de globalização unifica os mercados, definindo subespaços hierarquizados ou não, que vão dos centros às suas respectivas periferias, determinando relações de dominação e de subordinação.

Para compreender o espaço no qual acontecem atualmente os fluxos turísticos, é preciso entender antes o processo de globalização-fragmentação. Os centros urbanos são pouco duradouros em função da rápida mudança de valores; muitas vezes, as recentes relações estabelecidas entre o mundo e o local desarticulam as estruturas nacional e local ou, até mesmo, regional e local.

Rodrigues (2001a) contextualiza o tema tratado com um exemplo brasileiro: a fazenda *Santa Guertrudes*, no Pantanal mato-grossense. Localizada em uma área de difícil acesso, a fazenda realiza passeios turísticos ecológicos para o público internacional, principalmente alemão, possui um meio de hospedagem com aproximadamente 20 apartamentos de caráter simples, mas confortáveis e é responsável por abrigar os alemães que são contatados por meio de uma agência de viagem em Frankfurt. Chegando ao Brasil, o grupo de turistas desembarca no

aeroporto de Brasília, vai até Corumbá, e de lá, o grupo segue de *van* até a fazenda, onde permanece por, aproximadamente, sete dias.

Considerado pela autora, como um turismo internacional de ponto a ponto, este estilo de viagem realiza-se, também, em outras localidades do país, o que demonstra claramente os aspectos da globalização-fragmentação. Ao considerar que as variáveis tempo e espaço já não eram suficientes para compreender o processo de urbanização, Santos (apud Rodrigues, 2001a) comenta que os novos estilos de vida exigem novas formas de investigação. Trata-se de elementos que são altamente influenciados pela velocidade do período do advento técnico científico, fato que viabiliza a junção de características como a história, o tempo e o espaço; tratá-los separadamente nas ciências sociais torna-se inviável.

Mais que um conceito ou terminologia corriqueira, a globalização compila as características econômicas, políticas, culturais e sociais de um território. “Os espaços se diferenciam pelo conteúdo de ciência, técnica e informação que têm” (RODRIGUES, 2002, p. 9). Estes fatores dão forma aos elementos que compõem o espaço turístico, ou seja, reforçam as diferenças regionais, que são de suma importância para o turismo e evidenciam as duas faces da globalização: o aspecto global e fragmentário.

O espaço globalizado é umas das características do mundo atual. Segundo Trigo (2002), a construção desse espaço ocorreu por volta dos anos 1990, com o término da Guerra Fria e a constituição dos Blocos Econômicos. Esses espaços possuem peculiaridades como o turismo internacional, o qual fomenta o intercâmbio cultural e econômico e incentiva a implementação de recursos que proporcionam o deslocamento humano e, conseqüentemente, o sistema de distribuição da oferta turística.

Outra característica comum aos espaços globalizados são as novas morfologias geográficas, nas quais a formação dos territórios recebe cada vez menos influências regionais ou locais. Muitas vezes, a formação dos lugares é conduzida por valores externos, por novas ordens mundiais.

[...] Muitas ações que demonstram o interesse das instituições internacionais em apoiar o turismo no Nordeste, como destaque para a Organização Mundial do Turismo (OMT) e o Banco Internacional de Desenvolvimento (BID) que canalizam investimento em infra-estrutura e incentivam a realização de parcerias através das chamadas Bolsas de Investimentos (PAIVA, 2001, p. 277).

Ao analisar a globalização e segmentação do turismo no nordeste brasileiro, Paiva (2002) menciona a organização de parcerias feitas no período dos anos 1990. Em resposta a esses investimentos, observa-se o desenvolvimento das redes hoteleiras na região. Agrupando recursos paisagísticos, projetos arquitetônicos, incentivos financeiros e mão-de-obra de baixo custo, a hotelaria no Nordeste tem sido a maior empregadora das atividades turísticas, cerca de 40% dos empregos são gerados pelo turismo.

Em meados da década de 1990, foi implementado o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste - PRODETUR-NE, plano que objetivou equipar os estados da região com infra-estrutura básica para efetivação do turismo como fonte de desenvolvimento e racionalização da distribuição de renda. Como a maioria do capital destinado a esse projeto é de origem transnacional, o Nordeste sentiu os impactos da globalização no mercado econômico e na gestão do mercado de trabalho (CRUZ, 2002a).

Assim, como em todo o país, a região Nordeste passou por um processo de acumulação capitalista, o que contribuiu para que o turismo se tornasse uma oportunidade de trabalho, principalmente para os jovens.

Os procedimentos que desencadeiam a globalização do espaço não apagam seu passado, mas lhe acrescentam uma nova estrutura, com elementos dinâmicos que possibilitam a interação do local com o global. De acordo com Santos & Silveira (2003), as novas formas de direcionamento e dominação acentuam as diferenças e as desigualdades. Uma política de exportação conduz a um sistema competitivo que privilegia tendências externas, isto é, cada empresa global ou nacional busca atender aos valores da demanda, passando a não corresponder aos interesses sociais da localidade. Esse comportamento é chamado pelo autor de fragmentação territorial.

Anteriormente, as atividades de caráter internacional dependiam em parte das relações diplomáticas do país e as relações comerciais e econômicas estavam diretamente vinculadas aos acordos políticos, o que caracterizava a soberania da política sobre a economia (SANTOS & SILVEIRA, 2003).

Na atualidade, a divisão internacional do trabalho caminha de acordo com as diretrizes internacionais que atuam internamente em cada país, por intermédio das diversas organizações empresariais e/ ou financeiras que, por sua vez, têm cada vez mais interesse em se manterem neste mercado, o que acarreta conseqüências

sociais e econômicas. Diante desse contexto, explana Santos & Silveira (2003, p. 253) “... o território de um país pode tornar-se um espaço nacional da economia internacional”.

Procura-se neste texto compreender o espaço por meio de seu uso, suas divisões e subdivisões, isto é, pelo sentido que lhe é atribuído. Com a globalização e o uso competitivo do território verifica-se um desenvolvimento turístico que necessita de análises políticas, econômicas e sociais. O turismo, assim como outros setores da economia, é influenciado e exerce influência no espaço onde está inserido, transforma paisagens e concede a elas um novo uso, ou seja, um novo sentido. A (re)organização dos espaços globalizados, em função da atividade turística, transforma os usos do território.

2.3 O Processo de Turistificação do Espaço

A turistificação do espaço, isto é, a sucessão de ações que se desenvolvem em função de (re)organizar o lugar para a prática do turismo, pode trazer consigo diversas conseqüências. De acordo com o atual modelo capitalista de produção, essa adequação do espaço pode ocorrer de maneira excludente. Planejar os lugares para o turismo e dotá-los de infra-estrutura básica e equipamentos, que viabilizem a permanência dos turistas, pode causar danos irreversíveis à comunidade e, conseqüentemente, ao espaço onde está inserida.

De acordo com Hamel (1997), o planejamento deve objetivar a reconstrução das regras de um setor e criar um novo espaço de possibilidades, devem-se buscar novas funcionalidades ou novas formas de ofertar as funcionalidades tradicionais e desenvolver planos para a aquisição e migração de competências. Nesse contexto de mudanças e diversidade de valores, em que as informações ganharam agilidade e, portanto, interferem no comportamento de quem produz e de quem consome, que diretrizes ou caminhos devem ser revistos ao se planejarem destinos turísticos que visem à competitividade e à sustentabilidade?

Observa-se que algumas localidades vêem no turismo a única possibilidade de desenvolvimento econômico, o que, muitas vezes, leva a população a resgatar alguns hábitos e tradições, como o artesanato e as comidas típicas. A partir desse momento, as comunidades concedem novos usos ou funcionalidades às tarefas que antes eram rotineiras.

Luchiari (1997, p. 23) faz referência a este processo e chama a atenção para as populações que se submetem aos valores externos, ou seja, aos centros emissores, causando uma desarticulação nas culturas locais. No anseio de ser inserida no processo de globalização contemporâneo, muitas vezes, a comunidade passa a desenvolver atividades que não estão inseridas nas suas características.

Contudo, o turismo não é apenas um vetor de dominação, mas também de transformação dos lugares. Segundo a autora, o turismo proporciona novas formas de sociabilidade, articuladas em função do processo de revalorização das paisagens para o lazer. Assim, o turismo possibilita uma mediação entre o global e o local. As principais motivações da atividade turística são as particularidades de um lugar: um local onde as diferenças são marcadas pela identidade cultural, seja ela material ou imaterial. Algo novo e especial torna os destinos únicos naquilo que eles se propõem a fazer. Afinal, globalizar não é fazer com que tudo se torne igual, pasteurizado.

Esta reflexão não busca contrapor o tradicional e o moderno, o natural ao artificial, e sim estabelecer relações do lugar ao mundo, por meio das diferenças. A junção de antigos e novos valores constitui uma sociedade cada vez mais híbrida, ocasionando-lhe uma nova composição sócioespacial. O tempo e a paisagem são elementos fundamentais ao desenvolvimento do turismo, pois a partir deles são elaborados bens de consumo e atrativos turísticos (LUCHIARI, 1997).

A partir das atividades econômicas praticadas pelo homem e do juízo de valor que cada sociedade institui, o ambiente pode ser visto como alternativa de desenvolvimento local. Dessa forma, Luchiari (1997, p. 25-26) identifica algumas características que distinguem as cidades que foram urbanizadas pelos fluxos turísticos das que passaram por um processo tradicional de urbanização (industrial).

São elas:

1. mão-de-obra (encontra-se) na construção civil e na prestação de serviços;
2. (há uma) valorização estética da paisagem da cidade;
3. mudanças na ocupação do solo urbano: especulação imobiliária e segregação residencial;
4. organização dos moradores: (levando ao) surgimento de sociedades de amigos, sociedade de moradores etc;
5. aumento da população e da força de trabalho;
6. custo de vida mais alto para a população local durante a alta temporada;

7. produção de novos lugares de consumo, conhecidos mundialmente como ambientes domesticados pelo cotidiano da modernidade - é o caso dos *shoppings centers*.

O planejamento e a gestão destas cidades serão influenciados pelas diretrizes políticas, leis de ocupação e uso do solo, preservação e conservação do meio ambiente, responsabilidades sociais das empresas e outras normas que regulamentam a atividade turística. Faz-se necessária uma visão sistêmica do global e do local por parte dos gestores e da sociedade, que devem participar ativamente desse processo. Assim, haverá cidades desejáveis, com maior qualidade de vida para a população e para os visitantes.

O número de turistas que uma localidade recebe, a forma com que eles se comportam em relação ao ambiente e à cultura e a promoção ou exposição do destino turístico aos veículos de comunicação e marketing são questões a serem administradas. Portanto, estratégias podem ser adotadas na gestão de locais turísticos. Pearce (2002) afirma que a educação, a inclusão das perspectivas locais, a pesquisa e o monitoramento podem contribuir para esse processo.

Há diversos perfis de turistas. Existem aqueles que interagem com os usos e costumes locais e aqueles que acreditam que o lugar turístico não passa de uma encenação para encantá-lo. Nos dias atuais, observa-se um pequeno declínio no número de turistas que se identificam com segundo tipo em virtude das tendências já mencionadas neste texto. Muitas vezes, a urbanização de uma localidade se dá por meio da atividade turística e a população local é afetada diretamente.

Conforme Vasconcelos (2005, p. 49), o conceito de turistificação “é uma interação entre fixos (paisagens, territórios etc) e fluxos (capital, pessoas, padrões e valores culturais) que influencia as diferentes esferas da organização socioespacial”. Com a revolução tecnológica, essas influências tornaram-se evidentes e a interação cultural e sua atuação sobre o espaço e as paisagens constituem territórios cada vez mais articulados em função do capital, o que ocasiona a segregação do espaço.

O interesse em desenvolver o turismo chama a atenção do mercado investidor e, por conseqüência, do poder público para a ausência de infra-estrutura básica nos locais. Dessa forma, algumas regiões de interesse turístico são estruturadas em função da atividade. Entretanto, com a implementação de serviços públicos, como abastecimento de água, tratamento de esgoto e lixo, construção de

estradas e aeroportos, aumenta-se o valor mercadológico da terra, ocorrendo a expulsão dos antigos moradores e a segregação do espaço.

“O acesso desigual aos meios de consumo coletivo está relacionado à forma pela qual as várias classes sociais se relacionam com os valores de uso do solo, relação esta representada pela estratificação espacial e segregação social [...]” (MARCELINO, 2001, p. 180). Outro ponto importante a destacar são as divergências existentes nas leis e normas que regulam a atividade turística, pois algumas vezes, não existe coesão nas solicitações institucionais feitas pelo município, estado e federação. Exemplo disso é o que acontece entre estados e municípios na elaboração de normas para o tratamento de resíduos de lixo.

De acordo com Lojkine (apud MARCELINO, 2001), a segregação espacial possui três características: a oposição entre centro e periferia, conforme o preço do terreno; a divisão entre as áreas residenciais para populações com maior ou menor poder aquisitivo e a divisão das atribuições urbanas por áreas ou zoneamentos, ou seja, industrial, residencial, comércio e lazer. Marcelino (2001) alerta para a utilização do plano diretor, principal instrumento de organização espacial do município, pois, por intermédio dele, podem-se definir os núcleos de equipamentos turísticos.

Para Silveira (2002), a produção dos lugares turísticos possui duas formas de consolidação: por meio da criação de fetiches e roteiros fantásticos, pelas redes do turismo global, ou a partir do saber-fazer comunitário dos lugares. A produção global do turismo é fundamentada, principalmente, em novas funcionalidades que impõem movimentos regulares à comunidade.

Novas formas organizacionais nascem ao abrigo dessas fragmentações cruzadas: roteiros, pacotes e *resorts*, entre outros. É a venda de fragmentos geográficos para o consumo turístico. Os roteiros são previamente organizados por empresas globais e, raras vezes, com participação de agentes nacionais e regionais. São pedaços do território destinado à circulação turística. [...] O valor das paisagens e a produtividade do lazer designam sua maior ou menor oportunidade aos vetores da globalização turística (SILVEIRA, 2002, p. 40).

A urbanização, que em determinados momentos traz consigo o progresso, o desenvolvimento e a infra-estrutura, também promove a degradação ambiental, a poluição das águas e nascentes, acúmulo de lixo, precárias condições de moradia e o aumento da população urbana, entre outras conseqüências. Assim como acontece

em outros setores da economia, o turismo se desenvolve de forma irregular no território.

Knafou (2001) descreve três fontes de turistificação dos lugares e dos espaços: os turistas, o mercado e os planejadores/ promotores. A primeira diz respeito àqueles locais que são descobertos pelos turistas, pessoas se deslocam para esses lugares sem receber diretamente uma influência mercadológica. Já a segunda fonte de transformação refere-se ao mercado, ou seja, a todos os esforços realizados pela iniciativa privada para implantar equipamentos turísticos. Atualmente, esse processo acontece de forma tão acelerada que o turismo em si começa a perder o sentido. O que conta são os meios de hospedagem, as quadras de golfe, os eventos noturnos, os banhos de *ofurô*, os esportes radicais etc. A terceira fonte de motivação e criação dos espaços para o turismo compõe-se das pessoas que planejam e promovem o turismo por meio de incentivos locais, regionais ou nacionais, apoiados por um desejo político.

Marcado pelos interesses econômicos e sociais, o turismo se caracteriza por sua complexidade de análise. Apoiado nas multiformas e na diversidade de variáveis a serem estudadas, esse fenômeno apresenta-se com uma origem elitista, mas praticado na atualidade pela “massa”, isto é, pelos grupos. Essas pessoas se diversificam de acordo com seus perfis e poder aquisitivo. Knafou (2001) informa que a liberdade do turista incomoda a população residente. Observa-se que alguns motivos podem levar a isso, já que os residentes podem se sentir invadidos, modificados, influenciáveis... Outro fato seria o turista poder se divertir e deslocar (condição de mobilidade) enquanto os residentes trabalham. É difícil prever tais mutações e influências culturais, por isso, torna-se complexo verificar até que ponto o turismo pode ser praticado de forma a não interferir na vida dos residentes ou não alterar de maneira drástica as paisagens.

Cruz (2002a) identifica três situações na relação entre o turismo e o urbano. No primeiro caso, o urbano antecede ao turismo, ou seja, os lugares já eram dotados de infra-estrutura e entre seus segmentos de negócios insere-se o turismo. A atividade turística chega a esses centros urbanos exigindo uma adequação do espaço em função do novo uso. Dessa forma, a expansão do turismo pode se deparar com alguns empecilhos impostos por um sistema de objetos e conteúdos já existentes na localidade.

Um outro momento se dá quando a urbanização e a atividade turística chegam juntas à localidade e se fundem em único processo. Os complexos *Costa do Sauípe*, na Bahia; Cancun, no México e Las Vegas, nos Estados Unidos, são exemplos de urbanização turística a qual se deu por um planejamento focado em infra-estrutura hoteleira.

A terceira e última relação entre a atividade turística e urbanização encontra-se nos processos de urbanização posteriores à prática do turismo. Trata-se de um turismo caracterizado pelo mercado como aventureiro, isto é, sem infra-estrutura e equipamentos que visem ao conforto e à comodidade para turista - aliás, é exatamente isso que o atrai. Contudo, em virtude do crescimento do fluxo de pessoas, estes espaços tidos como “selvagens” são estimulados a se urbanizar. Porto de Galinhas, em Pernambuco, e Porto Seguro, na Bahia, eram inicialmente vilas de pescadores e, atualmente, são exemplos de ações que visaram à urbanização após o advento do turismo.

“Se há algo de fugaz, de transitório, de efêmero, na relação entre turismo e território, isto se dá, indubitavelmente, de forma mais evidente, no chamado turismo de hotelaria” (CRUZ, 2002a, p. 23). Com base no argumento de que os turistas têm todos os passos programados pelos agenciadores de turismo, a autora é incisiva ao afirmar que a relação entre os turistas e o território visitado está cada vez mais difícil.

As questões que envolvem o patrimônio cultural também desempenham um papel importante no processo de turistificação dos lugares. A maioria dos recursos direcionados à organização dos locais para o desenvolvimento e/ ou implementação da atividade turística busca algo que possa motivar o turista a se deslocar de seu ambiente doméstico. Com isso, é comum deparar-se com uma produção teatral da cultura, uma encenação fora do contexto, feita sob recortes. Quando produzido de forma a incentivar o turismo, o patrimônio cultural começa a ter um uso repetitivo, direcionado ao consumo, dificultando o entendimento e a contemplação por parte dos turistas.

Exemplo disto são as casas de *shows* instaladas na cidade de Natal (RN), onde o turista recebe (das mãos do guia) um folheto ou *folder* com a programação noturna semanal. Para completar ou viabilizar o passeio, os empreendimentos que funcionam durante a noite disponibilizam *vans* para os turistas. Essas *vans* passam nos hotéis dos principais pontos da cidade e têm seus destinos preestabelecidos; o transporte é gratuito e conduz os visitantes a locais que realizam apresentações

culturais típicas (Carmem Miranda, forró, capoeira), algo bem superficial, mas que deixa os turistas estrangeiros estarecidos.

Em função disso, Talavera (2003) chega a questionar a existência de um patrimônio cultural para turista, ou seja, para o mercado emissor. Em casos como este, observa-se uma compilação da cultura de maneira restrita e superficial, fato que o autor define como uma combinação de elementos com o objetivo de conseguir um produto facilmente absorvido e aceito pelo mercado. Existem rituais religiosos no Nordeste que perderam totalmente suas peculiaridades, pois os grupos (religiosos ou não) são convidados a se apresentar (diante de alguma remuneração), indiferentemente do contexto histórico e cultural de suas festas.

Na maioria dos lugares, o processo de turistificação ocorre por meio dos diversos agentes sociais e, principalmente, pelos valores construídos socialmente. A cultura exerce um papel fundamental nas diretrizes que conduzem a organização do espaço para o turismo.

2.4 O Lugar e o Não-Lugar

A transformação do espaço em mercadoria tem incentivado o aparecimento dos não-lugares. Trata-se da implementação de grandes empreendimentos de lazer que se caracterizam por estarem descolados do contexto social e econômico da localidade onde são instalados. Concentram-se nesses locais várias interações sociais que podem ser evidenciadas mundialmente. Pouco importa onde estão instalados, os turistas não são incentivados a interagir com a comunidade local.

Mediante suas crenças e valores, o homem concede à estrutura socioespacial um viés dinâmico, que possui características próprias, sejam elas locais ou globais. Essas representações estão presentes nas paisagens e, portanto, as diferenciam, concebendo ao lugar um valor intrínseco, único e definido, por isso se usa a expressão “o lugar”.

Na atualidade, os pontos geográficos são conectados por um fluxo de capital que lidera o mundo e expõe a descontinuidade territorial. Em um mundo globalizado e dominado pela ciência, tecnologia e informação, instituições como o Banco Internacional de Desenvolvimento - BID, o Fundo Monetário Internacional - FMI e o Clube de Paris, entre outros, estão acima dos Estados e, em muitas ocasiões,

definem quais serão as regiões prósperas e as marginalizadas pela nova perspectiva instalada nos territórios (RODRIGUES, 2001b).

O turismo coloca novas disposições culturais à sociedade. A publicidade e a mídia, em geral, possuem interferência no mercado turístico. As campanhas publicitárias vão ao encontro do imaginário e dos desejos subjetivos do público alvo em questão. Nesse momento, as pesquisas tornam-se grandes aliadas dos promotores do turismo e da iniciativa privada. Todos tentam recriar o lugar, ou um lugar que possa despertar interesse e expectativa no outro, naquele que viaja em busca do diferente, do exótico, mas ao mesmo tempo não deve fugir dos padrões em que este turista está acostumado no seu dia-a-dia. Torna-se necessário transmitir segurança e estar relacionado ao sentir-se em casa.

O dinamismo espacial caracterizado pela infra-estrutura dos transportes, energia elétrica e sistemas de comunicação requer capital transnacional, inicialmente. Depois, inicia-se a instalação dos empreendimentos privados, como grandes empresas hoteleiras e parques temáticos. As opções vão das mais elitizadas à classe média da população. Os referidos espaços caracterizam-se, então, por apresentarem produções artificiais ou em outros casos são verdadeiras oportunidades de melhoria das condições de vida em áreas naturais expressivas, como a Amazônia e Pantanal (RODRIGUES, 2001b).

A rápida elaboração de produtos para consumo do turista traz consigo outra propriedade: a diversidade de opções. Com a rápida mudança dos fluxos, algumas comunidades ficam em situação difícil, pois fazem do turismo o único segmento da economia. Elas abandonam as funções e ocupações características da região, desprezando portanto, o surgimento de outros destinos turísticos e a possibilidade de serem substituídas.

De acordo com Rodrigues (2001b), os *resorts* são tidos como exemplos de não-lugares por abrigarem peculiaridades comuns a outras partes do mundo. Ocupam os hóspedes, monitoram as crianças, simulam atividades de entretenimento e, na maioria das vezes, oferecem um café da manhã com iguarias similares a qualquer outro hotel, de qualquer outra cidade, tudo é muito previsível.

Nesta linha de pensamento, Yázigi (2001) escreve sobre a alma do lugar, algo que está vinculado ao cotidiano, a interação espacial e cultural e, por isso, respeita as diferenças. A cultura material e imaterial mexe no âmbito social e distingue as paisagens e os lugares. “Cotidiano e turismo mesclam-se no mesmo lugar. [...] em

maior ou menor grau, ambos se povoam de espetáculos e fantasias que se exteriorizam na organização do território” (Yázigi, 2001, p. 254).

Carlos (1999) tem uma visão ainda mais crítica sobre a formação dos não-lugares. Para ela “a indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer, ilusório, onde o espaço se transforma em cenário para o espetáculo” (idem, p. 26). A sensação de que tudo - gestos, passeios, jardins, shows - é controlado, incomoda. Os artigos típicos devidamente posicionados para estimular o consumo, os caminhos a serem percorridos, tudo programado e extremamente planejado.

Como já se discutiu nesse capítulo, o lugar é uma produção humana, se faz na relação entre o espaço e a sociedade, logo lhe é concedida uma identidade, algo que o identifica, o diferencia de outros lugares. A ausência de tudo isso nega o lugar e cria-se o não-lugar, com base no conhecimento (técnico-científico) dos empreendedores; eles pesquisam a demanda e fazem as adaptações necessárias. Algumas pessoas sentem-se confortáveis com a situação, preferem lugares onde tudo seja previsível, desejável e similar ao contexto vivenciado no seu cotidiano.

2.5 Urbanização e Hospitalidade Turística

Segundo Santos & Silveira (2003), a partir dos anos de 1950, iniciou-se uma urbanização brasileira aglomerada, isto é, aumentou-se a população dos núcleos acima de 20.000 habitantes. Diretamente atrelado ao processo de industrialização, o conceito de urbanização tornava-se sinônimo de desenvolvimento e progresso. As cidades ganhavam destaque por seus monumentos e avenidas, adquiria-se uma preocupação com a estética. O Estado era o provedor deste processo, assim era destinada a ele a tarefa de planejar os centros. Uma vez estabelecidos os grandes centros – símbolo de poder e de consumo – a economia capitalista contribuiu para a formação das áreas opostas a estes centros, ou seja, a aglomeração de uma população desprovida de recursos (financeiros e estruturais).

Posteriormente a esse período, um outro momento, denominado de urbanização concentrada, multiplicou o número de cidades intermediárias, para então formar as cidades milionárias, ou seja, municípios que abrigavam em torno de um milhão de pessoas. Surgem, então, as regiões metropolitanas, com inúmeras

divisões de trabalho e processos econômicos e sociais, concedendo novas possibilidades de articulação ao território.

De acordo com Santos & Silveira (2003), em 1960, existiam no Brasil, duas cidades milionárias, São Paulo e Rio de Janeiro, dez anos depois eram cinco e, no ano 2000, constataram cerca de quinze cidades com mais de um milhão de habitantes. As metrópoles apresentam algumas características como concentração da pobreza, atividades modernas, organização do trabalho, negociações fiscais, difusões de idéias pelos meios de comunicação, dentre outras.

Com a urbanização, os desejos de consumo também aumentaram; a publicidade se incorpora ao cinema, à televisão, às ruas, aos jornais e às revistas. O estímulo de comprar ganha força com a criação do cartão de crédito. Conforme Santos & Silveira (2003), em 1999, havia 24 milhões de cartões de crédito no Brasil. Verificou-se ainda que, nos últimos anos, expandiu-se também o consumo de viagens a lazer.

As conquistas sociais da classe trabalhadora; um melhor rendimento mensal para a classe média; implementação da indústria automobilística; desenvolvimento dos meios de transporte e dos sistemas de comunicação; inserção da mulher no mercado de trabalho; o interesse do Estado e o aprimoramento dos serviços turísticos na elaboração dos pacotes de viagem são fatores que viabilizam o desenvolvimento do turismo paralelamente ao processo de urbanização das cidades.

Conforme coloca Rodrigues (2001a), no período de 1964 a 1985, acentuou-se a expansão do processo de urbanização do país. O público que realizava viagens era composto praticamente pela classe média, isto é, técnicos de nível médio e superior do setor industrial, comercial e de serviços, profissionais liberais, funcionários públicos, bancários etc. Juntas, classe alta e média formavam um mercado promissor para o turismo, principalmente para o segmento das casas de segunda residência. Aliás, esse segmento foi primordial na urbanização do litoral do estado de São Paulo.

Observa-se que, a partir da década de 1980, o crescimento do número de hotéis foi considerável, principalmente em capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e em alguns destinos turísticos como Búzios, Ilhéus, Salvador e Ubatuba. Ao mesmo tempo em que se instalavam grandes hotéis, iniciava-se também a expansão da pequena hotelaria, como as pousadas,

especialmente na região Nordeste. Novas modalidades, como os Hotéis-fazenda e *resorts*, também começavam a fazer sucesso no interior do país (SANTOS & SILVEIRA, 2003).

Segundo Cruz (2002b), o processo de urbanização no Brasil trouxe cidades com problemas. A maneira como se deu a organização do espaço e o crescimento da população no século XX, somada à tendência mundial de esvaziamento do campo e ocupação das cidades, influenciaram o aumento da pobreza, degradação ambiental, violência e ausência de infra-estrutura.

Após estas colocações sobre urbanização no Brasil e o processo de formação das cidades, cabe uma reflexão sobre a hospitalidade que essas cidades podem oferecer ao turista. A hospitalidade é uma ação fundamentada no desejo humano de ser hospitaleiro, a qual pode se manifestar sob vários aspectos no dia-a-dia das cidades. Refletir sobre hospitalidade e seus possíveis horizontes é remeter-se à origem da convivência humana e à forma como as sociedades construíram suas relações ao longo da história. Contudo, este trabalho tratará especificamente da influência da hospitalidade sobre o turismo.

Cruz (2002b) expõe algumas características para o fenômeno da hospitalidade; a questão sociocultural é a primeira delas, por se tratar de uma análise centrada no indivíduo e/ ou no grupo. O segundo aspecto é o profissional, referindo-se às pessoas que constroem uma hospitalidade treinada e remunerada pelas empresas que trabalham com o turismo. A política exerce também, um papel fundamental no sistema turístico e a criação de um ambiente público hospitaleiro envolve ações do poder público e do setor privado. A última concepção é a espacial, pois a hospitalidade pode ser tratada nos espaços urbano e rural. Sob esta vertente, a análise da hospitalidade é diretamente relacionada ao vínculo territorial do indivíduo ao espaço e, por isso, residentes e visitantes ocupam papéis diferentes.

Existem diferentes abordagens ou possibilidades de estudo sobre o tema. Segundo Lashley (2004) é necessária uma definição ampla para viabilizar o estudo das diversas atividades relacionadas à hospitalidade. O autor propõe três campos ou domínios da hospitalidade: social, privado e comercial. Cada domínio apresenta um aspecto da oferta de hospitalidade.

O domínio *privado* ou *doméstico* diz respeito ao receber em casa que, do ponto de vista de sua origem, é o mais típico. Esse domínio da hospitalidade refere-se também aos complexos rituais e símbolos de receber bem, o que pode mudar de

acordo com a cultura local e com as gerações. [...] “A recepção de hóspedes em ambientes domésticos proporciona a oportunidade de situar o indivíduo e a família no contexto da civilidade”. (LASHLEY, 2004, p.14).

A casa é o primeiro estágio a ser estudado, é onde se começa a ensinar e a praticar hospitalidade. É o local em que a sua função primeira (abrigo) sofre adaptações rápidas e, muitas vezes, inesperadas, convidando a se pensar que a hospitalidade pode ser mais autêntica e talvez se consiga compreender as origens e características que ajudaram a sintetizar os conceitos de hospitalidade.

Assim, a partir da hospitalidade doméstica, pode-se compreender melhor como acontece a hospitalidade em outras esferas. A casa, onde as pessoas sentem-se, especialmente localizadas no mundo, antes de ter o sentido de morar, é também ponto de referência. Nela há também territórios sociais (sala), públicos (cozinha) e privados (banheiros e dormitórios).

Após esta reflexão sobre o ambiente interno, optou-se por uma análise sobre o receber comercial, um ambiente de privacidade em que as regras e os ritos são estabelecidos pelo proprietário. Essa tipologia considera a oferta de hospitalidade como atividade econômica e refere-se às empresas de hospedagem e restauração. Prover hospitalidade comercial é mediar o acolhimento por uma troca monetária.

Segundo Lashley (2004), o anfitrião e o hóspede entram num contexto de hospitalidade com pouco senso de reciprocidade e obrigação mútua. A hospitalidade comercial possui as seguintes características: é movida pela demanda; administrada por terceiros; a experiência pode ser repetitiva; apresenta uma economia de escala e necessita de sustentabilidade financeira.

O domínio comercial normalmente ocorre nas sociedades ocidentais; em que a hospitalidade não representa um valor primordial para a população. Os empreendimentos procuram conquistar a lealdade do cliente e, para isso, adotam sistemas de gestão que expressem a hospitalidade local. Por meio de recrutamento e desenvolvimento do quadro de funcionários, a empresa procura oferecer um diferencial.

A operação da hospitalidade comercial é complexa, pois a oferta de um nível adequado de produtos e serviços, compatível com cada cliente, exige o empenho de diferentes equipes de funcionários. A hospitalidade não pode ser oferecida sem a presença do cliente e alcançar um equilíbrio satisfatório entre padrões de demanda, planejamento dos recursos e capacidade operacional é uma das tarefas mais difíceis

enfrentadas pelos administradores da hospitalidade comercial. Segundo Telfer (2004), ser um bom hospedeiro não é o suficiente para ser hospitaleiro. Observa-se que a hospitalidade não é opcional para os hospedeiros comerciais.

Na busca por lugares hospitaleiros, iniciativa privada e setor público se unem, destacando, então, a importância do domínio *público*. Esta hospitalidade aborda o comportamento social do homem em espaços públicos, estuda a maneira como as pessoas interagem e se identificam, os grupos aos quais pertencem e suas identidades culturais. O alimento e a bebida são elementos importantes na leitura e análise dos grupos, comunidades e sociedades.

“Além disso, os alimentos devem ser um elemento-chave no estudo acadêmico da hospitalidade, devido à importância de se evitar a fome e a celebração de muitos rituais na vida social e cultural”. (LASHLEY, 2004, p.10). Portanto, propõe-se um estudo do contexto social, no qual as trocas de hospitalidade ocorrem, incluindo as expectativas de interação humana no dia-a-dia da vida urbana ou na dimensão turística.

Um exemplo de lugar que sintetiza bem esta interação humana com o ambiente é o *quartier de Belleville*, localizado a leste de Paris. É conhecido por concentrar um grande número de estabelecimentos industriais e comerciais (principalmente de alimentos, restaurantes e cafés), além de uma densa população de operários, artesãos e imigrantes de diferentes origens. Ele é comparado a um teatro da vida cotidiana local, onde pessoas, coisas, valores e crenças de diferentes origens e procedências podem ser apreciados pelos mais diferentes ângulos. Tudo isso faz com que *Belleville* seja considerado atualmente um dos *quartiers* mais cosmopolitas de Paris (GOMES GRAZIELA, 2002).

O comércio (livrarias, vestuários e mercados) é apresentado como um lugar fundamental para o parisiense, onde ele exercita e revela de forma especial seu modo de vida e sua interação com a cidade.

É relativamente recente, na vida social francesa a idéia da casa como espaço privilegiado de consumo e lazer, diferentemente do que sempre ocorreu no Brasil, aqui a casa possui significados socioeconômicos e políticos relevantes, desde o período formativo de nossa sociedade. De acordo com Gotman (apud GOMES GRAZIELA, 2002), alguns lugares exercem funções de acolhimento e hospitalidade. É importante frisar que o acolhimento obtido pelo comércio pode vir a se constituir num facilitador para a inserção de vínculos familiares na França.

Para Hillman (1993), a sociedade necessita de lugares para o olhar – bebedouros, cafés, locais públicos onde a “fofoca corra solta” - e lugares para o corpo – possibilidades de cantos, de esquinas e pontos onde seja possível dar uma pausa. Segundo o autor, existe ligação entre alma e cidade. Essa interação se torna possível mediante a idéia de reflexão - piscinas, lagos, galerias, sombras e venezianas onde ocorrem os reflexos. A segunda idéia é a de profundidade – níveis de iluminação, qualidade de texturas e matérias, contrastantes, ruelas. E, por último, a idéia de memória emotiva – parques históricos, estátuas de personalidades, memórias de guerra e a tradição dos fundadores.

Segundo Camargo (2003), a hospitalidade pública é merecedora da atenção dos atuais modelos de Planos de Desenvolvimento Turístico, pois esses destinos estão sendo (re)pensados a partir dos mercados emissores, isto é, nos valores de quem visita a cidade, e não de quem a habita. Knafou (1996) acredita que gente atrai gente e, por isso, além de possuírem o movimento, as cidades são atrativas pela infra-estrutura e equipamentos que apresentam.

Cruz (2002b) afirma que a hospitalidade turística é composta por vários segmentos, pois de nada adianta um hotel belíssimo, com serviço perfeito, se não houver saneamento básico e ruas limpas, para que o turista possa se locomover de um atrativo para outro. “Além da cordialidade no contato entre anfitrião e visitante e das necessárias infra-estruturas ao turismo, a hospitalidade turística abarca, ainda, infra-estruturas e serviços diversos” (idem p. 46).

Dessa forma, abastecimento de água, coleta de lixo, tratamento de esgoto, rede elétrica e telefônica e serviços de proteção dos patrimônios ambiental e cultural são exemplos de atividades urbanas necessárias, não apenas ao turismo, mas à condição de cidade hospitaleira.

3 MEIOS DE HOSPEDAGEM E TERRITÓRIO

Segundo Santos (1997), o território é composto por frações funcionais variadas, ou seja, cada porção do território desenvolve atividades diversificadas, como por exemplo, mineração, industrialização, prestação de serviços, lazer etc. Sua funcionalidade está diretamente atrelada às demandas que surgem em diversos níveis, do local ao mundial. O conjunto de frações que o território abriga é operacionalizado em função dos fluxos de pessoas, esses, por sua vez, são criados de acordo com as atividades da comunidade e da herança espacial. A proposta é trazer reflexões sobre três aspectos: a assimilação do termo pousada pelo mercado, a maneira pela qual o mercado hoteleiro se apropria do território e suas principais conseqüências para a população local.

Os meios de hospedagem são necessários ao desenvolvimento do turismo em qualquer um dos seus segmentos. As alterações de tipologia e conceitos desse equipamento, ao longo da história dos deslocamentos humanos, evidenciam a importância de um setor hoteleiro estruturado para dar suporte ao desenvolvimento do turismo (CAMPOS & GONÇALVES, 1998).

3.1 Tipologia Hoteleira

A história da hotelaria no mundo se dá a partir do deslocamento e, conseqüentemente, da necessidade de se hospedar. Por motivos religiosos, comerciais, de conquista, entre outros, os povos antigos saíam de seu ambiente em direção a outras comunidades e novas descobertas.

Campos & Gonçalves (1998) afirmam que o desenvolvimento dos meios de hospedagem foi diretamente influenciado pelos povos gregos e romanos, principalmente pelos romanos, que foram ótimos construtores de estradas. A expansão das viagens e o tempo gasto para chegar até o destino desejado proporcionaram o surgimento de abrigos para os viajantes ao longo dos caminhos.

As hospedarias que haviam surgido ao longo dos percursos sofreram as conseqüências da queda do império romano, já que as estradas eram pouco utilizadas em função da insegurança. A partir desse momento, a hospedagem passou a ser oferecida pelos mosteiros e conventos, entre outras instituições

religiosas. No início, tratava-se de um serviço informal, mas posteriormente foram construídos quartos e refeitórios separados, e havia monges que se dedicavam exclusivamente aos hóspedes (CAMPOS & GONÇALVES, 1998).

Posteriormente, foram construídos alguns prédios próximos a essas instituições religiosas. Nesses abrigos, os hóspedes cuidavam da própria alimentação, da iluminação (velas, lampiões, etc.) e das roupas de dormir, originando as pousadas.

A partir do século XII, as estradas voltaram a ser mais seguras, o que contribuiu para elevar o número de viagens e a retomada do desenvolvimento das hospedarias ao longo das estradas. Gradualmente, os países europeus criaram e aprimoraram suas leis de regulamentação dos meios de hospedagem, especialmente a França e Inglaterra.

A França, por exemplo, já dispunha de leis reguladoras dos estabelecimentos e dos serviços hoteleiros no ano de 1.254 (séc. XIII), enquanto a Inglaterra isso aconteceu em 1.446 (séc. XV). No ano de 1.514 (séc. XVI), os hoteleiros de Londres foram reconhecidos legalmente, passando de *hostelers* (hospedeiros) para *innholders* (hoteleiros). (CAMPOS E GONÇALVES, 1998, p.75).

Em 1561, a França regulamentou as tarifas das pousadas e exigiu a oferta de maior conforto para o hóspede (DUARTE, 1996). Na Inglaterra, as pousadas tiveram origem em alguns mosteiros que foram fechados, principalmente no interior do país. Os hotéis *New Inn*, em Gloucester, e o *Goerge*, em Glastonbury tiveram esta origem (CAMPOS & GONÇALVES, 1998). O primeiro estabelecimento hoteleiro planejado em Paris surgiu em 1870; o Hotel *Ritz* trouxe inovações como a junção do quarto com um banheiro privativo.

No Brasil, a evolução dos meios de hospedagem ocorreu lentamente, devido ao contexto histórico e à existência de outras alternativas de hospedagem. No período colonial, as pessoas hospedavam-se nas casas-grandes dos engenhos e fazendas, nos casarões das cidades, nos conventos e, principalmente, em ranchos construídos às margens das estradas (DIAS, 1990).

Em virtude da colonização e de todo um processo que teve início há 500 anos, a tradição dos meios de hospedagem no Brasil foi baseada no modelo europeu. Os primeiros hotéis foram erguidos por imigrantes e alguns materiais eram comprados no exterior; as telhas, azulejos, cerâmicas e algumas roupas de cama

não eram fabricados aqui, pois ainda não dispúnhamos de habilidade e tecnologia para tal.

Desde a primeira lei de incentivos para a implantação de hotéis no Rio de Janeiro, em 1904, até os dias atuais, as coisas mudaram, principalmente depois da década de 1990, com a entrada definitiva das cadeias hoteleiras internacionais no país (MAMEDE, 2002).

Diante de sua dimensão territorial, variação climática e estratégias políticas, o Brasil possui diversos destinos turísticos com diversas peculiaridades culturais. Assim, a exploração e o desenvolvimento hoteleiro acontecem de diversas formas. A tipologia e estrutura dos equipamentos hoteleiros do norte e nordeste são diferentes das que se encontram no sul e no sudeste, pois cada região mantém suas características próprias.

Com a proposta de analisar uma dessas mudanças, isto é, o processo de transformação do significado da palavra pousada como empreendimento hoteleiro, será realizada uma contextualização sobre os diversos tipos de meios de hospedagem existentes, conforme Walker (2002).

Hotéis de Centro de Cidade: em virtude da localização, esses hotéis podem atender a pessoas que viajam a negócios ou a lazer. Nessa classificação, podemos encontrar hotéis de baixíssimo custo (baratos), hotéis econômicos, hotéis com preço médio, hotéis de alto nível e hotéis de luxo.

Resorts: o surgimento desses hotéis nos Estados Unidos está diretamente relacionado ao desenvolvimento das ferrovias, período no qual complexos turísticos formaram-se ao longo das principais estações de trem. No Brasil, esses empreendimentos estão relacionados às Estâncias Hidrominerais/ Termas e aos lugares próximos do mar. Localizados em áreas com forte atração turística, balneários, parques ou regiões exóticas, os *resorts* têm como público alvo, pessoas que viajam a lazer.

Time Share: meio de hospedagem que se parece com um clube, é voltado para temporada de férias e normalmente, adquire-se o uso periódico do local. Similar a um condomínio, as famílias o utilizam por, em média, trinta anos. Segundo a Organização Mundial de Turismo – OMT (apud Walker, 2002) é um dos tipos de hospedagem que mais crescem, principalmente nos Estados Unidos e no México. Empresas como os grupos Clube Internacional, *Walt Disney Company*, *Hilton Hotels*, e Inter-Continental destacam-se no mercado. Atualmente, mais de três milhões de

famílias viajam em férias nesse sistema, distribuído em 4500 *resorts* localizados em 81 países.

Hotéis de Aeroporto: trata-se de hotéis de médio e grande porte que, localizados em aeroportos, trabalham com horários diferenciados e *day use*⁶. Estes hotéis representam praticidade para o cliente que necessita de repouso antes do próximo voo. Os hotéis possuem isolamento acústico e possibilitam ao cliente cumprir seus compromissos sem ter de se locomover até ao centro da cidade. Em detrimento da competição, estes hotéis já contam com espaços para reuniões.

Hotéis e Motéis de Auto Estradas: são construídos fora dos centros urbanos e caracterizam-se como hotéis de conveniência, por oferecerem um lugar específico para estacionar o carro ao longo das rodovias, cujo desenvolvimento ocorreu entre as décadas de 1950 a 1960, nos Estados Unidos.

Hotéis-Cassino: desempenham um papel importante no seguimento de entretenimento e lazer para os Estados Unidos. No Brasil, não é permitida a implantação de cassinos nos hotéis. Durante governo do presidente Dutra foi proibido o jogo de azar e essa lei é institucionalizada até os dias atuais. O hotel-cassino mais próximo do Brasil está localizado em *Punta Del Este*.

Hotéis de Serviço Completo: estabelecimentos de preço médio e alto, esses hotéis adotam o *all inclusive* como estratégia de atuação no mercado. Nos Estados Unidos, este tipo de hotel é comum nos grandes centros. Oferecem uma diversidade de serviços e comodidades ao hóspede. Todos os serviços como hospedagem, lavanderia, telefone, charutos e alimentos & bebidas estão inclusos na diária do hotel. No Brasil, alguns hotéis trabalham com serviços similares ao *all inclusive*, mas não incluem itens como: telefone, lavanderia e bebidas, ou seja, trabalham com diárias de pensão completa.

Hotéis Econômicos: o hotel econômico oferece serviços básicos à hospedagem do cliente. Quartos limpos e mobiliados, mas não dispõem de muito espaço. Sendo assim, tendem a excluir serviços mais supérfluos como: mensageiro, manobrista e *room service*. Nos dias atuais, os hotéis econômicos podem representar uma ameaça aos hotéis independentes e pensões, como um exemplo desta tipologia, verifica-se o hotel *Formule 1* (Rede *Accor*): oportuniza hospedagem por um baixo preço e possui uma boa localização. Entretanto, para que tudo

⁶ Utilização do apartamento por período inferior a 14 horas; normalmente não há pernoite.

funcione bem nesse mercado, os hotéis econômicos precisam administrar um desafio: educar seu público-alvo. Por uma questão cultural, no Brasil, o ato de se hospedar está relacionado a um *status* superior, algo que envolve sofisticação e requinte, o que dificulta a consolidação desse novo segmento de serviços.

Hotéis de Longa Permanência: trata-se de unidades habitacionais planejadas para pessoas que permanecem no hotel por um período maior. Apartamentos com microondas e armários e com mais espaço que os convencionais. Alguns destes hotéis oferecem cozinhas completas, serviços comerciais, loja de conveniência e possuem públicos que vão de executivos a famílias cuja residência passa por período de reforma.

Hotéis de Apartamentos: nos Estados Unidos existem aproximadamente mil empreendimentos nesta tipologia. Esses hotéis incentivam de maneira informal a integração dos hóspedes, buscam um ambiente familiar e comunitário, cujos públicos são os hóspedes residentes, congressistas e pessoas que realizam algum tipo de trabalho e requerem uma permanência acima de cinco dias. Constituídos por apartamentos em média 25% maiores que os convencionais, tais hotéis oferecem ao hóspede centros empresariais, serviços de mercearia e lavagem/secagem de roupa.

Bed and Break fast: teve sua origem na Europa e caracteriza-se como um meio de hospedagem simples, porém organizado e limpo. Geralmente são residências particulares que oferecem pernoite e café da manhã caseiro. O sistema B&B possui atendimento personalizado, informações turísticas sobre a área onde está localizado e dicas sobre bons passeios e compras regionais. A estrutura física das casas varia de acordo com as normas e tradições de cada localidade, mas apresentam, normalmente, de um a três quartos destinados a essa atividade. No Brasil, esse sistema é conhecido em algumas localidades como “cama e café”. Atualmente, este conceito é desenvolvido por um grupo de pessoas no bairro Santa Teresa, na cidade do Rio de Janeiro. As diárias variam de acordo com a localização e infra-estrutura oferecida pelos proprietários (moradores do bairro).

A prática de se classificarem os meios de hospedagem em categorias distintas é comum em todo o mundo, mas há matrizes de classificação e outras diretrizes específicas em diversos países. O principal objetivo da classificação é institucionalizar as diferentes características existentes entre os meios de hospedagem, disponibilizar referencial para o consumidor e, conseqüentemente, facilitar o seu processo de decisão de compra.

É preciso lembrar que os hotéis não são obrigados a solicitar o seu registro e, por essa razão, a se classificarem junto aos órgãos reguladores deste processo (Empresa Brasileira de Turismo - EMBRATUR e Associação Brasileira de Indústrias e Hotéis - ABIH). Porém, a classificação pode ser um instrumento de competitividade e estratégia para a empresa.

A primeira classificação oficial do Brasil surgiu em 1978 (POLIZEL & MASSELLI, 2003), com a proposta de ordenar o mercado hoteleiro. Apesar de questionada, perdurou até a década de 1990. As críticas decorreram da estruturação de suas matrizes, ou seja, das variáveis que eram levadas em consideração nos formulários a serem preenchidos e checados. Priorizavam-se os itens relacionados à infra-estrutura como, piscina, salão de beleza, materiais usados na decoração, entre outros. Contudo, não havia ferramentas que possibilitassem avaliar a qualidade dos serviços prestados.

Nesse período, havia alguns hotéis, e classificá-los pelas suas estruturas físicas a princípio era suficiente. Com o passar do tempo, os órgãos vigentes e o mercado chegaram à conclusão que conceituar meios de hospedagem somente pela composição das edificações, era pouco. Não bastava saber quantos metros possuía o *hall* de entrada do hotel, se existia piscina, salão de beleza ou elevador, pois a qualidade dos serviços prestados era uma incógnita para o consumidor.

Por motivos de descrédito dos hoteleiros e do consumidor, em 1996 a EMBRATUR suspendeu a classificação existente. Iniciou-se, então, um processo de estudo e análise sobre as novas diretrizes a serem adotadas para a classificação dos equipamentos hoteleiros no Brasil. Diante da problemática de credibilidade da Classificação Hoteleira:

[...] em 2001/2002, por meio de um termo de compromisso assinado entre o Ministério do Turismo, a EMBRATUR e a Associação Brasileira da Indústria Hoteleira (ABIH), foram lançadas as bases de um novo sistema para avaliação dos requisitos hoteleiros, envolvendo todas as partes. (MAMEDE, 2002, p. 59).

A atual classificação, também, possui os propósitos de organizar o setor, orientar os consumidores, investidores, empresários e estruturar políticas de incentivo às atividades turísticas.

Além da proposta de avaliar com ênfase os serviços, inovou-se na elaboração das categorias dos hotéis, totalizando-as em seis: cinco estrelas *plus*; luxo cinco

estrelas; superior quatro estrelas; turístico três estrelas; econômico duas estrelas e simples.

[...] Dessa forma, houve uma reformulação da classificação anterior e priorizou-se a classificação dos serviços oferecidos de forma mais equilibrada em relação aos equipamentos. Para a avaliação de cada estabelecimento, a atual matriz de classificação conta com 270 itens que relevam os aspectos físicos e a qualidade da prestação de serviços. Além disso, possui um capítulo que define valores para as questões ambientais, como o racionamento e preservação de bens naturais, armazenamento de energia e resíduos sólidos. Também estabelece normas para avaliar as instalações para o uso dos desabilitados. (POLIZEL & MASSELLI, 2003, p. 8).

Todas estas mudanças ainda não foram suficientes para mudar o panorama nacional e o descrédito persiste, pois nos dias atuais existem aproximadamente vinte hotéis classificados. A ausência de informação e divulgação dos novos conceitos de matrizes e critérios estabelecidos por parte da EMBRATUR, juntamente com a ABIH, compromete não só o sucesso, mas o conhecimento da atual classificação.

3.2 Origem e Características das Pousadas

A pouca adesão à nova classificação hoteleira, significa uma confusão e uma displicência ao conceituar meios de hospedagem. Atualmente, é comum observarmos que alguns proprietários denominam não só uma tipologia para seu empreendimento, mas duas ou três, como por exemplo: Pousada *Resort*, Hotel Pousada, Hotel Fazenda e Centro de Convenções, entre outras.

No Quadro 1 a seguir, serão apresentados os meios de hospedagem e as principais características que os diferenciam, segundo a Deliberação Normativa 387/98 da Embratur (apud MAMEDE, 2002).

Quadro 1:
Tipologia da Hoteleira

Tipo	Localização	Tipologia Construtiva	Infra-estrutura e Serviços	Público-alvo
Hotel	No perímetro urbano	Vários pavimentos (partido arquitetônico vertical)	Infra-estrutura e serviços variam de acordo com a categoria do hotel	Turistas em viagem de negócios e lazer (misto)
Hotel Histórico	Dentro ou fora do perímetro urbano (misto)	Edificação de valor histórico de significado regional ou local	Infra-estrutura voltada apenas para a hospedagem	Turistas em viagem de negócio e lazer podendo haver predominância de um ou outro
Hotel de Lazer	Fora dos centros urbanos.	Áreas não edificadas amplas (partido arquitetônico horizontal)	Equipamentos e serviços destinados ao entretenimento e recreação	Turistas em viagem de lazer
Pousada	Fora dos centros urbanos	Partido arquitetônico horizontal	Equipamentos e serviços simplificados	Turistas em viagem de lazer

Fonte: Adaptado de MAMEDE, 2002, p. 40.

No Brasil, as pousadas começaram a surgir aos poucos, entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Enquanto, no passado, o sonho de independência financeira passava pela aventura de abrir um bar ou restaurante, nos dias atuais, é o de abrir uma pousada, um fenômeno relativamente recente, que passou a ser o desejo de profissionais liberais, aposentados ou de quem sonha em ser dono do próprio negócio (HSIEH, 2006).

De acordo com a atual classificação hoteleira do Brasil e algumas técnicas de observação, pousada é um estabelecimento situado em locais turísticos, fora dos centros urbanos, em um partido arquitetônico horizontal, ou em dois andares. Pode estar instalada ou não em um prédio de valor histórico de importância regional ou local. O principal público-alvo desse equipamento hoteleiro é composto por pessoas que viajam a lazer.

As pousadas têm estrutura administrativa familiar, o que às vezes proporciona uma hospitalidade doméstica e, em função de seu pequeno porte, que geralmente

não ultrapassa a 30 unidades habitacionais, concede tratamento personalizado a seus hóspedes (WADA, 2005).

Na maioria das vezes, o modelo brasileiro apresenta pousadas cujos proprietários não possuem qualificação ou formação na área. O marketing é boca-a-boca e algumas pousadas possuem página na *internet* ou são mantidas por *sites* de divulgação regional.

Ao refletir sobre uma possível definição brasileira para pousadas, devem-se considerar características importantes como o perfil das edificações e instalações em que se encontram instaladas, a arquitetura, a decoração, a localização, a hospitalidade, o serviço de alimentos e bebidas típico do lugar, o número de apartamentos ou chalés, o público alvo, a infra-estrutura, os serviços disponíveis ao hóspede, entre outras.

Na maioria das vezes, as atividades desenvolvidas neste setor ocorrem de forma isolada. A formação de associações, estratégias de promoção dos lugares e ações sociais com relação ao meio ambiente, à economia local e à sustentabilidade do negócio de maneira geral, são raramente discutidos pelos proprietários e pela comunidade local.

É comum os proprietários de pousadas enxergarem os pousadeiros vizinhos como concorrentes, enquanto poderiam se unir para fortalecer suas estruturas e aumentar seu poder de compra, ou seja, quando um grupo de empreendedores do mesmo setor se junta para realizar suas compras de materiais, normalmente, em função da quantidade, conseguem preços melhores, reduzindo assim, o custo operacional. Dessa maneira, haveria locais ou regiões concorrentes.

A atual estrutura do mercado hoteleiro faz com que, muitas vezes, determinadas estruturas de hospedagem sejam conhecidas ou chamadas de pousadas. No entanto, alguns desses empreendimentos possuem características ora de hotéis, ora de pensões ou *bed and breakfast*.

Para exemplificar o perfil das empresas de pequeno porte do setor hoteleiro, veja os resultados de uma pesquisa realizada por Teixeira e Morrison⁷ (2004 p. 115-116):

⁷ De acordo com os autores deste artigo, o estudo teve como objetivo analisar o desenvolvimento dos empresários em pequenos empreendimentos hoteleiros e focar o processo de aprendizagem por meio de análise das competências percebidas como necessárias ao desempenho dos negócios.

[...] Dos 30 estabelecimentos que participaram do estudo em Sergipe, 53% eram hotéis e 47% eram pousadas. Deles, 70% eram localizados na capital, Aracaju, e 30% eram localizados no interior, em cidades como Itabaiana, Lagarto, Estância, Tobias Barreto e Canindé do São Francisco. A maioria dos negócios hoteleiros de pequeno porte no Estado de Sergipe é recente e se iniciou em meados dos anos 80. Outro critério utilizado para medir o tamanho de negócios no setor hoteleiro é o número de quartos e o de leitos. Como mencionado, neste estudo se voltou para os empreendimentos de pequeno porte, onde cerca de 60% dos estabelecimentos tinham até 30 quartos, e 53% tinham até 60 leitos. Cerca de 86% dos hotéis e pousadas que participaram desse estudo possuem até 20 empregados e apenas 10% deles têm mais que 30 empregados. Destes últimos, um deles tem 36, outro 40 e outro 48 empregados. Alguns entrevistados informaram que no período de alta estação, costumam contratar mão-de-obra temporária para poucas semanas. A grande maioria dos negócios hoteleiros de pequeno porte em Sergipe (73,3%) é de propriedade familiar [...].

Conforme observações realizadas em loco, pela pesquisadora, atualmente três níveis de infra-estrutura e serviços prestados pelas pousadas podem ser encontrados: o nível básico (portaria/recepção, cama, banheiro e café da manhã); o nível médio (piscina, restaurante, estacionamento, lavanderia, guias turísticos, *lobby* e varanda nos apartamentos) e o nível luxo (salão para convenções, salão de jogos, acesso à internet, TV a cabo, ar condicionado e frigobar).

A Pousada Maravilha, localizada em Fernando de Noronha, tem uma diária que custa em média 1.200 dólares. Ela conta com um *Chef* de cozinha e 28 funcionários para 20 apartamentos, entre outros mimos como travesseiros de pluma sintética, incenso aromatizante, Tv plana 29 polegadas, poesia antes de dormir, banheira de *ofurô*, vista para o mar, sistema de som *home theater*, rede na varanda e uma camareira de plantão, para quando o hóspede necessitar. Souza (2003b), assim a descreve: “Para começar, esqueça todas as suas referências anteriores de pousadas. Porque a Maravilha não é uma pousada como outra qualquer. Tecnicamente, não é nem uma pousada. Está mais para um pequeno hotel de charme⁸”.

A partir do referido exemplo, observa-se que o redator consegue distinguir as principais características dos diversos meios de hospedagem existentes no país, mas por uma questão mercadológica, os empreendimentos são conceituados de maneira distorcida. Oliveira Antônio (2002a, p.169), acredita que:

⁸ Segundo o Guia Roteiros de Charme, estes meios de hospedagem são refúgios ecológicos e pequenas pousadas cujo atendimento é desprezioso e caseiro; hotéis confortáveis, com estilo, requinte e serviço esmerado (idem, 2006, p. 9).

[...] Pousada é uma forma de estabelecimento hoteleiro que utiliza edifícios com valor histórico (casas antigas, antigos conventos, palácios, castelos) ou construções novas seguindo estilos arquitetônicos e serviços de acordo com as tradições regionais.

A partir desta citação é possível compreender que o autor elabora uma definição de pousada baseada em uma referência ou conhecimento que se difere um pouco da teoria adotada pela Deliberação Normativa 387/98, descrita abaixo.

Meio de hospedagem de aspectos arquitetônicos e construtivos, instalações, equipamentos e serviços mais simplificados, normalmente limitados, apenas, ao necessário a hospedagem do turista para aproveitamento do atrativo turístico junto ao qual o estabelecimento se situa. Normalmente, é edificado fora do centro urbano predominantemente construído em partido arquitetônico horizontal. Destina-se preferencialmente a turistas em viagens de recreação e lazer, sua infra-estrutura volta-se predominantemente para hospedagem (MAMEDE, 2002, p.40).

É possível que a abordagem do autor tenha respaldo em experiências internacionais, pois em outros países, a percepção em torno das pousadas se dá de maneira diferente. A proximidade da língua e as heranças culturais da Península Ibérica contribuíram para que as origens dos meios de hospedagem brasileiros tivessem características portuguesas e espanholas.

O conceito de pousada tem sua origem na Espanha e Portugal. Ao longo do tempo, diversos países desenvolveram esse conceito de hospedagem de forma diferenciada, pois fatores como cultura, infra-estrutura e economia local influenciaram na expansão e no estilo dos meios de hospedagem. Na América do Norte, os pequenos meios de hospedagem são conhecidos como *Small Lodge*, ou seja, pequeno hotel. Na França, eles são chamados *Hotel Châteaux* (Castelos), ou hotéis de Charme.

Na Espanha, as pousadas são denominadas paradores. A definição de parador elaborada por Beni (1998), realça as diferenças das pousadas européias em relação ao modelo brasileiro atual.

Parador é um estabelecimento comercial de hospedagem, com características semelhantes às pousadas, diferenciado-se desta por situar-se apenas em locais ou em edificações de estrito valor histórico-arquitetônico como castelos, mansões antigas, estalagens e fortalezas, estradas reais e outros [...] (BENI, 1998, p.195).

Oliveira Adones (2002b) comenta que o primeiro parador da Espanha, o Hostal Reyes Católicos surgiu em Santiago de Compostela. Nasceu em 1499, como um hospital real, para abrigar os peregrinos que almejavam receber o perdão de seus pecados em Santiago. Atualmente, existem na Espanha aproximadamente 85

Paradores de Turismo que, juntos, formam uma cadeia singular de hotéis. A rede hoteleira foi fundada em 1928 pelo Rei Afonso XIII e atualmente possui prestígio internacional pela qualidade e diversidade de seus estabelecimentos.

Segundo o autor, os paradores na Espanha são instalados em palácios, conventos, castelos medievais, antigos hospitais (restaurados) ou modernos edifícios e representam a diversidade cultural e os contrastes de paisagens na Espanha. A localização dos paradores pode ser histórica ou natural. A Extremadura é uma das regiões espanholas que abriga mais paradores. Praticamente cada cidade possui um, e em todo o país esse tipo de hospedagem preza por um tratamento personalizado do hóspede e possui instalações luxuosas e confortáveis.

De acordo com Oliveira Antônio (2002a), as pousadas de Portugal tiveram sua origem nos anos 1940, com a criação das pousadas regionais. Esses estabelecimentos tinham a função de alojar visitantes, oferecer-lhes alimento e respeitar o estilo de vida (tradições) da região. Arquitetura, decoração e gastronomia deveriam ser fielmente retratadas, para diferenciar as pousadas de outros hotéis internacionais.

A primeira pousada em Portugal foi inaugurada em 19 de abril de 1942, com o nome de Santa Luzia. Atualmente, existem 46 pousadas, situadas em regiões de grande interesse histórico e paisagístico, são denominadas pousadas históricas ou pousadas regionais, de acordo com a localização e características das instalações.

Segundo Oliveira Adones (2002b), as pousadas de Portugal são geridas pela Empresa Nacional de Turismo S. A – ENATUR e um dos principais objetivos da criação da rede foi promover a recuperação do patrimônio arquitetônico nacional, garantindo a conservação de monumentos e, paralelamente, aumentando a oferta de um produto turístico original e de qualidade.

Distribuídas por todas as regiões do país, as pousadas se destacam pelo charme, requinte e originalidade. A gastronomia é outro ponto forte das pousadas portuguesas e, no ano 2000, a cadeia de pousadas serviu mais de 50 mil refeições e organizou semanas gastronômicas por todo o mundo, servindo pratos regionais que são conhecidos internacionalmente.

Em Portugal, são classificadas como Pousadas Históricas aquelas que estão instaladas em edifícios de valor histórico, devidamente restaurados e adaptados, conventos, palácios e castelos. As Pousadas Regionais, de outro estilo, estão situadas em regiões de beleza paisagística.

A primeira definição de pousada no Brasil, criada pela Embratur foi baseada nos conceitos de Portugal, observe:

POUSADA (P) – instaladas em edifícios reconhecidos como de valor histórico ou de significado regional ou local, por autoridades governamentais. Além de apartamentos e ou suítes, suas unidades habitacionais (Uhs) podem ser, ainda, da espécie quarto sem banheiro privativo (DIAS, 1990, p. 67).

Devido ao processo de desenvolvimento dos meios de hospedagem no país e às próprias diretrizes de atuação do governo junto ao setor de turismo, a primeira definição de pousada ficou ultrapassada. Por isso, a segunda revisão da EMBRATUR sobre a tipologia de hotéis, redefine as características da pousada e cria o hotel histórico conforme citado abaixo:

HOTEL HISTÓRICO (HH) - Meio de hospedagem instalado total ou parcialmente, em edificação de valor histórico ou de significado regional ou local reconhecido pelo Poder Público, e que, em razão disso, está normalmente sujeito a restrições de natureza arquitetônica e construtiva; a edificação onde é estruturado, portanto, é prédio tombado pelo IPHAM ou de significado histórico ou valor regional reconhecido (MAMEDE, 2002, p. 40).

3.3 Hotelaria e Território

Atualmente, verifica-se alguns territórios que são urbanizados e organizados em prol do turismo. Nesse contexto, observa-se que os meios de hospedagem exercem um papel crucial no processo de turistificação dos lugares. A região nordeste do Brasil apresenta uma urbanização influenciada pelo Programa Prodetur - NE e pelos grandes complexos hoteleiros. Em outros casos, no interior do país, as pousadas se destacam por exercer função articuladora na mudança da paisagem e conseqüentemente na (re)estruturação dos espaços para o consumo do turismo.

A partir da segunda metade do século XIX, a atividade turística começava a se organizar e, aos poucos se caracterizava como uma atividade econômica organizada. Naquele tempo, o fluxo turístico usufruía das infra-estruturas elaboradas em função de outros usos do território. Após esse período, o turismo gradativamente deixou de ser um usuário passivo dos territórios para se tornar um agente transformador de sua (re)organização (CRUZ, 2002).

Como descrito no capítulo anterior, o uso e consumo dos espaços pelo turismo envolvem uma série de equipamentos turísticos como hospedagem, alimentação, transportes e serviços em geral (sistema de telefonia e bancário). A

maneira como que esses bens e serviços são distribuídos ao longo do território está diretamente vinculada à política de turismo em suas respectivas instâncias, isto é, nacional, regional e municipal. Quanto maior for a ausência de diretrizes nacionais inteligentes e objetivas, mais facilmente a localidade sofrerá com interesses particulares, e também estará sujeita a captar influências internacionais, sejam elas boas ou más.

[...] sem a referência de uma política nacional, políticas e planos de turismo – considerando-se essas diferentes escalas – ignoraram a possibilidade de concatenação entre si e com outras políticas setoriais. Disto decorreu grande parte dos problemas associados à urbanização turística de territórios no país, como demanda de serviços públicos de saneamento básico maior que a oferta; congestionamentos quilométricos em estradas de acesso a localidades turísticas [...] (CRUZ, 2002, p. 9 –10).

Como exemplo de políticas públicas regionais que promoveram o (re) ordenamento e a transformação dos territórios, Cruz (2002) cita o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – PRODETUR-NE e a política de megaprojetos turísticos para o estado. Esses projetos, de maneira geral, incentivaram a implantação de grandes equipamentos hoteleiros na região.

O PRODETUR-NE surgiu em 1990 e foi oficializado em novembro de 1991 por iniciativa da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE e apoio da EMBRATUR, mas se concretizou somente em abril de 1993, quando foi assinado pelos ministérios da Fazenda, da Indústria, do Comércio e Turismo, da Aeronáutica, do Planejamento e da Integração Regional (RODRIGUES, 2001b).

Segundo Cruz (2002), o PRODETUR-NE engloba todos os estados da região e trata-se (praticamente) de uma política urbana, pois o projeto foi instituído com o objetivo de complementar a proposta de megaprojetos e prover infra-estrutura básica aos locais que possuíam beleza paisagística e, portanto, potencial turístico. Inspirada nas diretrizes implantadas em Cancun, no México, a política dos megaprojetos turísticos do Nordeste baseou-se na urbanização turística de trechos da orla, que contavam com pouco ou nenhum desenvolvimento urbano e no apoio do poder público.

Dessa forma, há lugares urbanizados pelo desenvolvimento turístico, ou seja, a atividade ganha destaque na localidade e demanda a ampliação de serviços básicos e complementares ao crescimento da mesma. Em contrapartida, encontram-se também aqueles lugares que se urbanizam e se equipam para que sejam

moldados e transformados em produtos, ou seja, são espaços produzidos para o turismo.

Os megaprojetos do Nordeste são exemplos de urbanização turística, pois cria-se infra-estrutura necessária ao turismo. No caso do PRODETUR-NE, desenvolveu-se uma infra-estrutura de suporte e urbanizou-se no desejo e na expectativa de que a atividade se desenvolvesse. Juntos esses dois projetos concebem ao lugar uma nova organização socioespacial.

Os megaprojetos turísticos do Nordeste - em essência, megaprojetos hoteleiros - são viabilizados devido aos estímulos criados para o setor de hotelaria, desde o decreto 55/66 e, também, devido aos incentivos fiscais e financeiros para a atividade turística, instituídos a partir da década de 1970 (CRUZ, 2002, p. 74).

Em 1992, o Brasil passava por uma crise econômica. A miséria e o desemprego só não eram maiores devido ao crescimento das atividades informais. No final desse mesmo ano, o Produto Interno Bruto (PIB) teve um decréscimo de - 1%, o que colocou o Brasil em último lugar no grupo de países da América Latina. Na busca por uma política econômica consistente, percebeu-se que alguns países subordinados ao Fundo Monetário Internacional (FMI) encontraram no turismo uma oportunidade de crescimento, nesses casos o BID e o BIRD não só apoiavam esses tipos de megaprojetos turísticos como também os financiavam (RODRIGUES, 2001b).

O PRODETUR-NE é, então, concebido neste panorama. A articulação e o empenho dos governos estaduais da região foram definitivos na implantação do projeto, que teve como objetivos aumentar a permanência e o gasto médio de turistas estrangeiros e com isso, minimizar as diferenças econômicas regionais e a distribuição de renda. Como exigência das instituições financiadoras do projeto, houve também um discurso de preocupação com o meio ambiente e o patrimônio cultural. Cabe ressaltar que se encontram nesses dois últimos compromissos as maiores contradições administrativas do projeto. Por se tratar de empreendimentos voltados para o público internacional e financiados por capital transnacional, a tendência de exclusão da comunidade local é algo que deve ser revista.

Os empregos promovidos pela construção civil e infra-estrutura são considerados pela economia como indiretos com relação à atividade principal que, no caso, é o turismo. Percebe-se uma dificuldade de inserção da população local em atividades específicas, como as requeridas pela hotelaria. O investimento na

formação profissional torna-se indispensável ao sucesso dos objetivos propostos pelo projeto, caso contrário, a melhoria na distribuição de renda é irrisória.

O Prodetur atualmente, além de já ter concluído o relatório de impacto ambiental, está em fase final de estudos técnicos e de projetos em infraestrutura física e urbana, em desenvolvimento institucional e em gestões municipal e ambiental, para viabilizarem o tratamento integrado e a captação de recursos financeiros (já assegurados em regime de contrapartida entre Bird e governos estaduais e federal no montante de US\$800 milhões através do Banco do Nordeste do Brasil como mutuário e agente financeiro e executor do programa) para a subsequente fase de implantação de projetos e de execução de obras (públicas e privadas) (BENEVIDES, 2001, p. 173).

Vasconcelos (2005) realizou um estudo na cidade de Maceió (AL), onde a turistificação do bairro Jaraguá se deu neste contexto, por meio do PRODETUR-NE. Em função do valor histórico e cultural, o lugar foi considerado atrativo aos turistas. Propuseram, então, para o bairro, um modelo similar ao que foi implantado nos centros históricos de Salvador (BA), São Luís (MA) e Recife (PE). Contudo, acabaram por acentuar as diferenças sociais, pois alguns “importantes” prédios e praças do bairro foram restaurados e calçadas estruturadas, além de haver um descaso com a Vila dos Pescadores. Os pescadores que habitam a região há algumas décadas precisaram aprender a conviver com o belo (feito para os visitantes) e com os contratempos comuns aos bairros do entorno municipal. A comunidade não foi inserida no processo.

Enfim, observamos que, apesar de todas as propostas, a realidade local continua uma realidade periférica. A área está superpopulosa por causa das péssimas condições de habitação e da falta de espaço físico para a grande quantidade de moradores; a maioria das casas e dos barracos não tem água potável; a falta de saneamento culmina em esgoto a céu aberto; o lixo gerado é acumulado no local, acarretando graves problemas ambientais e sanitários; não existe uma infra-estrutura mínima capaz de gerar qualidade de vida; além de inúmeros outros problemas de ordem sócio-econômico-ambiental que merecem maiores estudos (VASCONCELOS, 2005, p. 62).

Sanches (apud CRUZ, 2002) coloca dois processos distintos na relação turismo-território. O primeiro diz respeito ao turismo de hotelaria, ou seja, aos hotéis que se instalam em lugares turísticos independentemente da ligação que tenham com a comunidade onde estão inseridos. Nesse caso, os hotéis são os meios de hospedagem escolhidos pelos turistas. O segundo aspecto refere-se às casas de segunda-residência, que viabilizam um vínculo psicológico com o lugar, pois quando o proprietário faz um investimento, ele é levado a se interessar um pouco mais pelo

local. A freqüência com que o morador se hospeda em sua segunda-residência, também, pode interferir nas relações entre o território e o visitante.

De acordo com Tulik (2001), as residências secundárias criam possibilidades de vínculo territorial por meio da relação estabelecida entre o local de origem e o destino, e isso se baseia na relação tempo-custo-distância. A regularidade entre as saídas e chegadas, acrescidas da expectativa de retorno, viabiliza essa ligação.

Deve-se destacar que os locais de origem da demanda por residências secundárias provêm de grandes centros desenvolvidos, onde há uma concentração de pessoas e renda. Exemplo disso é o estado de São Paulo que, ocupando 2,92% do território nacional, detém 21,47% da população brasileira (SANTOS & SILVEIRA, 2003).

Ao identificar o perfil dos proprietários desse tipo de imóvel, percebe-se que, em virtude da demanda por gastos com impostos, mão-de-obra, água, energia, manutenção etc., trata-se de uma parcela da população que dispõe de recursos financeiros e tempo livre para, assim, desfrutar das oportunidades de lazer que o bem proporciona. Outra questão importante é o fato de que, em tempos de moeda instável, os imóveis representam uma oportunidade de investimento, o que contribui para o crescimento das segundas-residências no Brasil.

Para compreender um pouco os mercados emissores, a autora comenta que a população, a proximidade geográfica, as peculiaridades do desenvolvimento econômico e a dinâmica dos grupos emissores em relação ao local de destino são variáveis que precisam ser analisadas. A partir disso, Tulik (2001, p. 97) coloca que:

O desenvolvimento de residências secundárias no território paulista não escapa aos padrões observados no mundo inteiro, fato que pode ser verificado por meio de quatro características fundamentais: relação com áreas populosas, urbanizadas e desenvolvidas; grande desequilíbrio na distribuição espacial; relação com o turismo de fim de semana; procura por municípios dotados de atrativos naturais, entre os quais se sobressaem as superfícies líquidas (mar, rios, represas), fontes hidrominerais, serras, montanhas e áreas de preservação ambiental.

Outro item ressaltado pela autora é a privatização das praias, que acontece no litoral paulista e em diversos estados brasileiros. Trata-se de uma ação individualista por parte dos proprietários de segundas residências e empreendedores hoteleiros. Essa prática tem o objetivo de restringir o acesso à praia e, assim, valorizar o imóvel, seja ele comercial ou residencial. Fatores como esse, somados ao desencontro de idéias entre turistas e residentes, diferenças econômicas e

sociais e interesses externos, isto é, de terceiros, potencializam as divergências existentes entre a população fixa e a flutuante.

Constata-se atualmente que o processo de turistificação no Brasil apresenta três formas peculiares de consolidação. O litoral do Nordeste caracteriza-se pelo grande número de complexos hoteleiros. No litoral da Região Concentrada (SANTOS & SILVEIRA), observa-se o fenômeno da segunda-residência, principalmente no litoral dos estados de São Paulo e Espírito Santo. Por último, verifica-se nos dias atuais o surgimento de um processo de turistificação baseado no desenvolvimento das pousadas, algo típico de lugares interioranos. Embora se saiba da existência de pousadas em regiões de praia, as percepções feitas acima referem-se aos espaços que foram turistificados por meio das pousadas, como ocorre no interior do estado de Minas Gerais.

Torna-se importante ressaltar que, quando retomada a idéia original de sua formação, devidamente caracterizada pelas influências da comunidade local, a pousada pode representar uma possibilidade de prática hoteleira menos ofensiva e superficial. Ao compartilhar os valores locais por meio da decoração, dos rituais de alimentação, informações e “dicas” turísticas e até mesmo os *causos*, as pousadas proporcionam um contato com o lugar. Ao abrigar um menor número de turistas por vez, cria-se um vínculo menos padronizado, planejado e previsível.

Ainda que se possa considerar a pousada como um meio de hospedagem alternativo dentro das possibilidades de urbanização e turismo, cabe aqui esclarecer que o território e, conseqüentemente, a comunidade vivencia um impasse entre o urbano e o não-urbano, pois, como colocado anteriormente neste texto, o turismo traz consigo uma série de serviços; entre eles podem-se citar os meios de comunicação (telefone, *internet*), água tratada, vias de acesso bem-equipadas, serviços de correios etc.

Por outro lado, a infra-estrutura e os equipamentos disponíveis elevam o valor da terra, o que causa o aumento do custo de vida daqueles que residem no lugar. Os moradores são motivados a vender suas casas e a se deslocarem para áreas menos valorizadas. Dessa forma, surgem os novos bairros que, muitas vezes, não são regulamentados pela prefeitura e possuem dificuldades de infra-estrutura como, transporte, serviços públicos, escolas etc.

As questões que foram levantadas neste capítulo estão diretamente associadas ao sistema econômico brasileiro, ao perfil do consumidor e,

principalmente, às diretrizes políticas nacionais, estaduais e, especialmente, locais, em que os aspectos positivos e negativos contidos na relação entre o urbano e o território se evidenciam. Todavia, verifica-se que as localidades não usufruem de suas ferramentas de gestão, como o plano diretor (obrigatório para municípios acima de vinte mil habitantes e de especial interesse turístico) e, também, não investem na diversificação de suas atividades econômicas.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este capítulo trata da metodologia da pesquisa. Com o objetivo de explicar os processos, estratégias e recursos utilizados na realização do trabalho, far-se-á a descrição dos métodos e técnicas adotados com relação aos objetivos, para então indicar o universo, a amostra escolhida e as técnicas para coleta e tratamento de dados, de acordo com os critérios propostos por Vergara (2004), Dencker (2003) e Tobar & Yalour (2001).

O trabalho busca compreender o significado do aumento do número de pousadas na cidade de Tiradentes, identificar as opiniões locais acerca dessa expansão e perceber o conceito local de pousada, como meio de hospedagem. Para esta pesquisa, a abordagem metodológica adotada é predominantemente qualitativa, ainda que a maioria dos dados sejam tratados e analisados de forma quantitativa. O cruzamento das informações foi em parte, quantitativo, com relação aos formulários estruturados de entrevista e qualitativo no que diz respeito aos roteiros semi-estruturados.

4.1. Métodos e Técnicas

Considerando as questões centrais orientadoras da pesquisa e os objetivos em relação ao tema, realizou-se uma pesquisa cujo o procedimento foi analítico. Dentro desta proposta, apresenta-se um estudo de caso da cidade de Tiradentes. Para isso, algumas técnicas de pesquisa foram escolhidas e a seguir serão contextualizadas.

A primeira fase da pesquisa foi exploratória; houve um planejamento flexível e foram permitidos a observação e o questionamento acerca de assuntos que envolviam o problema e as hipóteses. O trabalho de campo foi, inicialmente, exploratório; o primeiro encontro com o objeto de pesquisa, após a elaboração do projeto, ocorreu no período de 7 a 9 de setembro de 2004. Utilizou-se basicamente da técnica de observação, do registro fotográfico e de um diário de campo para anotar as principais informações.

Observou-se que a peculiaridade do lugar turístico, isto é, da cidade de Tiradentes ressaltava-se pelo conjunto arquitetônico civil e religioso, pela gastronomia local e também pela diversidade de paisagens urbanas que ganharam

formas interessantes a partir da morfologia do relevo apresentada pela Serra de São José. O número de pousadas impressionou e, ao mesmo tempo, causou inquietações em relação ao tema do trabalho. Assim, verificou-se a coerência do objeto de estudo proposto, isto é, as pousadas e as relações estabelecidas por elas com o ambiente no qual estão inseridas.

Na segunda etapa, realizou-se uma revisão bibliográfica da temática que envolve o estudo da paisagem e da transformação dos lugares por meio da atividade turística. Este foi um período de dúvidas sobre como abordar o tema proposto no projeto de pesquisa. Fatores como o patrimônio cultural, ambiental e a hospitalidade do município precisavam ser trabalhados de forma mais precisa. Com o auxílio de conversas com o orientador da pesquisa e com a realização das disciplinas, termos como cultura, tempo e espaço começaram a ser entendidos pela pesquisadora e adaptados ao projeto.

Constatou-se, por isso, que as duas vertentes que compunham a proposta de pesquisa naquele momento, a questão cultural e a questão ambiental, não poderiam ser trabalhadas separadamente. Optou-se, então, pela concepção do conceito de paisagem urbana, onde se considerou a influência das pousadas e de suas relações estabelecidas no território, o que possibilitou tratar o aspecto cultural e ambiental do lugar de maneira clara e fundamentada por uma revisão bibliográfica.

Como o objeto, o problema e os pressupostos da pesquisa já se encontravam definidos, um segundo trabalho de campo foi realizado de 17 a 21 de janeiro de 2005. Isso possibilitou a experimentação de novos instrumentos de pesquisa, como a entrevista semi-estruturada (perguntas abertas) e o formulário estruturado de entrevista. Utilizou-se, também, da técnica de observação não-participante individual, adotada com o objetivo de observar e interpretar o contexto pesquisado e, para isso, elaborou-se um roteiro de observação a partir dos elementos que compõem a paisagem, os serviços existentes em função do turismo e dos aspectos culturais da cidade.

Dois técnicas foram utilizadas no momento para que pudessem ser aprimoradas para a próxima fase da pesquisa. A primeira delas se refere às entrevistas (semi-estruturadas)⁹ com alguns atores sociais significativos para o objeto de pesquisa. Essas pessoas foram indicadas pela “técnica de bola de neve”

⁹ O modelo do formulário semi-estruturado de entrevista encontra-se em anexo.

(uma pessoa indica outra), sendo elas os proprietários de pousadas, instituições políticas, líderes comunitários e moradores mais antigos da cidade.

Esta técnica possibilitou a realização de quatro entrevistas importantes: uma artista plástica, que atualmente coordena a biblioteca da cidade; o secretário municipal de Turismo; a viúva do Sr. Ives Alves (ex. diretor da Rede Globo de Televisão) e um casal de ingleses, proprietários da primeira pousada da cidade, o Solar de Ponte – única pousada local a constar no guia Roteiros de Charme.

A segunda técnica testada foi o formulário de entrevista¹⁰ Experimentou-se a primeira matriz de perguntas (realizou-se um pré-teste) para, então, realizar os ajustes necessários à obtenção de informações relevantes às propostas iniciais do trabalho. Foram aplicados aleatoriamente dez formulários em pousadas de pequeno e médio porte no município. Verificou-se que as respostas e dúvidas já estavam se repetindo ao longo das entrevistas realizadas, por isso, interrompeu-se o pré-teste nessa fase.

As duas fases da pesquisa foram conduzidas de maneira a oferecer subsídios para um outro trabalho de campo que, por sua vez, foi realizado no período de 1 a 5 de março de 2006. A seguir, encontra-se, de forma detalhada, o planejamento da terceira parte da pesquisa, para então realizar a interpretação dos dados e as conclusões.

4.2 Universo da Pesquisa

O universo define a população total, ou seja, um conjunto de elementos a ser pesquisado; pode ser constituído por empresas, habitantes ou produtos. Neste caso, o principal grupo a ser pesquisado é o conjunto de pousadas da cidade de Tiradentes, que compreende aproximadamente, cento e dez empreendimentos hoteleiros, denominados de pousada.

O outro grupo é composto pela população urbana do município que, segundo dados do IBGE (2000/2001), são quatro mil habitantes; o foco da pesquisa são os moradores antigos da cidade, os quais tiveram a oportunidade de vivenciar as mudanças referentes aos ciclos econômicos por que a cidade passou.

4.3 Amostra

O tipo de amostra utilizado na terceira pesquisa de campo foi a não-probabilística por tipicidade e acessibilidade. Vergara (2004) afirma que, nesse caso, a amostra constitui-se de uma seleção de elementos (descritos no próximo parágrafo) que o pesquisador considera representativos da população-alvo e que sejam acessíveis.

Dessa forma, foram entrevistadas pessoas de 43 pousadas por meio de formulário padronizado, o que representa 39% do universo. As pousadas foram divididas em três grupos, as de categorias simples (extensão da residência); as instaladas em prédios históricos e novas construções (geralmente luxuosas).

Objetivou-se conhecer as diversas realidades dos meios de hospedagem. O grupo de moradores foi indicado pela “técnica bola de neve” e, em alguns casos, escolhidos aleatoriamente. Entrevistaram-se onze pessoas nesse terceiro trabalho de campo e quatro, no anterior, entre eles uma artista plástica, uma proprietária de restaurante, artesãos, estudantes e aposentados. Dois desses quinze moradores, ocupavam cargos de secretários da prefeitura (turismo e cultura / meio ambiente) e, portanto, foram entrevistados como tal.

Ao selecionar a amostragem, fez-se necessário considerar outros fatores como recursos financeiros, acessibilidade e tempo hábil para a realização de entrevistas e observações *in loco*. Com fins de obter dados homogêneos, propôs-se que as entrevistas fossem realizadas por uma única pessoa: a pesquisadora.

4.4 Coleta de Dados

O terceiro trabalho de campo foi realizado, em março de 2006. As entrevistas semi-estruturadas e estruturadas/ padronizadas corresponderam às principais técnicas da pesquisa de campo. Os formulários aplicados possibilitaram a identificação da tipologia das pousadas a qual compõe o mercado local; o perfil dos proprietários; a importância do patrimônio cultural para o turismo na cidade e a responsabilidade ambiental das pousadas (ou transferência das mesmas para o poder público local e regional).

¹⁰ O modelo do formulário estruturado de entrevista encontra-se em anexo.

Neste caso, priorizou-se por entrevistar o proprietário do empreendimento hoteleiro, porém, quando ele não estava, o responsável pela pousada respondia às perguntas.

As entrevistas realizadas com os moradores viabilizaram o estudo da percepção dos residentes frente ao desenvolvimento das pousadas e do aumento do número de turistas na cidade. Também foi possível qualificar as interferências ambientais. Para fins de identificação dos entrevistados, adotou-se o critério letras do alfabeto.

4.5 Tratamento de Dados

O tratamento dos dados foi elaborado com base no conceito de pesquisas qualitativas e quantitativas. As entrevistas foram classificadas por meio de análise do discurso e do conteúdo. Para Tobar & Yalour (2001), a partir da categorização dos comportamentos verbais recolhidos pelo pesquisador, é possível traduzir alguns fatos sociais e organizá-los de maneira a adquirirem significado para a teoria.

Os formulários estruturados receberam tratamento quantitativo, ou seja, com base em procedimentos estatísticos. Essa análise tem o objetivo de extrair informações que resultassem em uma interpretação da forma como as pousadas se organizam na cidade e se elas estabelecem relações com o local, onde estão inseridas, influenciando a transformação do espaço.

A tabulação das questões fechadas foi elaborada por meio das frequências absoluta e relativa. As questões abertas dos formulários estruturados e semi-estruturados foram tratadas a partir do processo de categorização. Segundo Dencker (2003), este procedimento busca identificar similaridades e diferenças entre as respostas. Assim, definem-se as categorias e computa-se a frequência de cada uma.

4.6 Apresentação e Análise dos Resultados

O capítulo Turismo e Pousada em Tiradentes contém todos os resultados da pesquisa, demonstrados por meio de gráficos, tabelas e análise qualitativa dos dados. Na conclusão foram indicados os resultados significativos para o trabalho e algumas considerações e/ou sugestões.

Alguns dos princípios da teoria do *Sistema de Turismo – SISTUR* (BENI, 1998) também foram adotados para proporcionar uma análise sistêmica da relação entre as pousadas e o território da cidade de Tiradentes. O SISTUR constitui-se da oferta - atrativos (naturais, culturais e artificiais), infra-estrutura de serviços, (meios de hospedagem, transportes, agências de viagens etc) – e da demanda, isto é, a procura por bens de consumo e equipamentos receptivos, sendo estes dois fluxos (oferta e demanda) alimentados e influenciados pelo mercado.

Pode-se definir sistema como um conjunto de partes que interagem de modo a atingir um determinado fim, de acordo com um plano ou princípio; ou conjunto de procedimentos, doutrinas, idéias ou princípio, logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento do todo (BENI, 1998, p. 23).

O SISTUR é um sistema aberto e suas trocas com o meio, no qual está inserido, fundamentam-se no conjunto de quatro relações ambientais: ecológica, social, econômica e cultural. Estes quatro fatores são fontes importantes de conhecimento para o desenvolvimento sustentável das atividades turísticas.

5 TURISMO E POUSADAS EM TIRADENTES - MG

O patrimônio natural e cultural constitui-se num potencial turístico de várias regiões brasileiras. Em se tratando do estado de Minas Gerais, o binômio montanha e cultura local (gastronomia, festas religiosas, arquitetura colonial etc) é a base para as principais ações (públicas e privadas) que visam ao desenvolvimento turístico. E, como foi comentado, no segundo capítulo do referencial teórico, a atividade turística na cidade de Tiradentes faz uso da paisagem, na concepção geográfica de espaço, ou seja, o turismo se desenvolve por meio dos bens culturais materiais (patrimônio edificado e natural) e imateriais (as técnicas do saber fazer). Aspectos como esses reforçam a demanda por uma gestão participativa do desenvolvimento sustentável do lugar turístico.

Desta forma, esse capítulo foi estruturado a partir da interpretação dos dados obtidos nos trabalhos de campo e no referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores. Primeiramente, realizou-se uma reflexão acerca do turismo na cidade para, então, analisar e descrever as questões que permeavam os objetivos inicialmente propostos na pesquisa. O objetivo geral, que diz respeito à compreensão do processo de turistificação do lugar, foi apresentado de forma sistêmica.

5.1 Reflexões sobre o Turismo em Tiradentes

De maneira geral, podem-se eleger alguns transtornos causados à comunidade local em função do fluxo turístico: o alto custo de vida em função da especulação imobiliária e da demanda por alimentos; congestionamentos em vias públicas e filas, em locais de entretenimento, são exemplos de alterações no comportamento dos residentes em função dos visitantes. De acordo com Pearce (2002, p. 153), “os turistas parecem ter maior impacto social e psicológico sobre seus anfitriões quando as comunidades anfitriãs são pequenas, simples e isoladas”.

Um dos problemas de Tiradentes trata-se do trânsito, pois a circulação de veículos no centro histórico, onde o calçamento é todo original em pedra, causa danos ao patrimônio edificado (PELLEGRINI, 2000). A especulação imobiliária¹¹ na

¹¹ Em função do número de construções novas, de casas com placas de “aluga-se para temporadas e finais de semana” e casas de materiais de construção. O município possui aproximadamente quatro

cidade de Tiradentes merecia um capítulo à parte, pois a expansão dos bairros periféricos é preocupante; existem vários moradores que vendem suas casas históricas e mudam-se para loteamentos em bairros ainda não-estruturados.

O projeto de construção do condomínio *Quinta Imperial*, cuja extensão territorial é maior do que a área central do município, tem levantado polêmica na região. Diversos aspectos, como os impactos ambientais têm sido discutidos pela comunidade (CAMARGOS, 2005).

De acordo com algumas entrevistas e observações, compreende-se que os principais visitantes de Tiradentes são casais sem filhos e pessoas acima de cinquenta e cinco anos (grupos de terceira idade), provenientes das cidades de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. As pousadas influenciaram na turistificação do local, mas atualmente o artesanato também surpreende, pelo preço (destinado a pessoas com alto poder aquisitivo), pela quantidade de artesãos e compradores provenientes das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Existem pousadas em que todos os objetos os quais compõem a decoração e ornamentação do empreendimento estão à venda, isto é, camas, armários, vasos de flores, esculturas etc.

O número de turistas que o município recebe, a forma como eles se comportam em relação ao ambiente, a cultura e a promoção ou exposição do destino turístico aos veículos de comunicação e marketing é uma questão a ser administrada. Algumas estratégias podem ser adotadas na gestão de locais turísticos. Segundo Pearce (2002), a educação, inclusão das perspectivas locais, pesquisa e o monitoramento podem contribuir para isso.

Conforme tratado no segundo capítulo do marco teórico, para Knafou (2001), há três fontes de turistificação dos lugares e dos espaços: os turistas, o mercado e os planejadores/ promotores da atividade. Contudo, observou-se que o processo de turistificação não se dá de forma tão distinta; verifica-se que essa transformação acontece por meio da interação desses três agentes, ou seja, o turista, a iniciativa privada e os planejadores desencadeiam uma série de ações e diretrizes em função do fluxo turístico para uma localidade e, em alguns casos, um agente pode exercer maior ou menor influência que outro. Cabe aqui destacar, que este estudo diz

imobiliárias e é usual colocar a seguinte frase nas inúmeras casas que estão sendo comercializadas: “compre essa casa”.

respeito à iniciativa privada; objetivou-se estudar a influência da pequena hotelaria em um lugar turístico.

5.2 Pousadas em Tiradentes – um objeto de estudo

De acordo com Porter (1999), quatro atributos constituem um ambiente capaz de influenciar empresas para que elas possam aprender a competir em um mercado. O primeiro item a ser estudado é a composição dos fatores de produção, como mão-de-obra qualificada e infra-estrutura. O segundo atributo diz respeito às condições de demanda e às características da demanda no mercado interno. Os setores correlatos e de apoio compõem o terceiro e a existência ou não de setores fornecedores e outras empresas relacionadas à atividade, que sejam competitivos no mercado, fazem a maior diferença para o setor. Estratégia, estrutura e rivalidade das empresas constituem o último fator.

A partir desta analogia, cria-se um sistema, ou melhor, um diamante, conforme mostrado a seguir, na figura 3. O Diamante de Porter (1999, p. 179) elege os determinantes de uma vantagem competitiva. Portanto, esta ferramenta será utilizada como instrumento de análise das vantagens competitivas do turismo no município de Tiradentes.

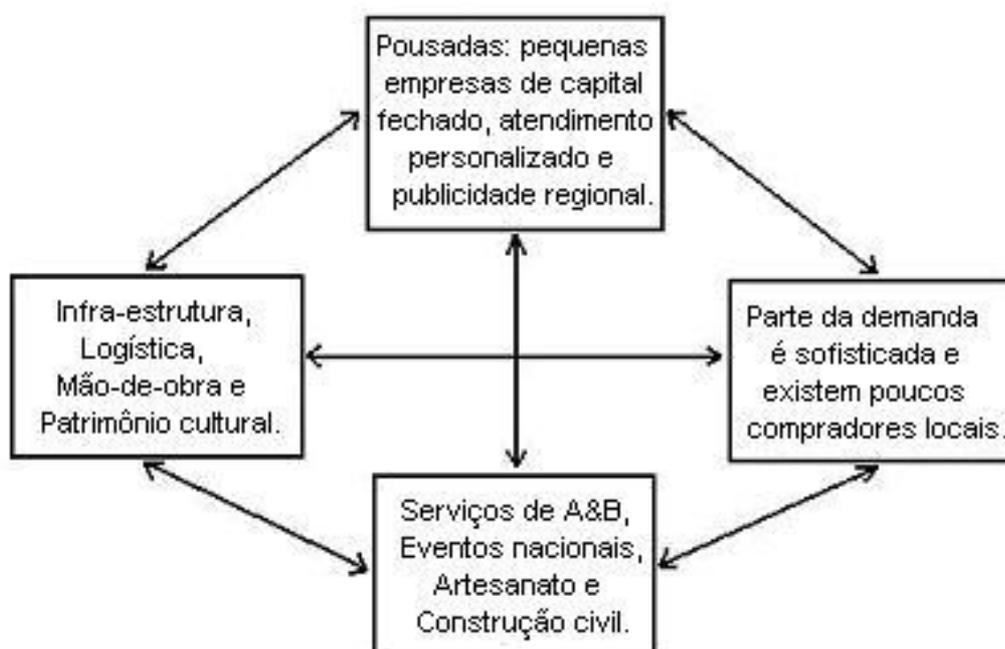


Figura 3. Determinantes da vantagem competitiva de Tiradentes.
Fonte: Adaptado pela pesquisadora de Porter (1999, p. 179).

Os recursos histórico-culturais e naturais de Tiradentes são utilizados para a comercialização turística. Atualmente, o turismo é visto pelos moradores como a principal atividade econômica da cidade, uma importante fonte de renda local, os investimentos públicos e privados incrementaram a infra-estrutura, atualmente a cidade conta com diversas pousadas e restaurantes que oferecem desde os pratos típicos mineiros até os elaborados pratos da cozinha internacional, a mão-de-obra possui boa qualificação e a maioria recebe treinamento no local de trabalho, sendo que os trabalhadores são da localidade e de cidades vizinhas, como São João Del Rei e Prados.

A recuperação do patrimônio edificado e o envolvimento da comunidade nos setores de apoio foram fundamentais na elaboração do produto turístico Tiradentes. O conjunto arquitetônico, a cultura imaterial e os eventos nacionais e internacionais atraem para a cidade uma demanda sofisticada e a maioria dos produtos e serviços é para consumo externo, ou seja, dos turistas.

O conjunto de atributos propostos por Porter (1999) possibilita uma análise geral do mercado e suas condições de acumular atrativo e habilidades especializadas. As vantagens competitivas conquistadas ao longo do tempo pela cidade de Tiradentes precisam ser gerenciadas de forma que se ampliem, evitando a especulação excessiva e danos ao patrimônio material e imaterial.

Em 1999, trinta e duas cidades italianas e uma croata criaram o movimento das *Slow Cities* (cidades lentas), o grupo privilegia a qualidade de vida nos centros urbanos e, por isso, são contra o ritmo frenético imposto pela modernidade e pela economia globalizada (FALCÃO, 2001).

Tiradentes é candidata ao título de *slow city*; ao obter esse título, pode ser que ela conquiste um outro diferencial competitivo, mas para isso, terá que investir em planejamento urbano. E o centro histórico precisará ficar livre da circulação de veículos e dos sons de alta potência instalados nos carros durante o carnaval.

[...] Eles dão boas-vindas à internet, às fibras ópticas e às placas de bateria solar, mas abominam alarmes de carro, telefones celulares, alimentos transgênicos e antenas parabólicas – sobretudo quando instaladas em prédios seculares. Admitem que o progresso trouxe bem-estar e conforto, mas lamentam que tenham homogeneizado hábitos culturais e gastronômicos, transformando cidades européias, sul-americanas e asiáticas em réplicas da americana Las Vegas (FALCÃO, 2001, p. 7).

As propostas dos prefeitos dessas cidades são de evitar o estresse, manter a diversidade local e zelar pelas condições de vida da população. Para isso,

incentivam a manutenção dos restaurantes e pousadas familiares, evitam a circulação de veículos nos centros das cidades, motivam a produção de alimentos orgânicos, dão incentivos fiscais para a construção de casas com energia solar e reaproveitamento de água e incentivam a convivência em praças.

De acordo Falcão (2001), por abrigarem essas características, às cidades tornam-se atraentes para os turistas. Alguns municípios de outros países começam aderir a idéia; no Canadá, uma dezena de cidades já deseja a inclusão no movimento. No Brasil, são duas: Antônio Prado (RS) e Tiradentes (MG). Para se tornar uma *slow city*, é necessário que a cidade seja ecologicamente correta, preserve sua história e tradição e que promova tranquilidade e bem-estar para população.

Segundo o entrevistado J, responsável por uma das secretarias da prefeitura de Tiradentes, o esgoto precisa sofrer algum tipo de tratamento, pois atualmente 100% dele são jogados (sem tratamento) no ribeiro Santo Antônio que corta a cidade e no Rio das Mortes. Atualmente, a prefeitura elabora um plano de coleta seletiva para o lixo e pretende atingir inicialmente 250 estabelecimentos comerciais, pois 65% do lixo produzido na cidade, originam-se do comércio. O entrevistado J fez questão de salientar: “Então, ao fazer essa coleta seletiva vamos deixar de enterrar R\$8.000,00 mensais [...] vamos estar contribuindo com o lado social e com o lado principalmente, ambiental” (Mar. 2006).

A cidade ainda não possui um plano diretor, de acordo com o secretário, abriu-se uma licitação para a elaboração do plano, a Universidade Fluminense do estado do Rio de Janeiro ganhou o processo de licitação e, em breve, estará executando as diversas ações exigidas pelo plano.

Compreender a relação das pousadas com o processo de turistificação do lugar e, nesse caso, em particular a cidade de Tiradentes, é também refletir sobre a responsabilidade dos meios de hospedagem, sejam eles de grande, médio ou pequeno porte, mediante o sistema turístico de uma localidade. Diversos autores como, Vasconcelos (2005) e Cruz (2002) discutem sobre os impactos dos grandes empreendimentos hoteleiros na região Nordeste, mas pouco se pesquisa sobre a influência da pequena hotelaria no processo de urbanização das cidades. A relação existente entre um considerável número de pequenos meios de hospedagem, localizados em um espaço limitado, pode acarretar uma série de conseqüências, sejam elas, boas ou ruins.

Tiradentes possui uma população urbana de aproximadamente 4000 habitantes na área urbana (IBGE, 2000/2001) e abriga cerca de 110 pousadas. Estas, por sua vez são também responsáveis pelo lugar turístico, pois atraem turistas por meio de suas ações de promoção e marketing. Durante uma das 43 entrevistas realizadas, o gerente de uma pousada ressaltou: [...] “Nós vendemos Tiradentes, o destino... e, não só a pousada!” Existem pousadas em Tiradentes que são um atrativo por si só, porém na maioria das vezes, o principal atrativo para as pessoas é o ambiente e clima que a cidade proporciona, por isso, divulga-se o atrativo juntamente com o equipamento turístico que viabilizará a permanência do turista no lugar, isto é, a pousada.

Com o objetivo de divulgar a hospitalidade mineira aos cariocas, no dia 22 do mês de março deste ano, ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, o 1º Salão da Hotelaria de Minas Gerais. O evento contou com a participação de várias pousadas e hotéis mineiros além das redes hoteleiras internacionais que atuam no estado de Minas Gerais. De acordo com os promotores do evento: [...] “secundária é a escolha do hotel, prioritária é a escolha do destino” (TONACO, 2006, p. 7). Essa declaração reforça a concepção exposta neste trabalho, ou seja, os meios de hospedagem contribuem para relações estabelecidas entre o lugar turístico (local) e os destinos emissores (global) e, portanto também, são responsáveis pelas conseqüências oriundas da atividade turística.

Ao negociar a realização de eventos na cidade de Tiradentes, a capacidade hoteleira, ou seja, o número de unidades habitacionais (Uhs) disponíveis é levado em consideração, pois quem organiza e promove um evento tem uma estimativa do público almejado. A produção de lixo e o consumo de água e energia no município são outros fatores que podem ser influenciados pelas pousadas. Em Tiradentes, bairros como o Parque das Abelhas são constituídos basicamente por pousadas cujos proprietários são de fora e por casas de segunda - residência.

5.3 Interpretação dos Dados Obtidos Durante as Entrevistas - Pousadas e Moradores de Tiradentes.

5.3.1 A Tipologia das Pousadas da Cidade

Conforme a descrição feita no capítulo Turismo e Patrimônio Cultural em Tiradentes, as 110 pousadas existentes no município apresentam características diferentes. A tipologia das empresas hoteleiras pesquisadas em Tiradentes distribuiu-se da seguinte forma: 26 empreendimentos são construções novas, 11 são instaladas em prédios históricos e 6 são consideradas extensões de residência de acordo com o gráfico apresentado abaixo.

Das 26 pousadas denominadas como novas construções, 14 são de proprietários de fora e 12 são de Tiradentes; nos prédios históricos, esta proporção é de 6 para os proprietários nascidos na cidade e 5 para os de fora; já nas extensões de residência, 5 dos proprietários são de Tiradentes e 1 é de Belo Horizonte. De acordo com a administração da prefeitura, não se sabe ao certo a porcentagem de pousadas regulares junto aos órgãos vigentes.

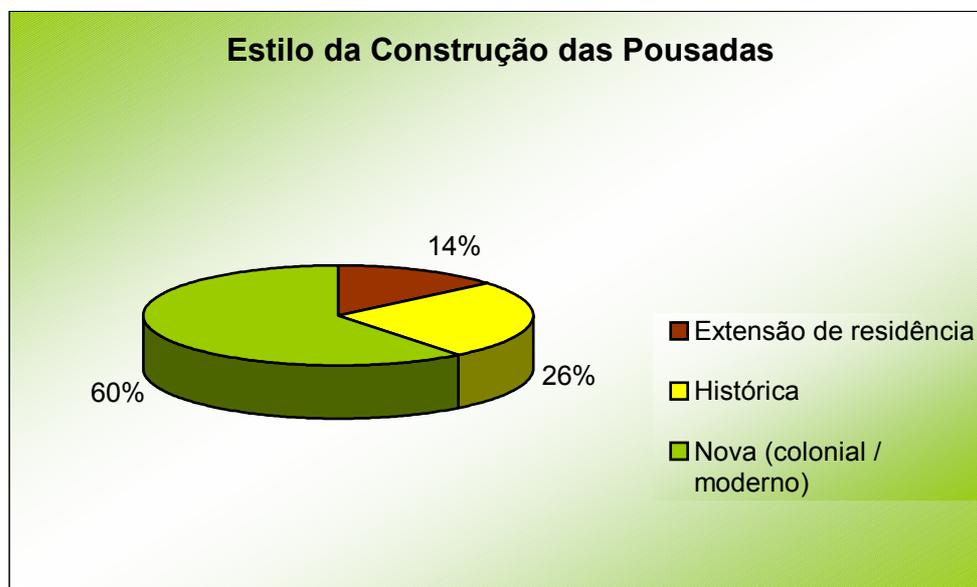


Gráfico 1: Estilo da Construção das Pousadas
Fonte: Oliveira, 2006.

Durante a realização das entrevistas, nas pousadas, observou-se uma setorização das mesmas. A maioria dos pousadeiros, vindos de outros municípios estabelece no bairro Parque das Abelhas, uma parte nova da cidade, próxima ao

centro histórico, onde também, estão inúmeras casas de segunda-residência. Os proprietários de pousadas, cujos donos são de Tiradentes, concentram-se no bairro Cuiabá. Trata-se de um bairro antigo em relação ao Parque das Abelhas.

O centro histórico é o único lugar da cidade onde empreendimentos de proprietários locais e de outros municípios estão distribuídos de maneira equilibrada. Na avenida Israel Pinheiro, no entorno da cidade, encontram-se pousadas luxuosas¹² que pertencem a proprietários de fora ou à família Barbosa (de Tiradentes).

Segundo informações fornecidas por uma imobiliária local, o metro quadrado no bairro Parque das Abelhas é mais valorizado¹³ em relação ao Cuiabá. Verificou-se também que, nesse bairro, algumas propriedades, adaptadas ou construídas para se tornarem pousadas, são imóveis de herança ou arrendamento.

De acordo com entrevistas realizadas por meio de formulário estruturado, a maioria contendo questões fechadas (múltipla escolha), observou-se que 25 dos 43 meios de hospedagem entrevistados, ou seja, 58% têm entre um e cinco anos de funcionamento, conforme apresentado no próximo gráfico. Portanto, pode-se interpretar que houve um aumento significativo de empreendimentos no período de 2001 a 2006.

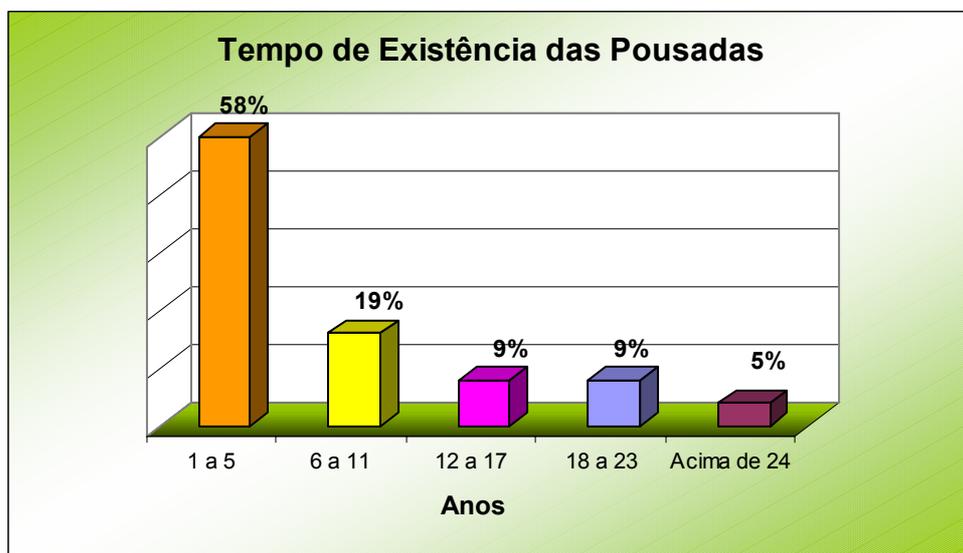


Gráfico 2: Tempo de existência das pousadas
Fonte: Oliveira, 2006.

¹² Neste trabalho, compreende-se como luxuosa aquela pousada que disponibiliza para o hóspede um maior espaço e conforto, possui objetos suntuosos de decoração e serviços complementares, como spa, sala de jogos etc.

O turismo na cidade se desenvolve desde a década de 1980, porém percebe-se um resultado de todo o investimento feito em infra-estrutura, manutenção do patrimônio, artesanato, entretenimento, mídia e sensibilização da comunidade para a atividade turística (Sociedade Amigos de Tiradentes), durante os anos 1990. Tanto que os principais eventos realizados na cidade estão por completar uma década em 2006, A Mostra Nacional de Cinema realizou em janeiro deste ano sua nona edição e em agosto rivalizar-se-á a nona edição do Festival Internacional de Gastronomia.

Desde o fim da década de 1990, o município de Tiradentes tem chamado à atenção de pesquisadores do fenômeno turístico. A partir de então, realizam-se alguns estudos na cidade, exemplo disso é a obra de Meneses (2004), Pellegrini (2000), artigos científicos e a produção da fita de vídeo, Meu Negócio é Turismo (1999) pela Embratur.

A atual política estadual de turismo de descentralização do poder e fomento da participação social também beneficiou a região da cidade de Tiradentes. A implantação dos circuitos¹⁴ no estado abrange 55% dos municípios mineiros e favoreceu o investimento em infra-estrutura local. Tiradentes se localiza na região central do estado e pertence ao circuito Trilha dos Inconfidentes (SECRETARIA DE TURISMO DE MINAS GERAIS - SETUR, 2006).

Com relação ao perfil dos proprietários, 31 dos 43 entrevistados são casados; 8 são divorciados ou viúvos e 4 são solteiros; 51% deles têm entre 36 e 50 anos e 37% possuem acima de 50 anos. Constata-se que a maioria dos empreendedores encontra-se na faixa etária economicamente ativa da sociedade. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, esse subconjunto da população é o da faixa etária entre 15 a 60 anos (ROSSETTI, 2002).

Como se pode observar no gráfico a seguir, 72% dos entrevistados são casados, o que caracteriza uma administração familiar na maioria das pousadas instaladas no município, principalmente, ao levar em consideração a origem da mão-de-obra dessas pousadas, pois 12% dos empreendimentos entrevistados empregam apenas pessoas da família.

¹³ Segundo a Walasse Imobiliária, o valor do metro quadrado (m²) do terreno no bairro Cuiabá pode variar entre R\$45,00 e R\$65, 00, de acordo com a localização. Já no bairro Parque das Abelhas, o custo está entre R\$110,00 e R\$125,00 por metro quadrado.

¹⁴ O Decreto Lei nº 43.321 de 08/05/2003 institucionaliza os circuitos turísticos.

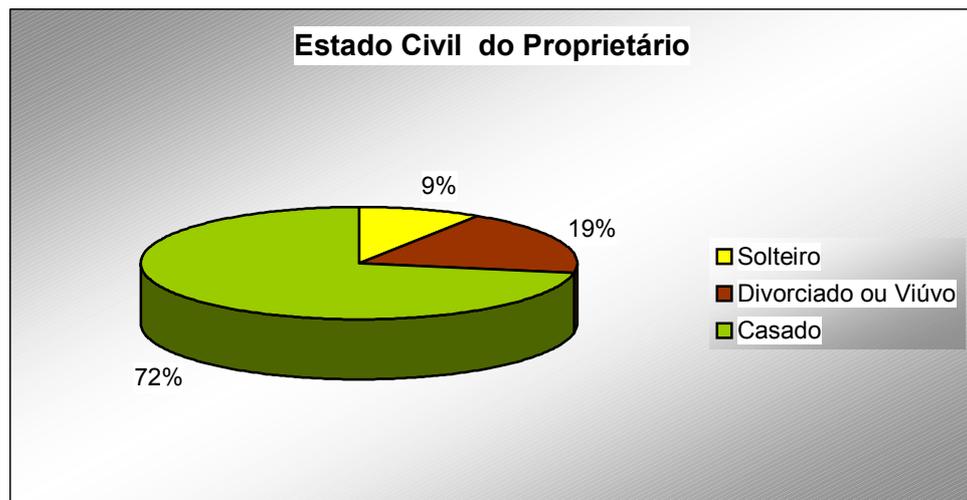


Gráfico 3 : Estado civil do proprietário
 Fonte: Oliveira, 2006.

Os pequenos empreendimentos turísticos proporcionam estas características à administração dos mesmos, pois na maioria das vezes, o perfil desses investidores é diferente daquele que investe em grandes empreendimentos hoteleiros ou até mesmo daquele que terceiriza a gestão de seu negócio.

Como se pode verificar no próximo gráfico, destes 43 proprietários, 22 são naturais do município de Tiradentes, isto é, 52% e, os outros 48% são provenientes de outros municípios. O secretário de turismo da prefeitura acredita que 40% dos empreendimentos hoteleiros pertençam à população tiradentina e 60% aos moradores de fora.

Porém, é nítida a melhoria do poder aquisitivo de algumas famílias tiradentinas e isso contribuiu para o aumento do número de empreendimentos turísticos que pertencem a moradores locais, como se pode observar nas declarações de alguns dos entrevistados: “[...] Graças a Deus, de uns dez anos pra cá é uma cidade que não é rica, mas é uma cidade que todo mundo ganha dinheiro com artesanato, charretinha para passeios, o que hoje dá pra tratar de uma família”. (ENTREVISTADO O, Mar. 2006). “Nossa casa vendeu bem, em dólares; 100.000 dólares. Na época deu pros meus irmãos tudo comprar casa e móveis” (ENTREVISTADO G, Mar. 2006). “Não havia restaurantes, pousadas, como tem hoje. A mão-de-obra civil e o artesanato, além das pousadas e restaurantes também empregam muito hoje” (ENTREVISTADO E, Mar. 2006).

Como exemplo deste fenômeno, pode-se mencionar uma das famílias com o sobrenome Barbosa a qual existe na cidade. Essa família iniciou-se no mercado

turístico do município com a comercialização de peças artesanais; posteriormente, inaugurou uma pousada no centro histórico; tempos depois, realizou a expansão dessa pousada por meio de um anexo (que fica do outro lado da rua) e há seis anos inaugurou um outro significativo empreendimento de luxo na cidade. Atualmente, está sendo construído nessa pousada um centro de convenções, e a proprietária também tem uma loja de artesanatos.

Conforme apresentado no próximo abaixo, a naturalidade dos empreendedores hoteleiros que são de outras cidades coincidem com a origem dos principais destinos emissivos para a cidade de Tiradentes. O público-alvo do mercado turístico da cidade é composto, principalmente, por pessoas residentes nas cidades de Belo Horizonte, que visitam a cidade durante os finais de semana, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília as quais vão ao município nos feriados prolongados. Durante a semana, algumas pousadas também recebem grupos de turistas estrangeiros.

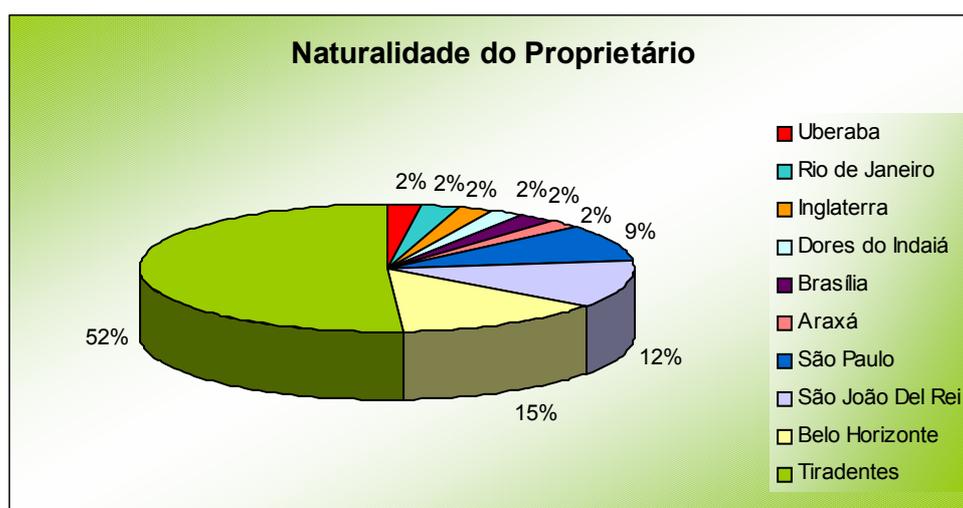


Gráfico 4 : Naturalidade do proprietário
Fonte: Oliveira, 2006.

Durante as entrevistas realizadas, percebeu-se que há anos, algumas pessoas nascidas em Tiradentes tinham saído da cidade em busca de oportunidades de trabalho e estudo, no entanto, essas pessoas constataram, nos últimos anos, o desenvolvimento local e, então, decidiram retornar à cidade natal e investir no turismo. É surpreendentemente positiva a proporção dos investidores (pousadeiros) de Tiradentes em relação aos que são de outros municípios.

Segundo dados obtidos na administração da prefeitura, com o entrevistado J, existem atualmente, na cidade 89, restaurantes. Em uma oportunidade futura, seria

interessante fazer um comparativo da naturalidade dos proprietários de pousadas com os proprietários de restaurante. Assim, verificaria se a proporção de 52% para Tiradentes e 48% para outros municípios (no caso dos meios de hospedagem), permaneceria também na área de alimentos e bebidas.

Um aspecto, interessante em Tiradentes, é que a maioria das pousadas instaladas em espaços criados com a finalidade de hospedar, mantém o estilo colonial das casas e edifícios históricos. Poucas destoam do conjunto arquitetônico contendo características modernas; as pousadas Quinta do Conde e São José Del Rey, cujos proprietários são de fora, possuem traços modernos, mas são criticadas por outros proprietários cujos donos são de Tiradentes.

Tanto as novas construções de segundas-residências, como as novas pousadas, às vezes, se parecem réplicas de um estilo arquitetônico do passado. As pessoas conseguem matéria prima em lojas que comercializam materiais de demolição em Tiradentes ou mesmo em Belo Horizonte, imitam o piso, a decoração externa e interna. As peças em madeiras normalmente são antigas, originárias de outras construções. Entretanto, as lojas especializadas em envelhecimento de madeiras, também, alimentam essa tendência pós-moderna de valorização do passado, como se pode observar nas fotos demonstradas.



Foto 8: Pousada Berço da Liberdade - Fachada
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Set. 2004)



Foto 9: Pousada Pequena Tiradentes – Corredor dos apartamentos

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Mar. 2006).



Foto 10: Pousada Casa Vermelha - Salão de recepção e café da manhã.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Mar. 2006)



Foto 11: Pousada Vila Alegre – Salão do café da manhã.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Mar. 2006)

A questão de se manter a harmonia estética da arquitetura típica do local é intrigante e provavelmente repleta de significados para a comunidade local e para o turista. Porém, seria sábio se o proprietário informasse ao hóspede que aquele lugar foi construído recentemente para hospedá-lo. Pode ser de maneira simples como, por exemplo, afixar uma pequena placa na recepção com a data de inauguração da propriedade. Caso contrário, o turista passa a acreditar que além de estar em uma cidade histórica, também se hospeda em um casarão antigo. Segundo Murta (2002), a interpretação do atrativo turístico envolve a revelação de significados, provoca emoções, estimula a curiosidade e apreciação.

Como pode ser observado no próximo gráfico, 22 dos 43 estabelecimentos entrevistados possuem entre 11 e 20 apartamentos, número de unidades habitacionais, o qual é uma característica dos empreendimentos classificados como pousadas, (WADA, 2005). Apenas uma entre todas as pousadas pesquisadas não funciona o ano todo, ou seja, trabalha apenas em alta temporada.

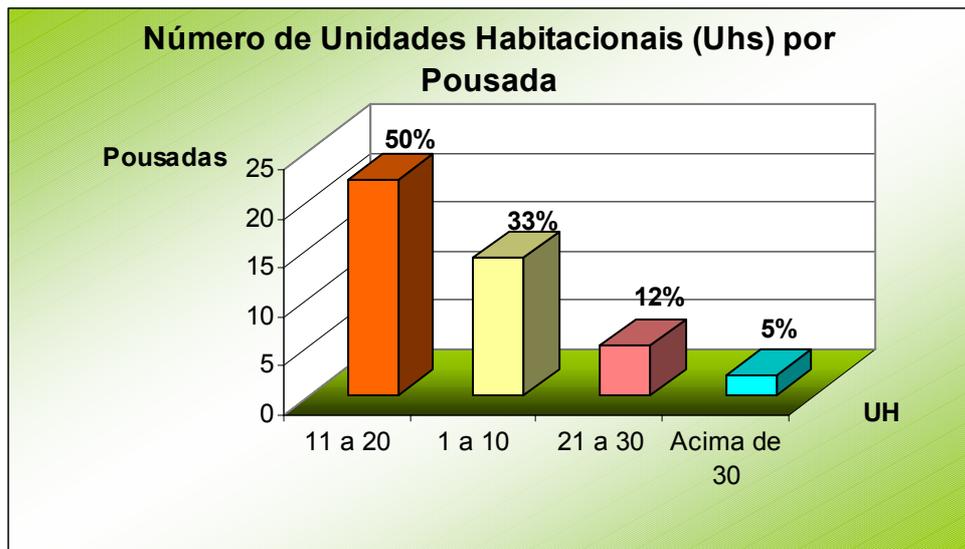


Gráfico 5 : Número de unidades habitacionais por pousada
Fonte: Oliveira, 2006.

Conforme o esboço do gráfico seguinte, elegeu-se para esta pesquisa, alguns equipamentos comuns a apartamentos de pousadas e hotéis de pequeno e médio porte, com o objetivo de se avaliar a infra-estrutura oferecida pelas pousadas de Tiradentes aos seus hóspedes.

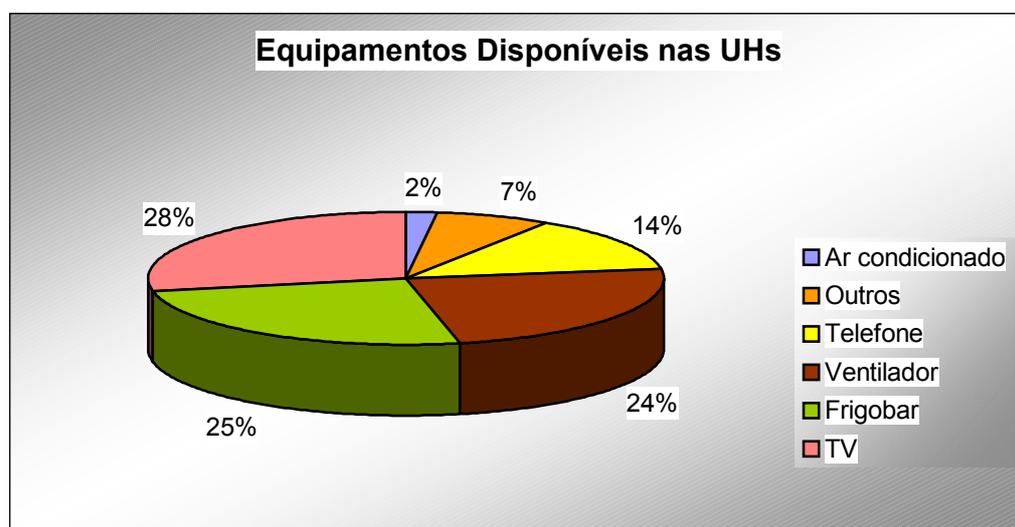


Gráfico 6 : Equipamentos disponíveis nas unidades habitacionais
Fonte: Oliveira, 2006.

Segundo entrevistas, a maioria dos apartamentos tem ventilador e não possui ar condicionado em função do clima da cidade (temperatura média anual em torno de 19°). Itens como televisão e frigobar estão longe de serem considerados diferenciais; atualmente, tornaram-se quase obrigatórios. Portanto, 39 pousadas

possuem frigobar e as 43 disponibilizam televisores nos apartamentos. Todas oferecem ao hóspede café da manhã. Contudo, 16 possuem restaurante e, apenas 8 realizam outros tipos refeições nos restaurantes, além do café da manhã; como exemplo, o serviço de chá, que é oferecido por 5 das 43 pousadas pesquisadas.

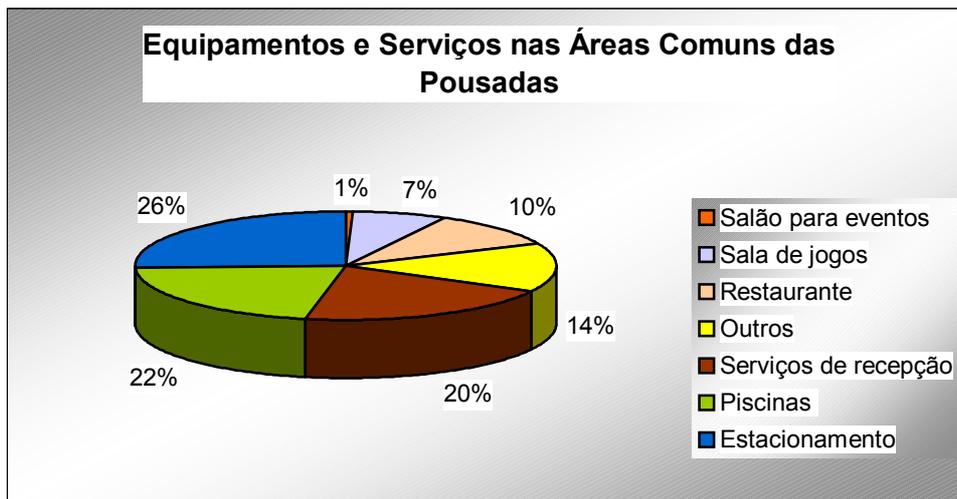


Gráfico 7 : Equipamentos nas áreas sociais das pousadas
Fonte: Oliveira, 2006.

No gráfico apresentado acima, é possível visualizar os equipamentos e serviços disponibilizados nas áreas comuns. As 33 pousadas que contêm piscinas, reforçam a segmentação turística da cidade, o turismo de lazer, em que se observa que a maioria do público constitui-se de casais (sem filhos) e pessoas acima de cinquenta e cinco anos, denominadas mercadologicamente como Terceira Idade. Inclusive, no mês de dezembro de 2005, Tiradentes foi eleito o melhor destino romântico do país, segundo a Revista Veja (Dez. 2005), cuja reportagem foi intitulada de “A queridinha dos Apaixonados”.

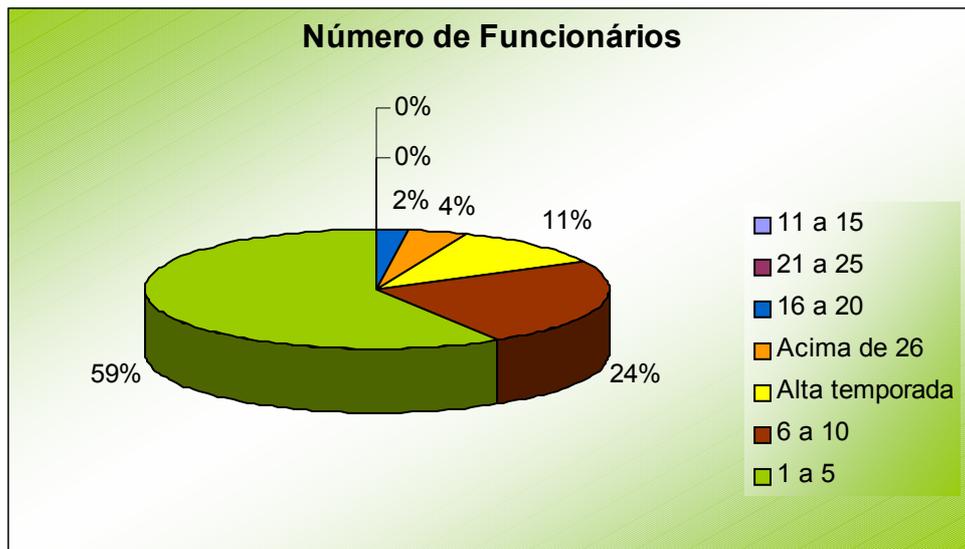


Gráfico 8 : Número de funcionários por pousada
Fonte: Oliveira, 2006.

O gráfico acima está relacionado à mão-de-obra. Das 43 pousadas, 59% empregam entre um e cinco trabalhadores; 24% estão entre seis e dez trabalhadores, sendo que 5 das 43 pousadas entrevistadas afirmaram contratar outras pessoas durante a alta temporada. O número de trabalhadores pode variar de acordo com a quantidade de apartamentos disponíveis na pousada. A seguir se tem a origem desses trabalhadores.

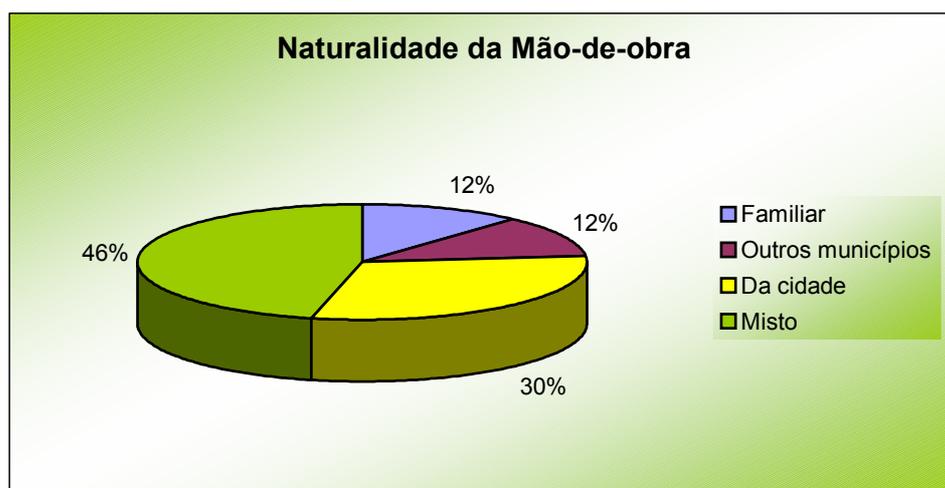


Gráfico 9: Naturalidade da mão-de-obra
Fonte: Oliveira, 2006.

A origem da mão-de-obra divide-se da seguinte forma: o número de pousadas que emprega apenas pessoas da própria família corresponde a 12% do total. Já os

empreendimentos cujos trabalhadores são todos de Tiradentes, representam 30% e, em 12% das pousadas entrevistadas, todos os colaboradores são de outros municípios.

Porém, o que prevalece (46%) são os estabelecimentos onde o grupo de trabalhadores é misto, ou seja, existem colaboradores de Tiradentes e também, de municípios vizinhos como, São João Del Rei. Observa-se que esse tipo de empreendimento turístico, em especial na cidade de Tiradentes, tem contratado um número considerável de trabalhadores locais, o que se constitui em um aspecto positivo para a economia local, em relação ao turismo.

Como é possível visualizar no gráfico a seguir, o valor da diária para apartamentos duplos apresentou uma variação considerável; em algumas pousadas, o preço para uma ou duas pessoas é o mesmo, ou seja, cobra-se uma determinada quantia pelo apartamento, não concedendo nenhum tipo de desconto para apartamentos individuais. Para uma melhor análise de custo, o gráfico foi elaborado apenas com os valores de apartamentos duplos e pensão simples, isto é, somente o café da manhã está incluso na diária. Cabe ressaltar que o custo diário em uma pousada da cidade para duas pessoas encontra-se entre R\$50,00 e R\$600,00.

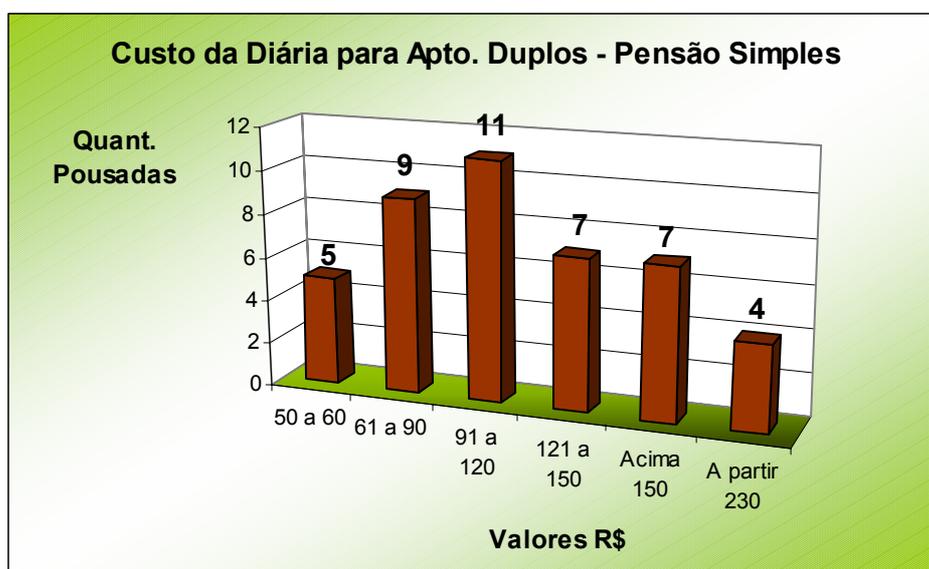


Gráfico 10: Custo da diária para apartamentos duplos
Fonte: Oliveira, 2006.

Essa disparidade de preços reforça a dificuldade de classificação ou delimitação das características de um estabelecimento denominado como pousada. Em alguns destinos turísticos brasileiros e, neste caso em especial na cidade de

Tiradentes, diversos são os meios de hospedagem que se conceituam como pousadas.

De acordo com a classificação proposta por Walker (2002) e Mamede (2002), apresentadas anteriormente, os meios de hospedagem com infra-estrutura simples, caracterizados nesse estudo como extensões de residência, aproximam-se da tipologia de um *bed and breakfast*. Outros empreendimentos hoteleiros instalados na cidade denominados aqui por construções novas, sejam elas em estilo colonial ou moderno, pela infra-estrutura que oferecem, poderiam ser definidos ou classificados como pousadas ou hotel de lazer, pois possuem vários equipamentos de entretenimento e até um centro de convenções. Algumas pousadas localizadas no centro histórico, ou seja, tombadas pelo IPHAN, poderiam ser definidas como hotéis históricos.

O conceito de pousada foi ampliado em função da demanda do mercado brasileiro, tornou-se generalista, conforme apresentado no 4º capítulo. No município de Tiradentes, um pequeno número de pousadas as quais pertencem ao grupo novas construções, poderiam ser classificadas como pousadas, no entanto atualmente, há aproximadamente 110 meios de hospedagem sendo chamados de pousadas.

5.3.2 As Interferências Ambientais

A pousada é considerada uma estrutura estratégica para gestão do lugar turístico sustentável, por isso faz-se necessária uma análise das interferências ambientais promovidas pelo referido meio de hospedagem. Irving (2002) comenta que o desenvolvimento sustentável está baseado em três objetivos: satisfazer o turista, preservar o meio ambiente e assegurar condições de vida para a comunidade receptiva. Para tanto, o ideal é que se tenha uma visão integrada acerca do desenvolvimento regional e da educação ambiental.

Com a proposta de qualificar as interferências ambientais em torno do número de pousadas existentes no município e verificar se há algum tipo de organização ou união entre elas, foi perguntado durante as entrevistas se a pousada tinha alguma ação em conjunto com outra pousada da cidade. Conforme o gráfico a seguir, das 43 pousadas entrevistadas, 93% não mantinham nenhuma atividade que envolvesse

outras pousadas, apenas 7%, o que corresponde a 3 pousadas, as quais afirmaram desenvolver algum tipo de ação em conjunto.

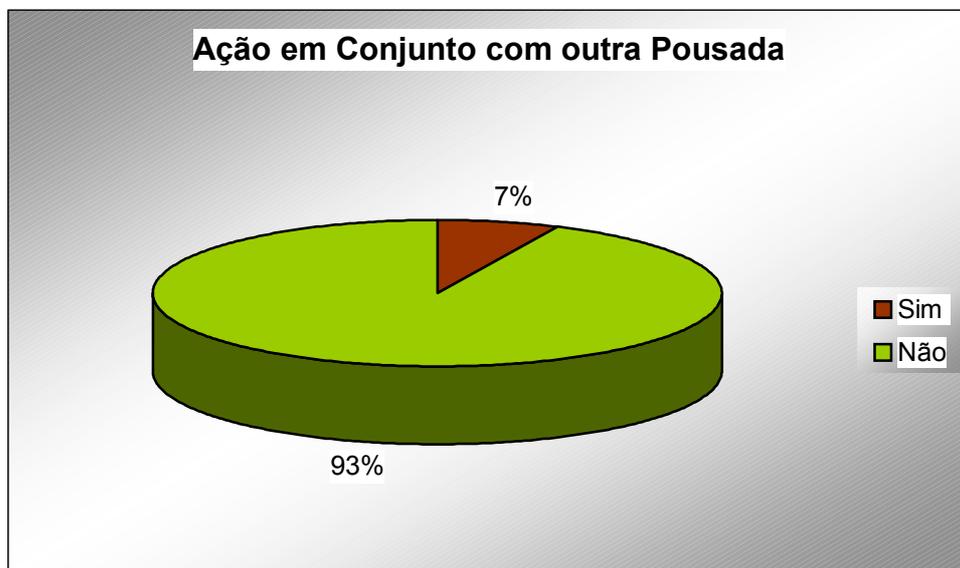


Gráfico 11: Ação em conjunto com outra pousada
Fonte: Oliveira, 2006.

No caso das três pousadas que responderam, positivamente, à pergunta questionou-se, em seguida, quais eram as ações feitas em conjunto. Duas responderam que mantinham contato e atividades com a Associação Comercial do local e a terceira disse que se comunica com outras pousadas em períodos de eventos, e que também, em função da demanda ser alta, durante os eventos realizados no município, havia indicações de clientes entre as pousadas. Observe o gráfico abaixo.

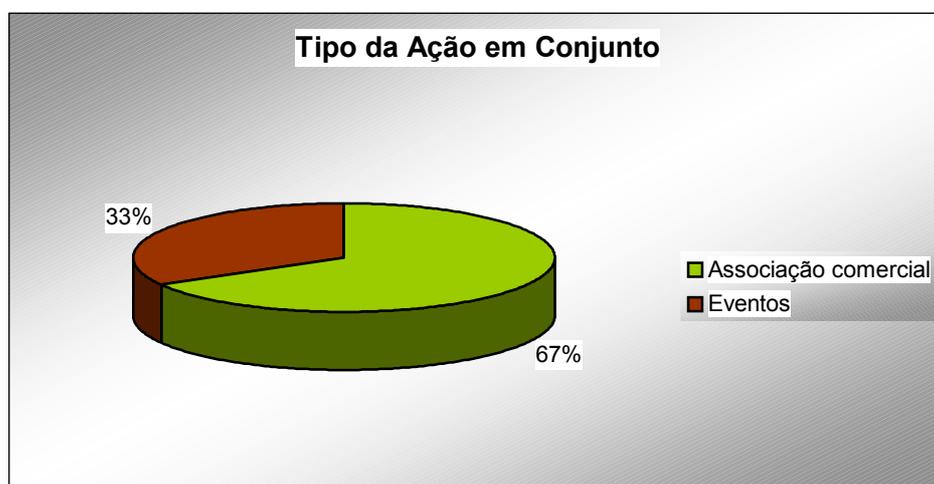


Gráfico 12: Tipo de ação em conjunto
Fonte: Oliveira, 2006.

Uma questão a ser observada nesse momento, é que segundo informações obtidas na administração da Prefeitura Municipal, a Associação Comercial está temporariamente desativada e sem previsão para o retorno de suas atividades. Portanto, os dois empreendimentos que afirmaram desenvolver atividades junto a essa instituição, não as realizam no momento.

Conforme apresentado no gráfico abaixo, após identificar os motivos pelos quais as pousadas agiam em conjunto, a próxima pergunta feita aos entrevistados buscou identificar algum trabalho junto à comunidade.



Gráfico 13: Trabalho junto à comunidade
Fonte: Oliveira, 2006.

As respostas adquiridas nessa questão apresentaram um resultado interessante em relação à pergunta sobre ações conjuntas com outras pousadas. Dentre as 43 pousadas, 7 afirmam ter algum trabalho junto à comunidade. Na tabela a seguir, é possível ver a diversidade de atividades realizadas pelos 16% dos entrevistados.

TABELA 2
TRABALHOS REALIZADOS JUNTO À COMUNIDADE

Trabalhos junto à Comunidade	
Tipo	Quantidade.
Refeição para carentes	1
SAT – Sociedade Amigos de Tiradentes	1
Incentivo à cultura - teatro e música	2
Fundo de ajuda aos funcionários da pousada	1
AMAPA – Associação dos Moradores e Amigos Parque das Abelhas	1
Aula de reforço para os funcionários da pousada	1
Castração de animais.	1

Fonte: Oliveira, 2006.

Conforme demonstrado no próximo gráfico, quando indagados sobre a existência de alguma preocupação com o meio ambiente, 56% dos entrevistados declararam se preocupar e 44% afirmaram não ter nenhuma inquietação em relação ao tema proposto na pergunta.

A ausência de participação e de coesão entre as pousadas do município se constituem em um aspecto negativo para o turismo sustentável. Sansolo (2004) sugere que a degradação ambiental em locais turísticos revela um turismo que foi desenvolvido objetivando somente a acumulação de capital.

Segundo Irving (2002), o envolvimento dos principais atores do processo de turistificação de um lugar com as questões que entremeiam a apropriação de um “bem ambiental” ¹⁵ é de fundamental importância para uma proposta de turismo sustentável.

¹⁵ Grifo da autora.

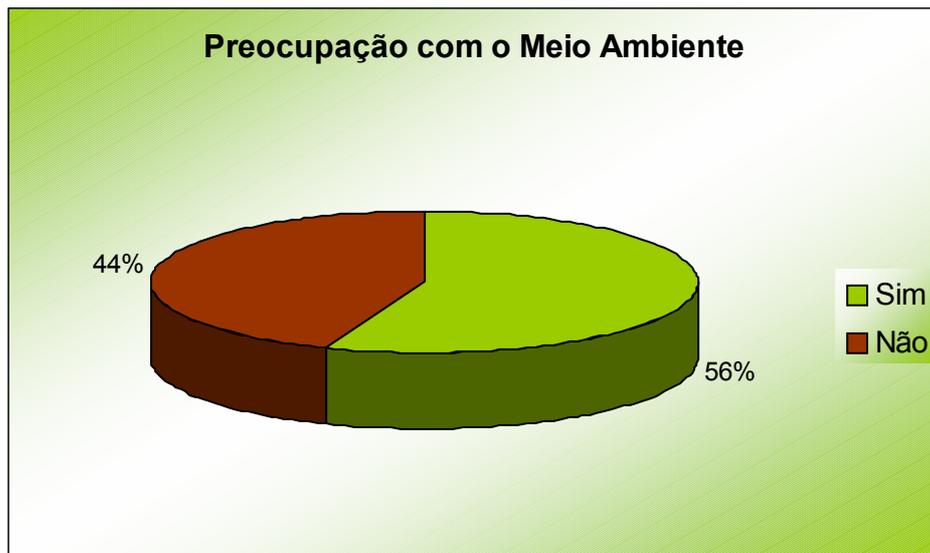


Gráfico 14: Preocupação com o Meio Ambiente
Fonte: Oliveira, 2006.

Foi perguntado aos 56% dos entrevistados, que declaram dar algum tipo de importância às questões que permeiam o tema, sobre quais seriam as ações realizadas por eles em prol do meio ambiente. Nesse momento, quatro dos entrevistados optaram por não responder a essa pergunta. Com isso, interpreta-se que parte da população reconhece que o assunto é relevante, mas não há uma contribuição efetiva. Externalizar as responsabilidades ambientais para o poder público é mais cômodo.

Conforme apresentado na próxima tabela, dentre as 19 pousadas que disseram se preocupar com o meio ambiente, 7 afirmaram realizar coleta seletiva. Contudo, cabe aqui destacar que o município ainda não possui nenhum procedimento em relação à coleta seletiva, segundo entrevista realizada com o atual Secretário Municipal de Meio Ambiente, a prefeitura está avaliando um plano de implantação da coleta seletiva. Esse processo está sendo impulsionado pela Pousada Solar da Ponte, pois ela pertence ao grupo de pousadas e hotéis associados ao Guia Roteiros do Charme o qual, por sua vez, exige que os empreendimentos hoteleiros credenciados por ele participem de coleta seletiva do lixo local.

TABELA 3
TIPOS DE AÇÕES REALIZADAS COM RELAÇÃO AO MEIO AMBIENTE

Quais são as ações?	
Tipo	Quantidade.
Compostagem	2
Outros	3
Conscientização	4
Não responderam	4
Reciclagem	4
Coleta seletiva	7

Fonte: Oliveira, 2006.

No intuito de identificar alguma ação por parte das pousadas em relação ao uso adequado dos recursos naturais disponíveis no local, foi perguntado aos entrevistados se a pousada tinha algum programa educativo para o hóspede, sobre o consumo de água, energia e produção de lixo. Apenas 6 dos 43 entrevistados responderam tratar desse assunto com os hóspedes, conforme demonstrado no gráfico abaixo.

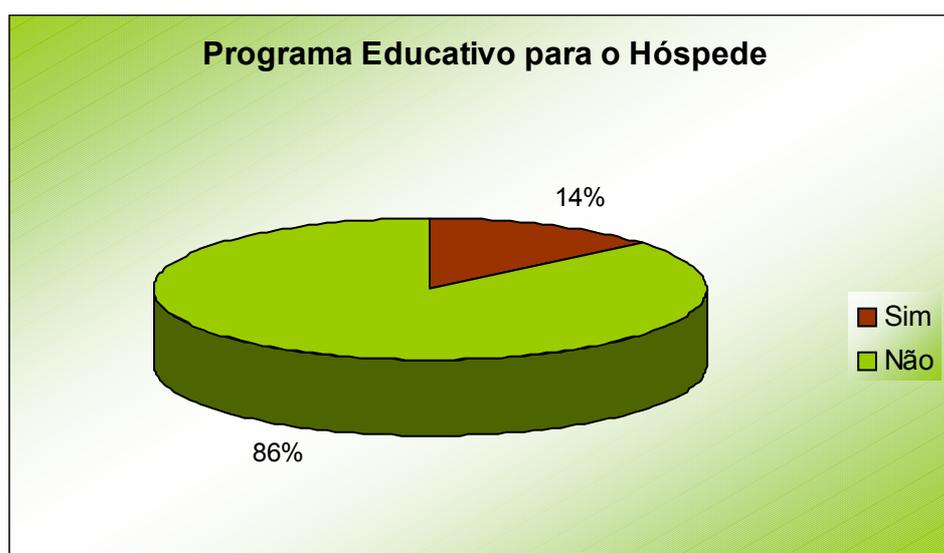


Gráfico 15: Programa educativo para o hóspede
Fonte: Oliveira, 2006.

De acordo com os dados adquiridos na administração da prefeitura e nos estabelecimentos pesquisados, o lixo produzido nas pousadas é coletado pela

prefeitura. Porém, algumas das pousadas destinam parte dos resíduos gerados por elas a outras benfeitorias, como pode ser observado na tabela abaixo.

TABELA 4
DESTINO DO LIXO PRODUZIDO NA POUSADA

O que é feito com o lixo produzido na Pousada?	
Destino	Quantidade de Pousadas
Tratamento de animais	2
Lixo orgânico / adubo	2
Venda reciclável	3
Catador	3
Coleta Prefeitura	43

Fonte: Oliveira, 2006.

De maneira geral, os proprietários de pousadas e seus funcionários dão importância ao tema e às questões que envolvem o meio ambiente, mas há pouca internalização acerca do assunto. Como já foi dito anteriormente, verifica-se uma externalização dos problemas ambientais, nos quais as pousadas interferem direta e indiretamente.

Algumas medidas poderiam ser tomadas em relação ao consumo de energia, água e tratamento de esgoto, como por exemplo, a instalação de sensores de presença para a iluminação dos ambientes sociais/ públicos, o uso de lâmpadas fluorescentes nos apartamentos, colocação de torneiras automáticas (com controle de vazão de água), troca de toalha sob demanda, utilizar vassoura para auxiliar na limpeza de fachadas e calçadas, tentar diminuir o número de embalagens, etc (GONSALVES, 2004).

5.3.3 Patrimônio Cultural em Tiradentes

Com a proposta de verificar a importância do patrimônio cultural no desenvolvimento turístico da cidade, perguntou-se aos entrevistados qual era o principal atrativo de Tiradentes, ou seja, o que leva as pessoas a visitarem o município, na opinião deles.

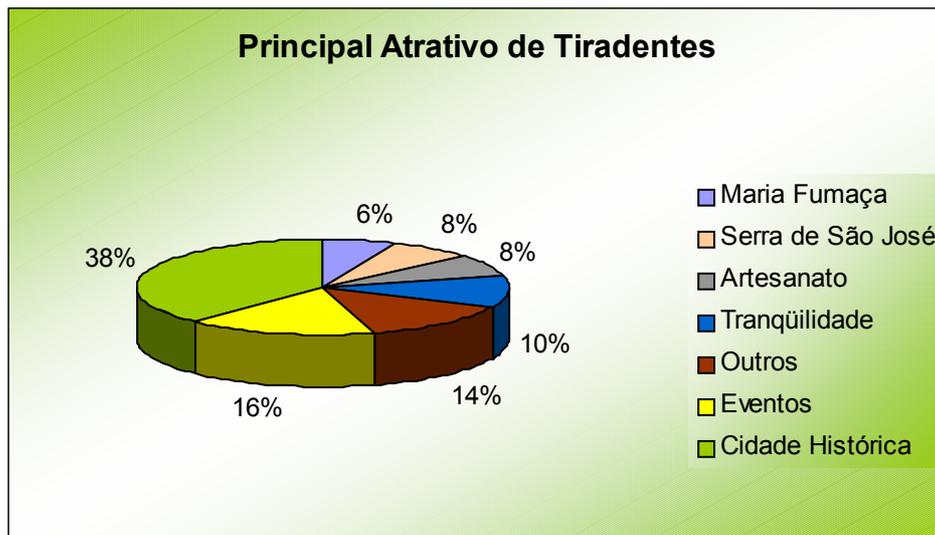


Gráfico 16: Principais atrativos da cidade
 Fonte: Oliveira, 2006.

Conforme apresentado no gráfico acima, observa-se que o patrimônio cultural, destaca-se como principal atrativo turístico no município. Ao somar os itens: Cidade Histórica e Maria Fumaça, obtém-se uma representatividade de 44% do total de atrativos. Porém, quando adicionados a esse valor, os 8% referentes ao artesanato, o percentual sobe para 52%.

Posteriormente, foi questionado sobre a percepção dos proprietários de pousadas em relação às políticas públicas locais de preservação do patrimônio cultural, se elas são importantes e por quê.

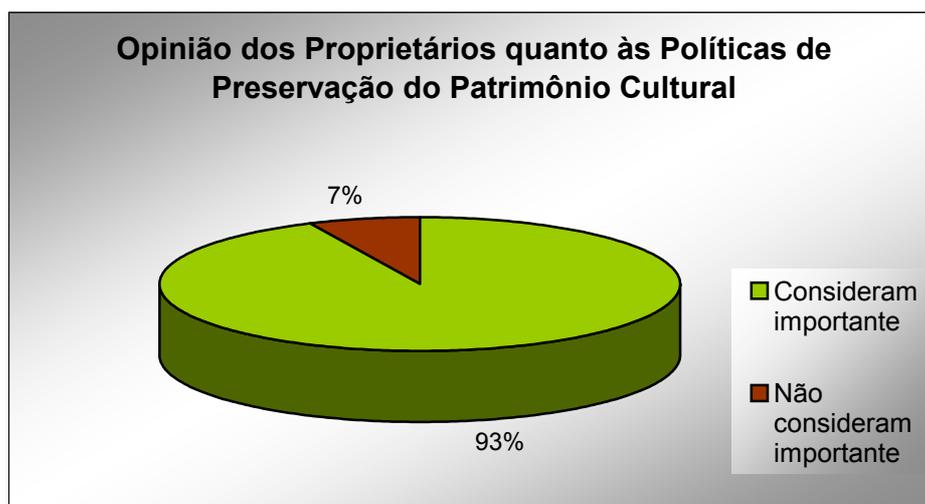


Gráfico 17: Opinião dos proprietários quanto às políticas públicas de preservação do patrimônio cultural
 Fonte: Oliveira, 2006.

Como é possível constatar no gráfico abaixo, as percepções acerca das políticas públicas de preservação do patrimônio cultural foram diversas; 42% dos entrevistados as acham importantes porque auxiliam na preservação e manutenção dos bens culturais. Já 19%, responderam ser importantes por manterem o principal atrativo da cidade, ou seja, em função do turismo. Outros 14% comentaram que as políticas deixam a desejar por parte da prefeitura, mas defendem a atuação do IPHAN que, por sua vez, possui um escritório na cidade. E, 21% das pessoas entrevistadas não responderam a essa pergunta.



Gráfico 18: Importância das políticas públicas de preservação do patrimônio cultural
Fonte: Oliveira, 2006.

Horta e Araújo (2003) comentam que a cidade de Tiradentes passou a receber investimentos na atividade turística entre as décadas de 1970 e 1980 e, desde então, ainda, não encontrou uma diretriz para o desenvolvimento ordenado. Na opinião dos autores, a cidade é atualmente uma Disney, um cenário criado para o consumo visual, independentemente do foco das atividades realizadas no local, o que coloca em risco seu patrimônio edificado, natural e cultural. Se analisado assim, a valorização do patrimônio histórico em Tiradentes não passa de uma utopia.

[...] esses eventos poderiam acontecer em qualquer lugar, desde que atendessem aos interesses capitalistas dos empreendedores! Aliada a isso, a tendência pós-moderna de se valorizar o passado, fez de Tiradentes um bom negócio que, diga-se de passagem, nem sempre é revertido ao município (HORTA & ARAÚJO, 2003, p. 122).

Observa-se que os bens culturais que se destacam na cidade e, portanto são valorizados pela comunidade e pelo turista são: o patrimônio edificado, isto é, a arquitetura colonial civil e religiosa, o artesanato e a gastronomia local.

5.3.4 A Opinião dos Moradores Frente ao Desenvolvimento do Turismo e das Pousadas

Para Pires Fabiana (2005), Tiradentes é um exemplo de produto turístico formatado, comercializável e gerador de impactos econômicos positivos. Segundo um estudo qualitativo, realizado pela autora, no período de 17 a 18 de julho de 2004, todos os moradores entrevistados afirmaram que gostariam que os turistas continuassem a visitar a cidade. A pesquisa também revelou que 82% dos entrevistados trabalhavam com alguma atividade relacionada direta ou indiretamente com o turismo e 100% das mulheres entrevistadas trabalhavam com atividades que estavam diretamente relacionadas com o setor turístico.

Desde a realização desta pesquisa feita por Pires Fabiana (2005), há um ano e meio, o que se pode notar, atualmente, é que quase nada mudou em relação à percepção dos moradores de Tiradentes frente ao turismo.

Durante as três pesquisas de campo, que compõem este estudo, verificou-se que as pessoas mais velhas e que, portanto, acompanharam o processo de desenvolvimento do turismo na cidade, têm um sentimento de compensação: perdeu-se um pouco da tranquilidade e da convivência com os vizinhos, mas ganhou-se em desenvolvimento, urbanização e serviços básicos e secundários à população, como transporte, saúde e opções de entretenimento. É possível verificar essas questões na fala da entrevistada **M**, em Março de 2006 [...] “porque meu filho hoje tem fazenda, tem tratores, tem carros, pode me levar aos lugares, os meus netos viajam, falam outras línguas, então, vale a pena”.

A vida na cidade constituía-se de diversas dificuldades, entre elas a locomoção, pois não havia calçamento num trecho de 5 quilômetros que liga Tiradentes ao trevo de São Del Rey - na época, um pólo regional e caminho para o Rio de Janeiro. Em função das condições precárias de vida as quais a sociedade foi submetida, há uma convivência em relação aos efeitos negativos da atividade turística.

Quando eu era menina que eu estudava, morava na fazenda, andava longe. Já ouviu falar em Bichinho? Morava lá no caminho do Bichinho. Vinha a pé, o colégio era lá em cima. Agora já tem outros colégios aqui. Pra gente pegar aula 7 horas, tinha que sair de casa 5 horas. (Entrevistada **M**, 03/03/06).

Ao se perguntar para os moradores sobre os tipos de conseqüências (boas e/ou ruins), que as pousadas trazem para o município, apenas 4 dos 15 entrevistados acreditam que os empreendimentos hoteleiros, em excesso, podem causar alguma conseqüência negativa. Os quatros moradores consideram como aspectos ruins, a ocupação desordenada do solo e do espaço. [...] “Hoje temos problemas com pousadas embargadas com cento e tantos apartamentos, projetos de duzentos e tantos apartamentos, tem *resort*, tem centro de convenção” (ENTREVISTADO **J**, Mar. 2006) e fatores como o aumento do tráfico de drogas, excesso de veículos e produção elevada de lixo.

A entrevistada **F** elegeu alguns problemas que, segundo ela, são causados não pela quantidade de pousadas na cidade, mas pela má administração pública. Ela acredita que a cidade está se descaracterizando em função da construção de novas casas e condomínios; faltam passeios para pedestre; as ruas estão sujas, e o turista está sendo explorado, principalmente pelos serviços de alimentos e bebidas. [...] “Certo dia, minha hóspede, pagou R\$28,00 por um caldo, ela se queixou comigo” (ENTREVISTADA **F**, Mar. 2006).

Quando questionados sobre a oportunidade de observar alguma preocupação dos proprietários das pousadas em relação ao desenvolvimento sustentável do turismo, 6 dos 15 entrevistados disseram que sim, que alguns pousadeiros se preocupam, porém não souberam mencionar nenhuma ação feita pelos proprietários.

Com relação ao significado do patrimônio cultural para a população tiradentina, os dez entrevistados que responderam a essa questão, afirmaram que é de extrema importância preservar e cuidar do patrimônio histórico e cultural da cidade.

Nesse momento da entrevista, percebeu-se uma urgência em preservar para o outro, para o mercado emissor, o que conforme observado anteriormente pela autora Luchiari (1997) e constatado por meio das respostas dos moradores entrevistados, isso pode vir a ocorrer em algumas localidades turísticas, de acordo com algumas falas dos entrevistados: [...] “O patrimônio cultural é tudo! Porque o pessoal vem conhecer as Igrejas, o Chafariz, ou seja, Patrimônio cultural é tudo”

(ENTREVISTADA **P**, Mar. 2006). [...] “Acho que sentia necessidade de conservar para o turista. Porque se estragasse, o turista vai ver o quê?” (ENTREVISTADA **L**, Mar. 2006). [...] “Houve melhoria da qualidade de vida, aumento do número de empregos em restaurantes, mas também houve o processo de exclusão social: a cidade está voltada para o turista” (ENTREVISTADO **N**, Mar. 2006).

Dessa forma, verifica-se uma idolatria, uma certa veneração ao turismo, o que se torna compreensível quando contextualizadas as condições precárias de vida em que a população estava sujeita no passado. [...] “Os prefeitos, que atuavam naquela época, não tinham recursos como caminhões, maquinários, todo serviço da prefeitura era feito por charretes, a infra-estrutura da cidade era precária” (ENTREVISTADO **E**, Mar. 2006).

O turismo ofereceu oportunidade de emprego e renda para essas pessoas e, despertou nelas um anseio por riqueza... Atualmente, nota-se nos moradores um comportamento mercantilista, que há anos não era habitual. O entrevistado **O** (Mar. 2006) fez uma declaração interessante, disse que alguns dos negócios turísticos demandam pouco investimento e, no entanto, proporcionam um retorno rápido do capital investido. Deu, como exemplo, as charretes que fazem passeios pelos pontos turísticos da cidade. Segundo o entrevistado, este mercado (32 charretes) sustenta 150 famílias. Um cavalo custa em média R\$1.000,00 e uma charrete equipada R\$1.500,00, com esse investimento é possível obter um faturamento médio de R\$150,00 por dia. Contudo, houve uma super valorização “do ponto” que fica localizado na praça central da cidade; atualmente custa em média R\$6.000,00, cada ponto.

Estas charretes são alvos de crítica de alguns moradores e autores que já pesquisaram a cidade, como Pellegrini (2000). Conforme se pode ver na foto a seguir, elas ficam estacionadas em torno da praça, a qual, fica próxima de vários restaurantes. O mau cheiro provocado pelos dejetos de origem animal incomoda aos turistas e empresários. Não há nenhuma fiscalização sobre o tratamento que os animais recebem ou mesmo, da maneira como o charreteiro conduz o veículo.



Foto 12: Charretes para passeio turístico
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (Mar. 2006).

5.4 Uma Abordagem Sistêmica do Processo de Turistificação de Tiradentes

O turismo proporciona novas formas de sociabilidade, articuladas em função do processo contemporâneo de revalorização das paisagens para o lazer. A partir das atividades econômicas praticadas pelo homem e do juízo de valor que a sociedade institui, o meio ambiente pode ser visto como alternativa de desenvolvimento local (LUCHIARI, 1997).

Dessa forma, procurou-se analisar os principais atores e processos relacionados ao turismo em Tiradentes de maneira unificada, ou seja, as questões resultantes da interação dinâmica de cada uma das partes/ atores envolvidos no processo de expansão das pousadas. A necessidade de se tratar os problemas de forma sistêmica surgiu com a teoria geral dos sistemas proposta por Bertalanffy (1973). Para o autor, um sistema pode ser definido como “um complexo de elementos em interação” (idem p. 84).

Com base na teoria geral dos sistemas, Beni (1998) propõe que a atividade turística seja considerada um sistema aberto, pois o turismo permite a identificação de suas características básicas e essas, por sua vez, tornam-se elementos do sistema.

Diante das possibilidades apresentadas pela teoria geral dos sistemas, propõe-se o seguinte sistema turístico para Tiradentes:

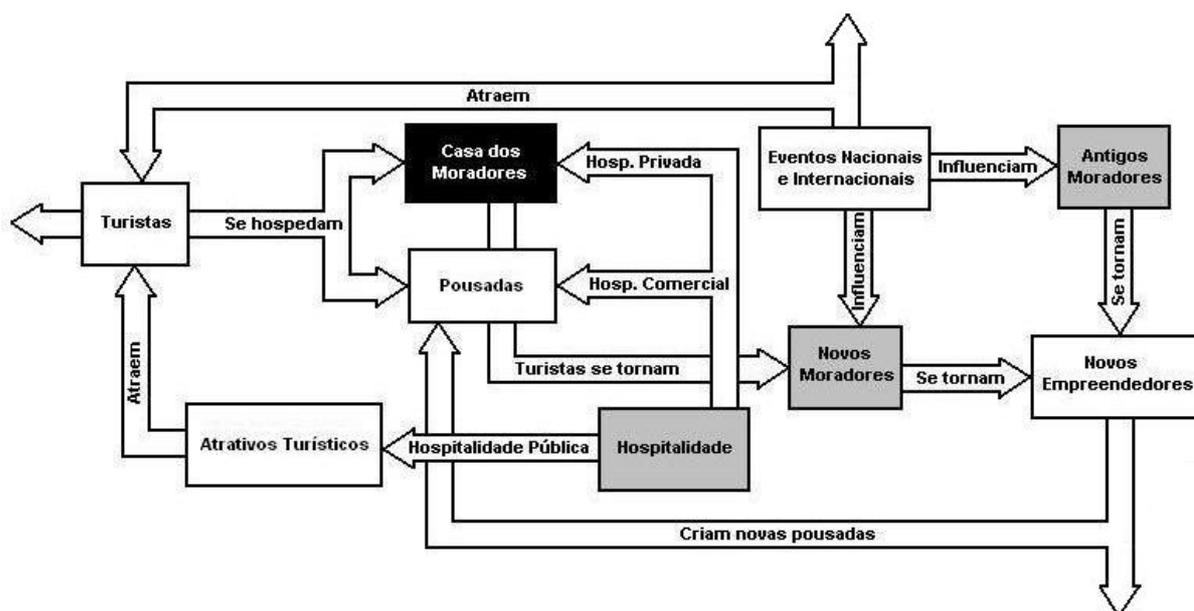


Figura 4. Sistema Turístico da cidade de Tiradentes¹⁶.
Fonte: Dados da Pesquisa.

Conforme abordado no referencial teórico, Melo (2001) sugere que a realidade seja analisada a partir de recortes, isto é, pequenos fenômenos observados dentro de um fenômeno maior, interligado. Por isso, é possível interpretar as relações estabelecidas entre as pousadas e o território.

O sistema acima demonstra o processo de surgimento de novas pousadas na cidade, bem como os inter-relacionamentos entre os diversos segmentos que compõem o turismo no município. A caixa preta refere-se à hospitalidade doméstica e, por não se tratar de um objeto de estudo, neste momento, sabe-se pouco a respeito dela. Assim, a cor preta simboliza o não-acesso ou desconhecimento acerca dos resultados da interação de um sujeito com os outros elementos do sistema; as caixas cinza simbolizam uma compreensão parcial, e as demais foram entendidas. Os componentes do sistema podem ser resultados de iniciativas públicas e/ou privadas.

A hospitalidade e a cultura da população tiradentina, também, fazem parte dos diversos atrativos da cidade (PELLEGRINI, 2000). Além disso, diversos serviços são oferecidos ao visitante, entre eles, meios de hospedagem, restaurantes e

¹⁶ Fonte: O sistema foi elaborado a partir de informações obtidas em trabalho de campo (17/01/2005).

espaços para a realização de eventos nacionais e internacionais.

No período de um ano, isto é, entre o segundo e o terceiro trabalho de campo que compõem este trabalho, observou-se o crescimento de alguns dos serviços turísticos como, salões de beleza, supermercados e padarias. Empresas de informática e TV a cabo da cidade de São João Del Rei estão sempre nas ruas de Tiradentes prestando algum serviço às pousadas e aos novos moradores. As empresas de *delivery* (entrega) também se expandiram.

Motivados pelos atrativos turísticos e por toda a infra-estrutura do município, os turistas chegam a Tiradentes e se hospedam em casas de amigos, parentes e também nos diversos estilos de pousadas que existem no município. O fluxo turístico proporcionado pelos eventos, turistas e novos empreendedores está vinculado a outras escalas e, por isso concebe a localidade uma dinâmica constante. Encantados com a hospitalidade do lugar, alguns visitantes tornam-se moradores, participando ativamente do sistema turístico com seus empreendimentos (casas de artesanato, pousadas, restaurantes e cafés).

Com base em algumas informações adquiridas mediante entrevistas, principalmente com uma artista plástica e com o secretário municipal de turismo de Tiradentes, conclui-se que esse processo turístico desperta interesse nos antigos moradores. Eles, também, desejam ser beneficiados com a atividade turística e, por isso, decidem investir no turismo, principalmente nos meios de hospedagem de pequeno e médio porte.

Certamente, os eventos que a cidade abriga lhe dão destaque, promovem empregos, despertam curiosidades nas crianças e influenciam no cotidiano dos novos e antigos moradores. Porém, é necessário lembrar que, no anseio de exercer algum papel no processo de globalização, alguns lugares perdem seus hábitos e costumes. “O turista que visita Tiradentes estranha à ausência, em seu centro histórico, daquela forma de vida interiorana, uma cultura cotidiana local tão esperada em uma cidadezinha mineira” (MENESES JOSÉ, 2004, p. 64).

Uma outra questão a ser levantada é o processo de organização territorial que não responde às necessidades locais, apenas reproduz os atributos valorizados nos centros urbanos emissivos. E, como foi dito anteriormente, o fluxo turístico de uma área ou região deve contribuir para novas formas de sociabilidade por meio da reestruturação das relações do lugar com o mundo, administrando o tradicional e o moderno. Segundo Meneses José, (2004, p. 64) em Tiradentes “[...] há um falso

cosmopolitismo promovido por um comércio agressivo que aproveita do rico e belo artesanato regional e da cultura culinária que, de valorosa e bem-construída, tende a se tornar estilizada e pouco natural”.

Dos aproximadamente seis mil moradores da cidade de Tiradentes (IBGE 2000/2001), um terço da população veio de outras localidades. Essas pessoas vieram em busca de oportunidade de trabalho e qualidade de vida, proporcionam trocas culturais entre os antigos e novos moradores, e deles com os turistas. Tais relações, também, estimulam a criação de novos lugares de consumo no município. Observa-se nos dias atuais uma preocupação com a hospitalidade pública, com os espaços disponíveis para a comunidade e para o visitante. Contudo, a difusão cultural e o respeito ao conjunto arquitetônico da cidade merecem ser trabalhados, principalmente junto ao turista.

Atualmente, os moradores de Tiradentes vêem no turismo uma oportunidade de ganhar dinheiro, mas poderiam pensar também sobre a possibilidade de conviver com outras culturas, isto é, uma troca cultural que viabilize a ligação entre o local e o global. É necessário, portanto, que a cidade participe do processo de globalização sem a pasteurização da cultura tiradentina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender a relação entre as pousadas e o processo de turistificação da cidade de Tiradentes e, para isso, apresentou-se um problema de pesquisa que discutiu a relação entre os meios de hospedagem, em especial, pousadas e o espaço turístico da cidade de Tiradentes-MG.

Em resposta a esta questão, foram identificadas as seguintes hipóteses: as pousadas externalizam (transferem) suas responsabilidades ambientais e de infraestrutura para o poder público local e as políticas públicas direcionadas à preservação do patrimônio histórico são bem-aceitas pelos proprietários de pousadas em função do valor que a arquitetura agrega ao turismo.

Por meio do referencial teórico e dos trabalhos de campo, foi possível verificar que as pousadas influenciam /interferem no processo de urbanização local e nas estratégias de gestão municipal. Os atores ou agentes apresentados de maneira sistêmica (no último capítulo) é uma tentativa de sintetizar boa parte das relações estabelecidas entre quem recebe e quem visita o lugar turístico (Tiradentes). As pousadas são consideradas equipamentos turísticos, ou seja, permitem ou facilitam a permanência do turista no atrativo visitado. No caso de Tiradentes, constatou-se mais que isso, por meio de suas ações de marketing e promoção elas, também, motivam o turista a conhecer a cidade.

No que diz respeito ao número de pousadas instaladas no município pesquisado, verificou-se durante a interpretação dos dados coletados, alguns aspectos positivos, como a geração de emprego e renda e, negativos como a poluição do ambiente, o crescimento desorganizado de alguns bairros e a descaracterização da terminologia pousada, em relação à tipologia hoteleira.

A ausência de critérios para classificação e definição de uma terminologia adequada, o contexto do surgimento deste equipamento de hospedagem no Brasil e as estratégias políticas e econômicas locais e globais constituem os principais motivos para o seu uso generalizado e inadequado.

Com relação à primeira hipótese, percebeu-se que existe um consenso a respeito da importância de se cuidar dos recursos naturais disponíveis. Porém, observou-se uma externalização das responsabilidades com o meio ambiente, por parte dos proprietários das pousadas. Dessa forma, o consumo racional de água e

energia, o tratamento do esgoto e a destinação que é dada ao lixo produzido na cidade são questões administradas ou contornadas pela iniciativa pública.

Durante a coleta de dados que permitiram confirmar a segunda hipótese, concluiu-se que o patrimônio cultural passou a ser valorizado pela maioria da população local, com o advento do turismo. Por volta dos anos de 1970 e início da década de 1980, a comunidade estava ávida por substituir rapidamente suas janelas em madeira por basculantes novos e modernos. E, é nesse sentido que a estagnação econômica contribuiu para a preservação do patrimônio cultural. Logo que a Associação de Moradores de Tiradentes, com o apoio do IPHAN conseguiram recursos para a manutenção de alguns primeiros casarões do centro histórico, a população apresentou resistência e criticou a atitude, pois eles, não tinham compreendido os investimentos que seriam feitos na atividade turística.

Ainda, com relação à segunda hipótese, cabe também ressaltar que não só a arquitetura, mas o artesanato e a gastronomia local agregam valor ao turismo na cidade de Tiradentes. Quando elaborada essa hipótese, não se esperava que essas outras duas manifestações culturais tivessem tanta representatividade para a atividade turística local.

A proposta de rever os valores que norteiam a interpretação do patrimônio cultural, as interferências ambientais e o uso da paisagem para o turismo podem contribuir para um desenvolvimento sustentável ou no mínimo aceitável para Tiradentes. Acredita-se que não é o desejo da comunidade nem do turista obter como resultado da atividade turística um ambiente degradado ou mesmo um espaço que tenha um clima (a sensação) de cidade cenário.

Observa-se uma política de preservação fundamentada no risco de perda, e não no significado e importância social. Faz-se necessária uma revisão por parte dos gestores e da sociedade a respeito dos valores que constituem o conceito patrimônio cultural e o que deve ou não ser mantido por todos. Assim, haverá cidades desejáveis, com melhores condições de vida para a população e para os turistas.

Ao buscar um planejamento turístico integrado, com perspectivas a longo prazo e com um menor impacto (negativo) sobre o ambiente, previne-se um diagnóstico simplista de que o desenvolvimento turístico é bom para todos os lugares e que sempre proporciona benefícios à comunidade receptora. Normalmente, tende-se a destacar apenas os resultados econômicos do turismo e sua capacidade de promover empregos e renda para os anfitriões.

A princípio, algumas ações práticas no dia-a-dia da cidade podem proporcionar um maior conforto para o turista e para a comunidade local como, por exemplo, melhorar a pavimentação das ruas, onde em alguns casos não existe passeio para o pedestre; distribuir lixeiras, principalmente nos pontos turísticos; tratar o córrego que corta a cidade; aperfeiçoar a sinalização indicativa e de trânsito; delimitar faixas de travessia para pedestres, pois a circulação de veículos no centro histórico é intensa; fortalecer a associação comercial ou criar uma associação de classe ou seguimento; ampliar a comunicação entre os órgãos públicos e os empreendedores do município, frente às políticas de gestão da prefeitura; aumentar o número de telefones públicos e solucionar o problema do número de animais que vivem nas ruas, principalmente, cachorros.

Diante disso, sugere-se uma revisão do fluxo turístico na cidade, do ponto de vista do planejamento sustentável e também a partir de alguns especialistas de marketing que tratam do ciclo de vida de um produto ou serviço ofertado.

De acordo com todos os dados adquiridos durante as entrevistas e leituras, conclui-se que os fatores que contribuíram para a manutenção da paisagem em Tiradentes foram: o IPHAN, que possui um escritório na cidade desde 1983; a Sociedade Amigos de Tiradentes que, curiosamente, foi idealizada por pessoas vindas de outros municípios e, posteriormente, conquistaram o apoio de alguns moradores do centro histórico; a Fundação Roberto Marinho, representada por um de seus presidentes, o qual pertencia à Sociedade Amigos de Tiradentes e o abandono, isto é o não-dinamismo econômico que Tiradentes vivenciou, após a decadência do ciclo do ouro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA FILHO, Sid. **Tiradentes, a Serra de São José no contexto de ecoturismo**. Lavras (MG): [s.n.], 1998.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. 2ª edição. Campinas, SP: Papiros, 2001.

BENEVIDES, Ireleno P. O Prodetur-CE: o planejamento territorial do turismo como caso de planejamento governamental no Ceará. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2001, p.163-176.

BENI, Mário. **Análise estrutural do turismo**. 4ª edição. São Paulo: Senac, 1998.

BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

BUSSONS, Alice Mussulini; HAMABATA, Karla Medeiros; GONÇALVES, Pedro Ivo. Importância do turismo para a preservação do patrimônio histórico-cultural. In: BAHL, Miguel; MARTINS, Rosilene Conceição Rocha; MARTINS, Sérgio Fernandes. **O turismo como força transformadora do mundo contemporâneo**. São Paulo: Roca, 2005, p. 3-13.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (org.) **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003, p. 7-27.

CAMARGOS, Isadora. Alterado projeto de loteamento. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 30 abr. 2005. Gerais, p. 25.

CAMPOS, Luiz Cláudio de A. Menescal; GONÇALVES, Maria Helena Barreto. **Introdução a turismo e hotelaria**. Rio de Janeiro: Senac. DN, 1998.

CARLOS, Ana Fani A. O turismo e a produção do não lugar. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza (orgs.). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 25-37.

CARVALHO, Pompeu Figueiredo. Patrimônio histórico e artístico nas cidades médias paulistas: a construção do lugar. In: IAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 100-113.

CETRON, Marvin. O mundo de hoje e de amanhã: uma visão global. In: LOCHWOOD, A e MEDLIK, S. (org.). **Turismo e Hospitalidade no século XXI**. Barueri: Manole, 2003.

CLASSIFICAÇÃO hoteleira. **Matriz de classificação hoteleira**. Disponível em: <<http://www.abih.com.br/>>. Acesso em 29 out. 2004.

COOPER, Chris. et al. **Turismo: princípios e prática**. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

CRUZ, Rita de Cássia A. Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais. In: DIAS, Célia Morais. **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002b, p. 39-56.

_____. **Política de turismo e território**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2002a.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 7ª edição. São Paulo: Futura, 2003.

DIAS, Celia Maria de Moraes. **Home away from home – evolução, caracterização e perspectivas da hotelaria**: um estudo compreensivo. 1990. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

DUARTE, Vladir Vieira. **Administração de sistemas hoteleiros**: conceitos básicos. São Paulo: Senac, 1996.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Imagem de satélite da região de Tiradentes. Disponível em: <<http://www.embrapa.br/>>. Acesso em 15 de abr. de 2006.

ESTATUTO das cidades. Lei Federal nº 10.257. Disponível em: <http://www.seplan.to.gov.br/dpl/estcid.pdf>>. Acesso em 3 de jun. 2006.

FALCÃO, Daniela. Centros urbanos dão um basta à pressa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro. 30 set. 2001, Vida, p. 15.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. Turismo e cultura: um estudo das modificações culturais no município de Soure em decorrência da exploração do turismo ecológico. In: LEMOS, Amália Inês G. (org.). **Turismo: impactos socioambientais**. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 207-222.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio em processo**: trajetória da política de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: IPHAN, 1997.

GIRÃO, Eduardo Tristão. Encontro de sabor e arte. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 20 ago. 2005. Gerais, p. 26.

GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. Natureza e cultura. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 49-70.

GOMES, Graziela Laura. Comércio étnico em Belleville: memória, hospitalidade e conveniência. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, n. 29. 2002, p.187-207.

GONSALVES, LUIZ Cláudio. **Gestão ambiental em meios de hospedagem**. São Paulo: Aleph, 2004.

GUIA ROTEIROS DE CHARME. **Associação de hotéis roteiros de charme**. Rio de Janeiro, 2006.

HAMEL, Gray e PRAHALAD, C. K. **Competindo pelo futuro**: estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HILLMAN, J. **Cidade e Alma**. São Paulo: Nobel, 1993.

HORTA, Catherine Fonseca; ARAÚJO, Ricardo Alexandre dos Santos. **Turismo, história e pós-modernidade**: breve análise sob a ótica do turismo em Tiradentes, MG. Pretexto, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 115-123, jul. 2003.

HSIEH, Ernesto. **Pousada**: entre o sonho e a realidade. Barueri, SP: Manole, 2006.

IBGE – base cartográfica. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>> acesso em 30 de mar. 2006.

IBGE – censo demográfico. Disponível em <www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela>. Acesso em 28 Abr. 2006.

IBGE (2000 / 2001). Cidades. Disponível em <www.ibge.gov.br/cidadesat/sintese>. Acesso em 15 Dez. 2005.

IMOBILIÁRIA WALASSE. Tiradentes [s.n.], 2006. Entrevista concedida a Patrícia Gonzaga de Oliveira.

IRVING, Marta de Azevedo. Turismo, ética e educação ambiental: novos paradigmas em planejamento. In: IRVING, Marta de Azevedo; AZEVEDO, Julia. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002, p. 17-34.

JORNAL TIRADENTES. Tiradentes – Minas Gerais, out. 2004. Geral, p. 2.

KNAFOU, Remy. Turismo e território: para um enfoque científico do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 62-74.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alisson (org.) **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. São Paulo: Manole, 2004.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. A (re)significação da paisagem no período contemporâneo. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 9-28.

_____. Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista. In: RODRIGUES, Adyr Balastri (org.). **Turismo, modernidade e globalização**. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2002, p.136-154.

_____. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: LIMA, Luiz Cruz (org.). **Da cidade ao campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza. Universidade Federal do Ceará/Ed. Funece, 1997, p.15-29.

MAMEDE, Gladston. **Manual de direito para administração hoteleira**: incluindo análise dos problemas e dúvidas jurídicas, situações estranhas e as soluções previstas no direito. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCELINO, Ana Maria T. O turismo e sua influência na ocupação do espaço litorâneo. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2001, p.177-183.

MELO, Vera Mayrinck. Paisagem e simbolismo. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 29-48.

MENESES, José Newton Coelho. **História & turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-64.

_____. Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: IAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza. **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996.

MONNET, Jérôme. O álibi do patrimônio. Crise da cidade, gestão urbana e nostalgia do passado. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. 1999.

MURTA, Stela Martins; ALBANO Celina (org.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

NAISBITT, John. **High tec, high touch**: a tecnologia e a nossa busca por significado. São Paulo: Cultrix, 1999.

OLIVEIRA, Adones. Pousadas de Portugal: uma maneira de hospedar-se com estilo e requinte. **Jornal Brasilturis**. São Paulo, n.474, jan /2ªquinzena. p. 6, 2002b.

OLIVEIRA, Antônio Pereira. **Turismo e desenvolvimento**: planejamento e organização. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002a.

OLIVEIRA, Patrícia Gonzaga. Dados da pesquisa de campo. Tiradentes [s.n] 2006.

PAIVA, Maria das Graças de M. Venâncio. Globalização e segmentação: reflexões sobre o mercado de trabalho em turismo no Nordeste. In: LEMOS, Amália Inês G. de. **Turismo - impactos socioambientais**. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 273-279.

PEARCE, Philip L. A relação entre residentes e turistas: literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão. In: THEOBALD, William F. (org.). **Turismo global**. 2ª edição São Paulo: SENAC, 2002.

PELLEGRINI Filho, Américo. **Turismo cultural em Tiradentes**: estudo de metodologia aplicada. São Paulo: Manole, 2000.

PIRES, Fabiana Mendonça. Turismo, uma atividade que impulsiona a economia local: um estudo de caso em Tiradentes. In: BAHL, Miguel; MARTINS, Rosilene Conceição Rocha; MARTINS, Sérgio Fernandes. **O turismo como força transformadora do mundo contemporâneo**. São Paulo: Roca, 2005, p. 305-315.

PIRES, Maria Coeli Simões. **Da proteção ao patrimônio cultural**: o tombamento como principal instituto. Belo Horizonte: Del Rey, 1994.

PIRES, Paulo dos Santos. A paisagem litorânea como recurso turístico. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza (orgs.). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999, p.161-178.

POLIZEL, H.; MASSELLI, P. Classificação hoteleira brasileira: credibilidade na orientação da demanda. **Revista da Faculdade da Fundação Educacional Araçatuba**. Araçatuba, v.2, n.2, nov. 2003.

PORTER. Michael. **Competição – estratégias competitivas essenciais**. 4ª. edição Rio de Janeiro: Campus, 1999.

REIS, Sérgio Rodrigo. Noite de imagens e homenagens. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 21 jan. 2006. Gerais, p. 24.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Notas introdutórias. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). **Turismo, modernidade e globalização**. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. Percalços do planejamento turístico: o Prodetur-NE. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2001b, p.147-162.

_____. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2001a.

ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à economia**. 19ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

ROTEIROS DA ESTRADA REAL. Minas Gerais: Instituto Estrada Real. Nº. 3, ago. 2004.

RUBINO, Silvana. O mapa do Brasil passado. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Nº 28, 1999.

SAGARANA. Revista de Turismo. Belo Horizonte: Ventura, n. 19, Janeiro de 2004.

SANSOLO, Davis, Gruber. Indicadores ambientais de hospitalidade em lugares turísticos: uma reflexão para o planejamento. In: DENCKER, Ada de Freitas Mneti (org.). **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Thomson, 2004, p. 167-183.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 4ª edição. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 5ª edição. São Paulo: EdUSP, 2004.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil - território e sociedade no início do século XXI**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2ª edição. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 12-74.

SETUR-MG. Secretaria de Turismo de Minas Gerais. Políticas estaduais de turismo. Circuitos turísticos. Disponível em: <http://www.turismo.mg.gov.br/circuitos_turisticos>. Acesso em 01 de maio de 2006.

SILVA, Maria Beatriz. Preservação na gestão das cidades. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Nº 28, 1999.

SILVEIRA, Maria Laura. Da fetichização dos lugares à produção local do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). **Turismo, modernidade e globalização**. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2002, p.36-45.

SIMÃO, Maria Cristina. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOUZA, Jorge. A maravilha da ilha do Brasil. **Revista Viagem Mais por Menos**. São Paulo: Ed. Europa, n.30, p. 47-50, nov. 2003a.

_____. História em Tiradentes. **Revista Viagem Mais por Menos**. São Paulo: Ed. Europa, n.28, p. 30-38, set. 2003b.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 9 edição. São Paulo: Contexto, 1998.

SWARBROOKE, John; HORNER, Susan. **O comportamento do consumidor no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

TALAVERA, Agustín Santana. Patrimônios culturales y turistas: unos leen lo que otros miran. **Revista Pasos**, Barcelona, n.1, 2003, p. 1-12.

TEIXEIRA, Rivanda Meira; MORRISON, Alison. Desenvolvimento de empresários em empresas de pequeno porte do setor hoteleiro: processo de aprendizagem, competências e redes de relacionamento. **Revista de Administração Contemporânea**. Curitiba, v.8, n.1 jan./mar. p. 105-128, 2004.

TELFER, Elizabeth. A filosofia da hospitalidade. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (org.) **Em busca da hospitalidade**: perspectivas para um mundo globalizado. São Paulo: Manole, 2004, p. 53-77.

TOBAR, Federico; YALOUR, Margot Romano. **Como fazer teses em saúde pública**: conselhos e idéias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

TONACO, Cláudia. Hotelaria mineira dá show no Rio. **Jornal Pampulha**, Belo Horizonte, 1 abr. 2006. Turismo, p. E7.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. O turismo no espaço globalizado. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). **Turismo, modernidade e globalização**. 3ª edição. São Paulo: Hucitec, 2002, p. 17-35.

TULIK, Olga. **Turismo e meios de hospedagem**: casas de temporada. São Paulo: Roca, 2001.

VASCONCELOS, Daniel Arthur L. Turistificação do espaço e exclusão social: a revitalização do bairro Jaraguá, Maceió – AL, Brasil. **Turismo em análise**. São Paulo: Aleph, v. 16, nº 1. Maio/2005, p.47-67.

VEJA. São Paulo: Edição Especial. O melhor do Brasil – turismo e gastronomia. Guia 2006. Editora: Abril. Dez. 2005.

VEJA. São Paulo: Editora: Abril, Nº 17, 27 de fevereiro de 2002.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2004.

WADA, Elizabeth Kyoko. **Tipologia da hotelaria**. Anhembi Morumbi. São Paulo [SL], 2005. Notas de aula.

WALKER, John. **Introdução à hospitalidade**. Barueri: Manole, 2002.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. Vandalismo, paisagem e turismo no Brasil. In: YÁZIGI, Eduardo, CARLOS; Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza (org.). **Turismo, espaço, paisagem e cultura**. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999, p.133-155.

APÊNCICES

APÊNDICE A –

Formulário Semi-estruturado de Entrevista – Moradores da cidade de Tiradentes

Formulário de Entrevista – Moradores de Tiradentes

1. Quando começou o turismo em Tiradentes? Qual foi sua origem?
2. Fale um pouco sobre o processo de desenvolvimento do turismo na cidade.
3. a) Na sua opinião, que fatores contribuíram para a manutenção da paisagem, do estilo colonial das construções...?

b) O que o patrimônio cultural representa para a atividade turística da cidade?
4. O Sr. (a) considera a cidade hospitaleira? Fale um pouco sobre os rituais tiradentinos ao receber pessoas.
5. Quais os tipos de conseqüências (boas e más) que as pousadas trazem para o município?
6. O Sr. (a) tem a oportunidade de observar alguma preocupação dos proprietários das pousadas em relação ao desenvolvimento sustentável do turismo?
7. Como a comunidade percebe a atividade turística nos dias atuais?

APÊNDICE B –

Formulário Estruturado de Entrevista – Proprietários / Responsáveis por Pousadas em Tiradentes

Formulário de entrevista para verificar as principais características das pousadas e o perfil de seus proprietários: Tiradentes - Minas Gerais

Nome da Pousada: _____

Endereço: _____

Data de inauguração: _____

Nome do proprietário: _____

Naturalidade do proprietário: _____

Nome do entrevistado: _____

Cargo do entrevistado: _____

1. Estado civil do proprietário (a):

- Casado
- Solteiro
- Divorciado ou Viúvo

2. Idade do proprietário:

- 18 a 25
- 26 a 35
- 36 a 50
- acima de 50

3. Qual é o estilo da construção?

- Construção nova (estilo colonial ou moderno)
- Histórica
- Extensão da residência

4. Número de Uhs (apartamentos / quartos)

- 1 a 10
- 11 a 20
- 20 a 30
- acima de 30

5. Funcionamento:

- o ano todo
- somente alta temporada
- finais de semana e feriados

6. Equipamentos nos apartamentos:

- ar condicionado
- ventilador
- TV
- frigobar
- telefone
- outros _____

7. Equipamentos e serviços nas áreas comuns:

- sala de jogos
- salão para eventos
- piscinas
- estacionamento _____ vagas
- restaurante _____ pessoas
- serviço de recepção
- outros _____

